



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM LETRAS**

**NAIARA JOELMA BISPO DA SILVA**

**Temáticas do romance brasileiro contemporâneo: representação da periferia e marginalidade na obra *Os Supridores*, de José Falero**

**CAMPO GRANDE – MS**

**2024**



**NAIARA JOELMA BISPO DA SILVA**

**Temáticas do romance brasileiro contemporâneo: representação da periferia e marginalidade na obra *Os Supridores*, de José Falero**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Mestre em Letras.

**Orientador:** Prof. Dr. Andre Rezende Benatti.

**CAMPO GRANDE – MS**

**2024**

S578t SILVA, Naiara Joelma Bispo da.

Temáticas do romance brasileiro contemporâneo: representação da periferia e marginalidade na obra *Os Supridores*, de José Falero/Naiara Joelma Bispo da Silva. Campo Grande, MS: UEMS, 2024.

Dissertação (Mestrado) – Letras – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2024. Orientador: Prof. Dr. Andre Rezende Benatti.

Romance Brasileiro Contemporâneo. 2. Literatura Periférica. 3. *Os Supridores*. 4. José Falero. SILVA, Naiara Joelma Bispo da. II. Título

CDD 23 ed. 869.9355

Ficha Catalográfica elaborada pela bibliotecária da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) Joyce Mirella dos Anjos Viana, CRB nº 3530 - 1ª Região.

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**NAIARA JOELMA BISPO DA SILVA**

**Temáticas do romance brasileiro contemporâneo: representação da periferia e marginalidade na obra *Os Supridores*, de José Falero**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, para a obtenção do título de Mestre em Letras na Área de Concentração em Estudos Literários.

31 de maio de 2024

### **Comissão Examinadora:**

---

Prof. Dr. Andre Rezende Benatti (UEMS) – Presidente

---

Profa. Dra. Adriana Lins Precioso (UNEMAT) - Membro Titular

---

Prof. Dr. Volmir Cardoso Pereira (UEMS) – Membro Titular

---

Prof. Dr. Altamir Botoso (UEMS) – Membro Suplente

---

Prof. Dr. Ravel Giordano Paz (UEMS) – Membro Suplente

Ao meu pai, José Roberto da Silva (*in memoriam*)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Oxalá por ter resguardado minha saúde física e mental, ter doutrinado a minha fé, me amparando em todos os meus momentos de angústia ou impaciência.

Agradeço ao meu pai, José Roberto (*in memoriam*), por sempre ter acreditado no meu potencial, ter enfatizado que o conhecimento é um patrimônio que nunca poderia ser tirado de mim, que todo pobre precisa construir um nome e carregar uma bagagem de estudos, conseqüentemente, conquistas e vitórias. Hoje, na minha memória, tão congestionada, e no meu coração, tão cheio de marcas e poços, ele ocupa o lugar mais bonito. Agradeço a mim, por ter mantido vivo o desejo de retomar a pós-graduação mesmo diante de muitas dificuldades.

A minha mãe Marizilda por aceitar a distância e compreender os meus anseios e a minha dedicação aos meus estudos. A minha irmã Tainara por estar sempre disponível a palpitar no meu texto, completar as minhas ideias, ouvir as minhas lamúrias quando a minha produção não acompanha a minha mente. Às minhas tias que sempre me apoiaram e incentivaram a buscar uma vida melhor.

Ao meu primo Marcílio que sempre se dispôs a me auxiliar em todas as minhas necessidades, que incentivou o meu propósito acadêmico, que foi meu consultor literário para assuntos aleatórios, lendo meus rascunhos, sugerindo teóricos para enriquecer o meu material. Aquela figura que na ausência física do meu pai cumpre o papel com maestria, cumplicidade e sucesso.

A minha amiga Cristiane Ramos, minha comadre Suzana Correa Marques por vinte anos de amizade, cumplicidade e respeito em todos os momentos das nossas vidas. E minha amiga de mestrado Mariluce por ouvir minhas ideias furadas, e ler meu material a cada nova proposta.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Andre Rezende Benatti que desde o princípio compreendeu o meu propósito em conquistar o título de mestre, e pacientemente tem colaborado para que esta dissertação seja o reflexo de incansáveis esforços.

À UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul que tem subsidiado o meu desejo em aprimorar o meu conhecimento teórico e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) pelo aporte financeiro,

pois a implementação das bolsas é uma forma de incentivo à pesquisa, um investimento que deve ser defendido e ampliado em favor e fortalecimento da universidade pública.

A todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a construção deste propósito.

“Sempre que a realidade mete o pé na porta, não há sorriso que não trate de escapular pela janela. Todo felizardo é, antes de mais nada, um iludido”

**(Falero, 2020, p. 161)**

SILVA, N. J. B. **Temáticas do romance brasileiro contemporâneo: representação da periferia e marginalidade na obra *Os Supridores*, de José Falero.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, para a obtenção do título de Mestre em Letras na Área de Concentração em Estudos Literários. Campo Grande, MS, 2024.

## RESUMO

A discussão proposta neste trabalho partiu da apresentação da obra *Os Supridores* (2020), assim como seu autor, José Falero (1987), considerando as linhas temáticas do romance brasileiro contemporâneo. Nessa obra a representação do indivíduo oriundo do subúrbio diante do cenário socioeconômico contemporâneo e a marginalidade são aspectos significativos. José Falero surgiu como uma das revelações do ano de 2020 no contexto literário brasileiro, incluindo-se entre outros escritores intitulados periféricos que estão protagonizando o que pode ser visto como um movimento cultural da classe socialmente desprivilegiada. As obras incluídas nessa classificação de literatura periférica apresentam discussões sobre a rotina em regiões mais afastadas dos grandes centros e constituídas por pessoas de baixa renda, representam questões vinculadas ao cotidiano das comunidades enfatizando, situações de marginalidade e violência. O cenário que contextualiza o enredo do romance é o supermercado Fênix, ficcionalmente localizado na região central de Porto Alegre, espaço em que trabalham as personagens Pedro e Marques como supridores, na linguagem da região, eles são repositores de mercadorias no comércio. A metodologia tem como base uma pesquisa bibliográfica. Os descritores da pesquisa foram o romance brasileiro contemporâneo, as temáticas contemporâneas na Literatura, Literatura Periférica, narrativas contemporâneas, representação, marginalidade e *Os Supridores*. O romance contemporâneo tem apresentado linhas temáticas variadas, mas em sua maioria, têm pautado as discussões no sujeito, suas raízes, o espaço geográfico com todas as suas mazelas, bem como, o cenário socioeconômico. Essas abordagens estão prospectando visibilidade a esses sujeitos, conseqüentemente, fazendo com eles sintam-se representados, enquanto oriundos de regiões periféricas marginalizadas, compostas por excluídos da sociedade. apresenta-se o conceito da Literatura Periférica. A fundamentação teórica considerou apontamentos de Michaelsen (2023), Silveira (2020), Gonçalves (2019), Oliveira (2017), Perrone-Moisés (2016), Bakhtin (2010, 2014), Patrocínio (2013), Compagnon (2010), Faria e Barros (2011), Candido (2009, 2014), Lukács (2000, 2009) Beth Brait (1999) e Bosi (1996, 2002). Quanto a análise, partindo das categorias de tempo e espaço apresentadas no romance considerou-se o conceito de cronotopo formulada por Mikhail Bakhtin enquanto determinante da imagem do homem na literatura. Diante do exposto constatou-se que José Falero pode ser visto como sendo um intelectual orgânico, influencia e é influenciado, em medida que cumpre a função social da Literatura com as temáticas abordadas em suas obras, em especial *Os Supridores* diante da representatividade do sujeito periférico.

**Palavras-chave:** romance brasileiro contemporâneo; Literatura Periférica; *Os Supridores*; José Falero.

SILVA, N. J. B. Themes of contemporary Brazilian romance: representation of the periphery **and marginality in the work *Os Supridores*, de José Falero**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, para a obtenção do título de Mestre em Letras na Área de Concentração em Estudos Literários. Campo Grande, MS, 2024.

## ABSTRACT

The discussion proposed in this work started from the presentation of the work *Os Supridores* (2020), as well as its author, José Falero (1987), considering the thematic lines of the contemporary Brazilian novel. In this work, the representation of the individual from the suburbs in the face of the contemporary socioeconomic scenario and marginality are significant aspects. José Falero emerged as one of the revelations of the year 2020 in the Brazilian literary context, including himself among other so-called peripheral writers who are leading what can be seen as a cultural movement of the socially underprivileged class. The works included in this classification of peripheral literature present discussions about routine in regions further away from large centers and made up of low-income people, representing issues linked to the daily lives of communities, emphasizing situations of marginality and violence. The setting that contextualizes the plot of the novel is the Fênix supermarket, fictionally located in the central region of Porto Alegre, a space in which the characters Pedro and Marques work as suppliers, in the language of the region, they are replenishers of goods in commerce. The methodology is based on bibliographical research. The research descriptors were the contemporary Brazilian novel, contemporary themes in Literature, Peripheral Literature, contemporary narratives, representation, marginality and *Os Supridores*. The contemporary novel has presented varied thematic lines, but for the most part, discussions have been based on the subject, its roots, the geographic space with all its ills, as well as the socioeconomic scenario. These approaches are prospecting visibility for these subjects, consequently, making them feel represented, as they come from marginalized peripheral regions and are made up of those excluded from society. the concept of Peripheral Literature is presented. The theoretical foundation considered notes from Michaelsen (2023), Silveira (2020), Gonçalves (2019), Oliveira (2017), Perrone-Moisés (2016), Bakhtin (2010, 2014), Patrocínio (2013), Compagnon (2010), Faria and Barros (2011), Candido (2009, 2014), Lukács (2000, 2009) Beth Brait (1999) and Bosi (1996, 2002). As for analysis, starting from the categories of time and space presented in the novel, the concept of chronotope formulated by Mikhail Bakhtin was considered as a determinant of the image of man in literature. In view of the above, it was found that José Falero can be seen as an organic intellectual, he influences and is influenced, to the extent that he fulfills the social function of Literature with the themes addressed in his works, especially *Os Supridores* in view of the representation of the peripheral subject.

**Keywords:** contemporary Brazilian novel; Peripheral Literature; *The Suppliers*; José Falero.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
<b>1. JOSÉ FALERO – SUJEITO PERIFÉRICO DE “QUEBRADA” .....</b>	<b>16</b>
1.1 Conhecendo José Carlos da Silva Júnior.....	16
1.2 Contextualizando a Lomba do Pinheiro – a periferia do Rio Grande do Sul .....	28
<b>2. OS SUPRIDORES, DE JOSÉ FALERO – REPRESENTAÇÃO DA PERIFERIA .....</b>	<b>36</b>
2.1 Caracterização das personagens periféricas de <i>Os Supridores</i> .....	53
2.2 A Literatura Periférica na Literatura Brasileira contemporânea .....	63
<b>3. O ESPAÇO PERIFÉRICO – TERRITÓRIO EXISTENCIAL NO ROMANCE .....</b>	<b>72</b>
3.1 O Cronotopo de Mikhail Bakhtin no Romance .....	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	81
REFERÊNCIAS .....	83

## INTRODUÇÃO

O romance contemporâneo brasileiro tem colocado em pauta temáticas que ratificam uma função social da literatura. Essas temáticas trazem maior compreensão do sujeito em relação ao contexto no qual está inserido. Nesse sentido, elas ressignificam espaços, apresentam e representam indivíduos que sempre estiveram à margem da sociedade. Com a representatividade que o texto literário propicia, esses sujeitos passam a questionar as diferenças, questões como fatores socioeconômicos. O resultado são narrativas perpassadas por denúncias pautadas por um lugar de fala que as legitimam pela vivência de quem as constrói. Os cenários descritos no romance contemporâneo trazem um tipo de realismo que dificulta uma fixação dos limites entre a ficção e o teor autobiográfico, uma vez que as obras representam não apenas as comunidades, mas também a vivência de seus sujeitos.

Esta dissertação pretende analisar a obra *Os Supridores*, lançada em 2020, assim como seu autor, José Falero, com base nas temáticas da representação e da marginalidade presentes no romance. O enredo conta as aventuras de dois jovens, Pedro e Marques, que se sentiam explorados no trabalho e resolvem empreender vendendo maconha na favela. O objetivo da empreitada é a busca por melhores condições de vida material, mesmo que por meios ilícitos. Assim, por um lado, essa obra efetiva o caráter social da literatura, pois traz discursos que denunciam as desigualdades. Por outro lado, ela humaniza os marginalizados ao apresentar fatos do seu cotidiano que nem sempre justificam sua realidade para a sociedade. A expressão a partir de si, ou seja, o ponto de vista de dentro das ações, acaba provocando no leitor uma ação que o leva a rever seus pré-conceitos.

O romance *Os Supridores* apresenta uma abordagem sociocultural e política acerca da desumanização do trabalho assalariado. É uma obra gestada na periferia, sobre a periferia e por um escritor de origem periférica, cidadão comum, mas crítico, consciente e contemporâneo ao momento de fala dos excluídos. Obras que seguem esse fluxo já foram publicadas por escritores como Ferréz e Paulo Lins, e trouxeram narradores com uma linguagem mais formal confrontando-se com a oralidade dos personagens, destacando a arte e a cultura produzida nas periferias (Henrique, 2021). As produções que seguiram esse padrão foram classificadas como “literatura periférica”.

Ao ficcionalizar a realidade cotidiana de muitas comunidades com o negligenciamento do Estado e as inúmeras formas de violência, a obra propõe uma discussão social. Já o leitor, ao se sentir representado, dá sentido ao texto na medida em que a marginalidade surge como consequência das limitações sociais. Com a redenção da personagem principal fica claro que não há intenção em fazer apologia ao crime, mas descaracterizar o teor marginal condenado pela sociedade. Esse recorte da cultura nas comunidades pode ser tratado a partir da estratificação social, da autorrepresentação, autovalorização dos espaços, questões que ao término deste estudo podem ganhar uma outra perspectiva com base na crítica literária.

Neste momento, a originalidade, a força, a simbologia contextual da obra nos permitem “vê-las como expressão de uma vida social subalterna específica, que resiste a ser constantemente reformulada enquanto baixa e periférica” (Hall, 2011, p. 323). O foco não é enfatizar o tráfico, a ilicitude da maconha e o porquê isso não deveria ser pauta literária. Pelo contrário, trata-se de expor as mazelas que levam as pessoas a almejem o sucesso e o poder que o tráfico representa na favela, bem como o modo como essa representatividade surge no cenário literário.

A visibilidade criada com a ascensão de obras escritas por sujeitos vindos da periferia pode funcionar como um fator impulsionador de mudanças nas próprias periferias, pois os relatos são de pessoas com lugar de fala, o que garante a legitimidade das temáticas abordadas. Diante desses pressupostos surgem alguns questionamentos que nortearão esta pesquisa, a saber: como a representação do real é expressa considerando as questões sociais que estruturam o romance contemporâneo? Esse teor representativo pode favorecer a democratização da literatura? Essa proposta literária poderia ser vista como uma oportunidade de mostrar a rotina da periferia com originalidade, ou seja, como uma manifestação da cultura popular urbana nas letras?

As primeiras manifestações efetivas dessa literatura foram na cidade de São Paulo, principal polo dessa produção durante muito tempo. Porém, ela se expandiu rapidamente para outras partes do país. No objeto de pesquisa em questão, o subúrbio de Porto Alegre é o espaço da narrativa. O interesse pela obra deu-se pela intensidade das ações, das representações e relatos do cotidiano da periferia apresentadas no romance como sendo uma rotina, remetendo ao que se observava no gênero crônica, ou seja, a temporalidade, a linguagem simples e acessível, todavia, sempre apresentando trechos reflexivos nas narrativas.

A dinâmica da narrativa assemelha-se a um roteiro de filme de ação, sendo a temática uma personificação da realidade cotidiana que coloca as pessoas no entrelugar da sociedade. É necessário entender o contexto que envolve essa produção literária e a força das discussões que constroem a história da literatura contemporânea. Nesse aspecto, é preciso pensar o romance enquanto gênero formado da mistura de outros gêneros que favorecem sua renovação e incorporação de novas linhas temáticas adaptadas ao contexto social e na evolução da própria literatura (Bakhtin, 2014). Abordagem que mantém o romance como um gênero inacabado.

Ao delimitar o *corpus* de uma pesquisa, da mesma forma que buscar uma temática que seja relevante, o pesquisador passa por várias etapas para produzir o seu arquivo literário. Optar pelo romance *Os Supridores* é um desafio na construção deste trabalho, pois a pretensão é pontuar situações reais como a fragilização das relações de trabalho e não permitir que a narrativa caia no estereótipo de enquadramento de discurso panfletário de um sujeito periférico.

De qualquer forma, é preciso conhecer os agentes da chamada “literatura periférica”. Por estar associada à região em que este sujeito está inserido, ela surge como uma proposta literária. Cabe apontar então quem são, onde estão e onde publicam. Todavia, enfatizar a representatividade, a dignidade da pessoa e a representatividade como pilar da busca por melhores condições de vida dentro e fora das periferias é o diferencial. Não é pertinente vislumbrar apenas os enredos ainda que o foco seja o texto literário, é imprescindível ter consciência de que a literatura pode transformar realidades com as denúncias observadas nas entrelinhas.

É necessário pontuar também que o artista/escritor tem uma função social, quase panfletária, diante da visibilidade que adquire, de modo que, efetivar ações que possam mudar uma visão estereotipada é também influenciar. Falero diz não ter receio de que seu livro seja taxado de panfletário. Segundo ele, em entrevista concedida a Camila Alvarenga da Opera Mundi, “pessoas que usam o termo panfletário são geralmente pessoas em posição de privilégio. Quando a literatura perturba, mete o dedo na ferida e questiona os privilégios é aí que ela é chamada de panfletária” (Falero *apud* Alvarenga, 2021)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> ALVARENGA, Camila. José Falero: Quando literatura questiona privilégios, é chamada de panfletária. *Revista Opera Mundi*, 17 de set. de 2021. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/sub40/71327/josefaleroquandoliteraturaquestionaprivilegioe-chamada-de-panfletaria>. Acesso em: 10 janeiro de 2023.

Ainda que seja um dos contratados de uma editora já conceituada, a Todavia, José Falero pode ser visto como um sujeito pobre, que sobrevive desde criança em uma comunidade que não lhe despertou possibilidades. Trabalhando em subempregos que exploravam sua mão de obra, Falero não criou uma perspectiva de futuro, ou seja, não foi provocado a questionar sobre o merecimento diante da situação da vulnerabilidade e o pertencimento em diferentes circunstâncias. Muito disso pode ser notado no discurso de Pedro, personagem principal de *Os Supridores*.

Visando atender aos objetivos do trabalho, a coleta primária dos dados partiu de entrevistas do autor nos meios digitais, principal meio de divulgação de sua obra. Embora tenha alcançado uma visibilidade considerável, ainda são tímidas as publicações, contando com entrevistas, *podcasts*, reportagens em jornais e revistas, publicados nas plataformas digitais, além das percepções apontadas nos trabalhos que analisam em diferentes áreas do conhecimento o romance *Os Supridores*.

Nesta busca inicial foram encontrados alguns artigos, monografias, mas não foram localizadas dissertações e/ou teses sobre a obra, o que denota a originalidade da pesquisa. O auge das publicações compreendeu o período pandêmico, de modo que a internet contribuiu efetivamente para as divulgações. Para melhor compreensão, a presente dissertação está estruturada em três capítulos, descritos a seguir.

No primeiro capítulo, intitulado “José Falero – Sujeito Periférico de ‘Quebrada’”, apresentamos uma breve biografia de José Carlos da Silva Júnior – que adotou o pseudônimo de José Falero. Nesse capítulo trazemos as primeiras percepções de Falero sobre o ambiente onde vivia com a família, a periferia de Porto Alegre, sua formação autodidata na arte, com destaque para a música, o teatro, o *mangá* e, é claro, na produção literária, marcada pela oralidade e enfoque da vontade de potência<sup>2</sup> do sujeito marginalizado, no sentido de autossuperação. E ainda, tratamos do conceito de periferia e fazemos uma descrição da Lomba do Pinheiro, principal espaço das ações do romance, refletindo sobre o teor autobiográfico das obras de Falero diante do detalhamento desses espaços e sua representação.

---

<sup>2</sup> Vontade de Potência - O conceito de Vontade de Potência foi criado pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) como base para o desenvolvimento de outras ideias. Para Nietzsche “a vontade de potência não é um ser, não é um devir, mas um *pathos* – ela é o fato elementar de onde resulta um devir e uma ação...é determinada como o mais forte de todos os instintos que dirige a evolução orgânica.” NIETZSCHE, F. W. Vontade de Potência. Trad. Mário D. Ferreira Santos. Rio de Janeiro: Ediouro. [s.d.]. (64, 242).

O intuito é analisar como o espaço periférico subsidia e tem sido representado no cenário literário contemporâneo. Pensar o tempo e o espaço é uma tarefa desafiadora que pode levar qualquer indivíduo a estabelecer questionamentos e, de imediato, constatar que para muitas questões, não há respostas. Principalmente, quando as indagações estão vinculadas a um cenário de violências distintas e contínuas.

Para tanto, o embasamento parte de declarações do autor em entrevistas, observações nas descrições apresentadas na produção literária de Falero, assim como concepções de Mathias (2023), Valdez (2022), Dias (2022), Botton (2022), Altman (2021), Reinholz (2021), Ribeiro (2021), Kahmann (2021), Weber (2021), Henrique (2021), Coelho e Sparemberger (2021), Lucchese (2021), Terto (2021), Biderman (2021), Gloria (2020), D’Andrea (2020), Tavares-dos-Santos (2020), Souza (2019), Moraes (2017), Dalcastagnè (2008, 2012, 2002), dentre outros.

No segundo capítulo, intitulado “*Os Supridores*, de José Falero: Representação da Periferia”, contextualiza-se o enredo da obra e analisa-se as personagens. Posteriormente, apresenta-se o conceito da Literatura Periférica. A fundamentação teórica considerou apontamentos de Michaelsen (2023), Silveira (2020), Gonçalves (2019), Oliveira (2017), Perrone-Moisés (2016), Bakhtin (2010, 2014), Patrocínio (2013), Compagnon (2010), Faria e Barros (2011), Candido (2009, 2014), Lukács (2000, 2009) Beth Brait (1999) e Bosi (1996, 2002).

O terceiro capítulo, “O espaço periférico – território existencial no romance” busca-se analisar com base na Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo (2014), conceito formulado e desenvolvido por Mikhail Bakhtin, e concepções de Fiorin (2006, 2008), Amorim (2006). Assim como Luis Alberto Brandão (2015) que discorre acerca da categoria espaço e suas variações conceituais no âmbito da Teoria da Literatura e Brandão (2013) juntamente com Silvana Pessoa de Oliveira (2019) que tratam do sujeito, tempo e espaço ficcionais.

## 1. JOSÉ FALERO – SUJEITO PERIFÉRICO DE “QUEBRADA”<sup>3</sup>

Neste capítulo apresentamos uma síntese da biografia de José Falero e o conceito de periferia para destacar o local onde o autor ainda reside em Porto Alegre/RS. Essa abordagem é relevante para que seja possível compreender a linha tênue que existe entre o real e o ficcional na obra de Falero, principalmente quando são tratadas as influências culturais com base em leituras distintas do autor, a saber: o *rapp* (*rhythm and poetry*), o samba, elementos da cultura japonesa, jogos, além do incentivo familiar. O recorte foi realizado a partir das entrevistas dadas pelo autor e disponibilizadas em plataformas digitais.

### 1.1 Conhecendo José Carlos da Silva Júnior

José Carlos da Silva Júnior nasceu em 7 de agosto de 1987, na Vila Sapo, bairro pertencente à Lomba do Pinheiro, zona leste de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Filho de José Carlos da Silva e Rita Helena Falero, ambos já falecidos. A família é da classe trabalhadora do Rio Grande do Sul, o pai passou a vida trabalhando em diversas frentes de trabalho, fixando-se como porteiro e zelador já no fim da vida. A mãe desenvolveu múltiplas funções, trabalhando em uma fábrica de doces no interior do estado, como faxineira e professora.

O pai não teve oportunidade de ver o filho deslanchar na carreira de escritor; a mãe (que faleceu recentemente, outubro de 2023) foi uma de suas maiores incentivadoras, sempre fiel apoiadora das ideias do filho, assim como sua irmã, Caroline Falero da Silva, que o convidou a participar de peças de teatro como músico e ator, e vem acompanhando o desenvolvimento de Falero no cenário literário, trabalhando como colaboradora nos seus projetos. Caroline é atriz, professora de teatro na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS).

---

<sup>3</sup> O termo *quebrada* é muito usado nas comunidades como uma forma de determinar os espaços geográficos em que essas pessoas residem, não entendo como pejorativo, apenas uma gíria comum, poderia ser compreendido como a vizinhança da periferia urbana. O dicionário corrobora essa percepção. Infere-se desse termo: “Extensão territorial rodeada por cadeias montanhosas. Usada como gíria para um lugar alternativo, bairro ou vizinhança”. Disponível em: <https://www.significadosesinonimos.com.br/gurias/quebrada/>. Acesso em: 17 de outubro de 2023.

Quando se fala em arte e em incentivo, Falero destaca também o apoio de Dalva Maria Soares, sua atual companheira (graduada em Ciências Sociais com ênfase em Sociologia pela UFMG e doutora em Antropologia Social pela UFSC, professora e também escritora), que teve contato com a produção literária de José Falero com a publicação do conto intitulado “Um Otário com Sorte” feita nas redes sociais<sup>4</sup>, conto que passou a compor o livro *Vila Sapo*, lançado em 2019 de forma independente por intermédio de Dalva que apresentou Falero a Karine Bassi, da editora popular Venas Abiertas<sup>5</sup> que contribui com autores independentes fomentando a produção dos que estão à margem do mercado editorial.

Falero ainda reside na Vila Sapo e destaca que na infância “vivia numa casinha fodida, feita com retalhos de madeira, que só tinha duas peças: uma que podemos chamar de cozinha – porque era onde ficava o fogão – e outra que era o quarto onde dormia todo mundo embolado: eu, meus pais e minha irmã”. Fala da sua estrutura familiar e do cenário em que viviam, destacando as mudanças que ocorreram com o novo emprego do pai, o que trouxe uma nova realidade estrutural no início, pois a Cidade Baixa apresentava mais qualidade de vida para uma criança de aproximadamente cinco anos de idade em comparação à vida na Lomba do Pinheiro (Falero *apud* Ribeiro, 2021). Declara ainda:

[...] a gente era quatro, né? Eu, minha irmã, minha mãe e meu pai. Aí a gente tava no Pinheiro e tal e a gente foi morar... tô trazendo aqui a natureza dessas questões, né? A gente foi morar na Cidade Baixa (bairro conhecido por boêmio e universitário, próximo ao centro administrativo e comercial de Porto Alegre). Imagina o choque, né? A gente foi morar na Cidade Baixa porque meu pai virou zelador lá. Aí, depois de um tempo, ele se separou da minha mãe, né? Meu pai é falecido, um pouco antes de falecer, ele se separou da minha mãe. E a minha mãe voltou a morar na Lomba do Pinheiro, e eu voltei com a minha mãe. A minha irmã ficou morando com meu pai, porque a minha irmã tava estudando num bom colégio na época, fazendo o ensino médio lá no Parobé. Aí eu tava no ensino fundamental, meio que tanto fazia o colégio, e então ok, vou vim com minha mãe. E ela não, né? Ela ficou lá. Ela fazia um curso de Eletrônica, se eu não me engano, no Parobé, que era feito junto com o Ensino Médio, e por essas questões ela ficou lá no meu pai. Aí é nesse curso que ela vai conhecer o pessoal do teatro, vai começar a frequentar teatro, vai se apaixonar por teatro, e mais: vai ter contato com essa possibilidade do mundo acadêmico. E eu, aqui no Pinheiro, vim me desenvolver numa outra realidade, numa realidade em que ninguém sonha em cursar uma graduação, onde é meio que... ninguém sequer conversa sobre isso. É meio que assim ó: olha, tu vai acabar o ensino fundamental e tu vai começar a trabalhar, sabe? É o senso comum generalizado, assim. Todo mundo pensa isso. Acabou o ensino

<sup>4</sup> Disponível em: <https://diariosincendiarios.wordpress.com/2018/08/18/um-otario-com-sorte/>. Acesso em: 20 de novembro de 2023.

<sup>5</sup> A editora conta com apoio para o desenvolvimento de suas ações. Disponível em: <https://apoia.se/venasabiertas>. Acesso em: 01 de agosto de 2022.

fundamental, é trabalho. Se tu quiser, tu ainda faz o médio, pra tentar conseguir uns trabalhos depois, mas é trabalhar e fazer o ensino médio ao mesmo tempo. Ou abandona o estudo. Mas é isso: concluir o ensino médio é o topo, assim (Falero *apud* Kahmann, 2021).

A infraestrutura da Cidade Baixa era de classe média e ficava na região central de Porto Alegre, o que favorecia novas possibilidades, principalmente na área da educação, pois o bairro disponibilizava o Ensino Médio em escolas públicas, além de acesso a produções culturais e lazer. De qualquer forma, Falero pontua que naquele espaço com mais acessibilidade e qualidade de vida, ele ainda “era o filho do zelador e da faxineira. Eu não era do mesmo mundo que aquelas crianças” (Falero *apud* Weber, 2021). Conforme Dias, na Cidade Baixa, Falero

onde sofria *bullying* dos colegas, e se sentia deslocado e hostilizado. Era como se aquele ambiente continuamente tentasse expulsá-lo, tanto em função do afastamento dos outros alunos, quanto da forma como a instituição funcionava. Uma instituição que, diga-se de passagem, andava na esteira de uma forma escolar advinda do período da ditadura civil-militar, marcada pela uniformização dos corpos e saberes (Dias, 2022, p. 22).

Entretanto, mesmo nessa mesma posição Falero passou a frequentar teatro, cinema e desfiles de escolas de samba. Esse contato avivou ainda mais uma paixão sempre presente na vida de Falero, as produções culturais (Weber, 2021). A perspectiva de futuro durou pouco tempo e José não pode desfrutar das oportunidades da classe média. Devido a separação de seus pais foi preciso retornar a Lomba do Pinheiro em companhia da mãe. Assim, Falero acabou por abandonar os estudos por se sentir deslocado no ambiente escolar: “Eu não pertencia àquilo. Meu jeito de se vestir, de falar, as coisas que eu gostava, eu não era aceito do jeito que eu era” (Falero *apud* Henrique, 2021).

Por volta dos quinze anos buscou trabalhar atuando em diversas profissões, como porteiro, na construção civil (gesso, pedreiro, pintor), músico, supridor em supermercado cuja “principal função era suprir as prateleiras, de modo que convinha dizer que eram supridores, ou repositores, como alguns preferiam falar” (Falero, 2020, p. 40). Até como palhaço, ou *clown*, Falero trabalhou; tocava violão no espetáculo “João Jiló”, do grupo TIA – Teatro, Ideia, Ação - de teatro, que se apresentava nas escolas públicas de Canoas/RS<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://almanaquenilomoraes.blogspot.com/2021/04/alegria.html>. Acesso em: 10 de janeiro de 2022.

A fragilidade do emprego assalariado, junto com as desigualdades, é uma abordagem constante nos discursos de Falero: “os subempregos me fizeram ir para lá e para cá, sacolejando dentro de ônibus lotados. Eu via os prédios do Centro passando pela janela, e durante anos a fio eles nunca me disseram nada. Era como se nem mesmo fossem de verdade” (Falero, 2019 Revista Parêntese)<sup>7</sup>. A expressão do real na construção do material literário de Falero carrega multiplicidades além das letras. Falero é um artista que não se limita a literatura, sendo também desenhista e músico, e tendo como uma de suas paixões o samba de Partido Alto, além de ser desenvolvedor de *software* (Coelho e Sparemberger, 2021 p. 2).

Segundo ele, o desenho e a programação surgiram como uma ferramenta para criar seus próprios *mangás* e suas histórias em quadrinhos. Contudo, não ter a sensação de pertencimento interferiu na aquisição de conhecimento institucionalizado, pois Falero deixou a escola mas não abandonou a busca pelo conhecimento. O autor sempre se achou deslocado na escola e, conforme em uma entrevista à Revista Opera<sup>8</sup>: “o ambiente da escola sempre me foi hostil, mas tenho o direito de estar dentro dela. Decidi que não me privaria mais do estudo formal”. Desse modo, em 2021 ele retoma os estudos e conclui o Ensino Médio na modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos) no colégio de aplicação da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) (Falero *apud* Ribeiro, 2021).

Uma das razões de seu abandono da escola seria o fato de que Falero sentia que não podia expressar sua rima bem decorada naquele local. Sobre isso ele menciona o episódio em que escreveu uma parte da letra de “Fórmula mágica da paz”, do clássico álbum *Sobrevivendo no inferno* (1997), dos Racionais MC's), composta por Pedro Paulo Soares Pereira, conhecido como Mano Brown em uma redação e foi repreendido por isso. O trecho diz: “Essa porra é um campo minado, quantas vezes eu pensei em me jogar daqui? Mas aí, minha área é tudo o que eu tenho, a minha vida é aqui e eu não consigo sair...”. Quando viu isso, a professora disse: “Aqui você não vai falar essas coisas de maloqueiro!”, deslegitimando uma expressão que o representava (Henrique, 2021).

---

7 Falero, José. José Falero: Sobre o direito à cidade. **Revista Parêntese**, 05 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://www.matinaljornalismo.com.br/parentese/sobre-o-direito-a-cidade/>. Acesso em: 20 de janeiro de 2023.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://revistaopera.com.br/2021/08/23/jose-falero-o-ex-supridor-de-supermercado-que-se-tornou-o-escritor-mais-discutido-do-brasil/>. Acesso em: 10 de julho de 2022.

Lembrando que a escola é um dos primeiros espaços no qual devemos pensar em representação, já que uma política educacional visa a formação de cidadãos críticos.

O discurso de Mano Brown, assim como as letras de suas músicas, representa a realidade de muitos jovens suburbanos e influenciou José Falero, admirador do Racionais MC's, admiração constatada no poder da representatividade que a canção trouxe a ele. A academia tem sido impactada pelas novas abordagens que apresentam, representam e movimentam a periferia com narrativas de experiências de vida desses indivíduos.

Hoje, observamos sujeitos discriminados, excluídos, expostos a todo tipo de violência, mas que foram influenciados em alguma medida pela linguagem dos *Rappers* como sinal de resistência e que, aos poucos, estão influenciando outros indivíduos. As melodias do *rapp* são características dos autores da literatura periférica. Na produção literária de Falero, uma característica presente no *rapp* e que se destaca em sua narrativa é a oralidade, presente nas colocações das personagens que na teoria surgem para diversificar os discursos literários.

Embora o foco deste estudo seja o romance *Os Supridores*, é necessário salientar que falamos de estratificação social, marginalidade e representatividade na literatura, e a escola tem como função social construir um sujeito crítico e autônomo. As diretrizes curriculares e as normativas que discorrem sobre a formação social do indivíduo deveriam ser assimiladas de forma efetiva por todos nós.

Conforme Antonio Candido, “[o] fato é que cada época e cada cultura fixam os critérios de incompressibilidade, que estão ligados à divisão da sociedade em classes, pois inclusive a educação pode ser instrumento para convencer as pessoas de que o que é indispensável para uma camada social, não o é para outra” (Candido, 2013, p. 175). Posto isto, enquanto educadores, incentivadores de pessoas, formadores de opinião, isso deveria ser uma constância, mas que na prática não funciona em muitas comunidades escolares.

Correndo o risco de parecer presunção, se observarmos a rotina de muitas instituições de ensino em regiões periféricas é possível constatar que o preconceito diante da pobreza e/ou da diferença é um fato. O responsável por formar e colaborar na construção do sujeito completo é falho. Essa problemática requer discussões robustas no contexto literatura e sociedade, porém mais ainda nas políticas públicas educacionais.

A escola pública deveria ser local de fala, palco da representação social. E os discursos dos sujeitos periféricos devem ser ouvidos e respeitados, haja vista que a

injustiça social é uma alavanca para a criminalidade. Conforme fala de Falero: “Nem na literatura, novelas e filmes essas pessoas ganham direito de serem representadas como seres humanos com angústias, com anseios, com esperanças. Não é uma pessoa do ponto de vista do Estado, pode parecer absurdo, mas não tem direito a ser tratado com dignidade” (Falero *apud* Reinholz, 2021).

Para pessoas que não têm oportunidades e que sonham com possibilidades existe a necessidade de desejar algo palpável. Como bem observa Falero, “naquela época não conhecia um único escritor, não conhecia uma única pessoa que trabalhasse com arte. Então tu imagina o quanto isso influencia no imaginário das pessoas de achar que as coisas não são para ti, de achar que teu lugar é esse lugar de subalternidade” (Falero *apud* Reinholz, 2021). Para os que estão em posição de privilégio é difícil mensurar as necessidades, os desejos mais simples das minorias. Sobre isso, Candido anuncia:

certos bens são obviamente incompressíveis, como o alimento, a casa, a roupa. Outros são compressíveis, como os cosméticos, os enfeites, as roupas supérfluas. Mas a fronteira entre ambos é muitas vezes difícil de fixar, mesmo quando pensamos nos que são considerados indispensáveis (Candido, 2013, p. 175).

Falero constantemente explana essa representação que alcançou com suas obras em entrevistas nas quais diz receber um *feedback* muito positivo sobre não ser sozinho no seu discurso de sujeito periférico. Por intermédio de ações afirmativas no âmbito educacional, no campo literário tem ocorrido a valorização de histórias vindas da periferia. Falero destaca que essas mudanças colaboraram para a aceitação de *Os Supridores*. Conforme ele:

As políticas afirmativas foram muito importantes nesse processo. A galera da periferia que passou a frequentar a universidade é responsável pela mudança de pauta no ambiente acadêmico. E isso passou a se refletir em toda a sociedade, que está discutindo agora racismo e machismo estrutural, por exemplo. Da mesma forma, o debate literário também se descentralizou um pouco (Falero *apud* Lucchese, 2021).

Quando criança, sonhou em ser motorista de ônibus e no período da adolescência desejou ser coisas mais próximas do que tem sido atualmente. Com a paixão pelos *games* aspirou ser crítico de revista especializada em jogos, apenas para poder jogar os *games* novos e falar sobre eles nas revistas. O prazer dos jogos também o levou a querer criar

seus próprios jogos buscando na programação de computadores uma forma de criar suas próprias histórias.

Neste cenário dos quadrinhos, Falero quis ser desenhista para criar seus *mangás*, os quadrinhos japoneses em formato preto e branco, até chegar a ser escritor. A junção de todas essas habilidades contribuiu diretamente no processo de criação de Falero enquanto escritor. Para ele, o processo construtivo é uma espécie de “fabulação”, na qual há o desenvolvimento de uma história, de um contexto com personagens e de uma trama significativa a ser desenvolvida (Falero *apud* Terto, 2021). Ainda sobre o processo de criação, Falero conta:

Gosto de fabular. Isso não é específico da escrita, está na música, nos quadrinhos, nos games, nos filmes. Mas a literatura potencializa a fabulação, dá para desenvolver uma cadeia de eventos, ideias e desejos, emoções. Tem certas coisas que tu consegue na escrita que é como fazer um gol no Maracanã lotado. Quando isso acontece, fico pensando: como é que as pessoas não escrevem? Mas existe todo um mecanismo de distinção, a ideia de que não é qualquer um que pode escrever. Acho isso uma barbaridade, todo mundo tem que escrever, é um direito humano e até um dever. Escrevendo a gente se entende melhor, entende nossa posição no mundo, organiza as ideias (Falero, *apud* Biderman, 2021).<sup>9</sup>

No imaginário mais profundo de leitor é muito fácil reproduzir mentalmente algumas narrativas, ou resgatar alguma situação que traga a sensação de limitação, como por exemplo, quando Pedro afirma: “sempre que a realidade mete o pé na porta, não há sorriso que não trate de escapular pela janela. Todo felizado é, antes de mais nada, um iludido” (Falero, 2020, p. 161). Com isso, a maior implicação das leituras tardias e variadas de Falero em sua obra poderia ser o desejo em sentir-se representado em sua “fabulação”: “coloca ainda que a literatura trouxe para sua vida uma ideia de pertencimento, desejo pelo contraste na construção literária” (Altman, 2021). Para Candido, naturalmente o ser humano possui um impulso fabulador. Conforme o crítico,

não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independente da nossa vontade. E durante a vigília, a criação ficcional ou

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.quatrocincom.com.br/br/entrevistas/fichamento/jose-falero>. Acesso em: 01 de agosto de 2023.

poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito – como anedota, caso, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance (Candido, 2011, p. 176).

No caso de Falero, essas fabulações aparentemente remetem aos sonhos e os desejos de melhoria na qualidade de vida. Na obra, essa fabulação aparece como sendo o desejo de conquistar o que a vida tem de melhor, o direito ao ócio. Falero pontua suas referências e influências com um leque variado, tudo foi transformado em matéria para literatura, tal como suas inspirações mais explícitas, como as narrativas de Quentin Tarantino em *Pulp Fiction* (1994), o estilo épico da escrita de Eiji Yoshikawa, autor do clássico *Musashi*, um romance aventuresco e engraçado sobre um dos mais famosos samurais do Japão, escrito no período de entreguerras (1937).

Conforme Falero, “durante muito tempo esse livro *Musashi* foi meu livro preferido. Sabe o que aconteceu com o *Musashi*? Eu li o *Musashi* inteiro e é gigante, quando eu acabava, ele é um livro tão bom que eu começava a ler de novo” (Falero *apud* Botton, 2022, p. 12). Além disso, pontua ainda a ironia de Machado de Assis e a construção de personagens que fez franquias de games como *Mortal Kombat* e *The Legend of Zelda*. De alguma forma, tudo isso está presente em *Os Supridores* (Gloria, 2020).

Desafiado pela irmã a ler e produzir histórias, já que gostava de *mangas* e histórias em quadrinhos, Falero resolveu conhecer o mundo da leitura: “se tu nunca leu um livro, tua opinião não importa. Tu não pode dizer que não gosta de algo que não conhece”. O primeiro livro chegou às suas mãos foi aos 21 anos, um livro do Jack Woods chamado *A Besta-Fera*, uma história de lobisomem que mudou o enredo do desafio conquistando um novo leitor (Botton, 2022, p. 2).

Nas palavras de Falero: “Ler me transformou em outra pessoa. Comecei a notar que havia histórias e formas que só a literatura poderia apresentar. Eu lia qualquer coisa e acho que isso também acabou aprimorando meu senso crítico” (Falero *apud* Altman, 2021). E assim, temos um escritor que salienta a necessidade de se tirar a literatura do altar burguês, uma vez que “o mercado editorial está se abrindo, aos poucos, para as vozes periféricas, porque há uma demanda reprimida por nossa arte. Nós sempre tivemos o que dizer. Eu não sou uma exceção” (Falero *apud* Ribeiro, 2021). Por intermédio das redes

sociais e publicações em editoras independentes, os escritores periféricos estão criando espaços e oportunidades.

Embora tenha iniciado suas leituras tardiamente, Falero logo sentiu a necessidade de escrever suas próprias histórias. A diversificação nas temáticas do material lido por ele pode ter contribuído na construção da criticidade apresentada em seu texto, pois no início da leitura dá-se a impressão de que a obra vai trazer um texto sanguinário, violento, impactante, dada a narrativa ter um ritmo acelerado, para não dizer cinematográfico, isto é, com muita ação. Como o acesso aos livros era através de empréstimos, as influências foram mudando, e os gostos também. Teve fases de Agatha Christie e Machado de Assis:

A primeira pessoa que eu comecei a admirar muito foi a Agatha Christie. Eu comecei a ler muito Agatha Christie, mas as referências vão mudando por uma série de questões. O que chegava era Agatha Christie. Eu não tinha como escolher meus livros. E eu comecei a ler Agatha Christie porque minha vó tinha uma coleção da Agatha Christie e eu não sei de onde ela tirou, provavelmente ela ganhou de algum trabalho, em alguma casa porque ela era faxineira e deram os livros pra ela. E aí eu li todos os livros da Agatha Christie e eu achava muito bom. Hoje em dia eu acho ela uma escritora boa, isso foi mudando assim porque eu fui lendo outras coisas. (...) Cara, quando eu li Machado de Assis, eu fiquei admirado! E aí eu me lembro que quando eu li Machado, ele se tornou assim, “bá, Machado é um dos melhores!” E na medida do que eu podia procurar, começou a vir a época da internet, o que eu podia baixar de textos do Machado, eu baixava, eu tava trabalhando na época e o que eu conseguia encontrar em sebos de textos do Machado, eu comprava. Comecei a gostar muito do Machado e durante um tempo ele foi um grande pra mim (Botton, 2022, p. 11-12).

Como já mencionado, Falero foi um leitor tardio, tinha 20 anos quando leu um livro inteiro pela primeira vez. Foi na leitura que encontrou uma válvula de escape em um momento da vida no qual o isolamento social era uma problemática que não tinha uma solução imediata. A literatura, nesse sentido, foi preenchendo o espaço do contato social de modo que os escritores passaram a estimular o senso crítico de Falero, estimulando seu desejo em também construir histórias. Foi imitando o estilo policial de Agatha Christie, ou até mesmo a ironia e elegância da escrita machadiana, que Falero adentrou no mundo da escrita literária.

A leitura trouxe novas perspectivas para Falero: “eu passei a pensar: se ler é tão bacana e eu fiquei a vida toda pensando o contrário, quantas outras coisas bacanas devem existir, coisas ao meu alcance, e que até agora eu não experimentei?” (Falero *apud* Moniz, 2021). Contudo, a admiração não se sustenta quando a pessoa começa a notar que as

representações literárias canônicas não representam a sua realidade social. Os sujeitos periféricos não se reconhecem nas publicações do cânone. Talvez isso seja um dos fatores que contribui para que esse público não se torne um leitor ativo.

Falero diz também que se sente limitado às circunstâncias ao afirmar que “trabalha como auxiliar de gesso para não morrer de fome e toca cavaquinho para não morrer de tristeza” (Falero, 2021). Temos nessas palavras o cidadão José Carlos, consciente do papel social que o escritor, ou os artistas de um modo geral podem desempenhar diante de determinadas situações, e que as pessoas precisam ter propósitos no mundo da arte, pois influenciam e são influenciadas. O autor ainda contextualiza: “tive muitos fracassos na vida, muitos, muitos mesmo. E se eu acreditasse neles como verdadeiros eu estava fodido. O próprio *Os Supridores* (2020) eu tentei publicar por muitos anos, e nunca ninguém achou minimamente bom pra publicar, na verdade eles não acharam nem que era digno de uma resposta” (Falero *apud* Reinholz, 2021).

Atualmente, a produção literária de José Falero vem conquistando cada vez mais leitores ao oferecer gêneros variados. Até o presente momento são três obras publicadas: *Vila Sapo*, livro de contos publicado pela editora *Venas Abiertas* em 2019 e reeditado em 2022 pela editora Todavia; o romance *Os Supridores*, publicado pela editora Todavia em 2020; e o livro de crônicas *Mas em que mundo tu vive?*, também publicado pela editora Todavia, em 2021.

Em outubro de 2022 houve o lançamento de *Os Supridores* na França. Na edição francesa, a tradução ficou a cargo de Hubert Tézenas, que converteu o título do livro para *Supermarché*. O lançamento ficou por conta da editora *Métailié*<sup>10</sup>. Também em 2022, José Falero divulgou em suas redes sociais que Michel Carvalhos é o roteirista responsável por adaptar *Os Supridores* para o cinema. Em novembro de 2023 foi publicada a edição estadunidense do romance, traduzida como *Pedro and Marques Take Stock*. Em janeiro de 2024 saiu a versão alemã.

Seu próximo romance já está em andamento e tem o título provisório de *Quase Homem*, cuja temática gira em torno de questões sobre a masculinidade tóxica, como elas são forjadas, bem como o aprofundamento do protagonismo das mulheres diante disso. Sobre isso o autor se posicionou em momentos anteriores: “a gente tem um papel a

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://actualitte.com/article/106458/avant-parutions/supermarche-de-jose-falero-le-roman-venu-tout-droit-des-favelas>. Acesso em: 15 de junho de 2023.

cumprir, no sentido de se desconstruir e desconstruir o seu privilégio e entender que as situações são injustas, que os contextos são injustos quando tu olha nessa perspectiva de gênero” (Falero *apud* Marko e Reinholz, 2021).

Para Falero, os marcadores sociais são questões contemporâneas em constante discussão e que, de certo modo, se inter-relacionam: “tudo que tu pensa para as relações étnico-raciais, por exemplo, serve para as relações de gênero” (Falero *apud* Marko e Reinholz, 2021). Além disso, ele mantém uma coluna semanal na revista digital gaúcha *Parêntese*<sup>11</sup>, espaço inicial de suas publicações. Daí passou à participante das antologias *À margem da sanidade* (Vellucy, 2018) e *Ancestralidades: Escritores Negros* (*Venas Abiertas*, 2019).

A internet contribuiu de modo significativo para o crescimento de Falero, pois o lançamento de seu livro coincidiu com o período pandêmico, obrigando-o a fazer *lives* e entrevistas nas redes sociais. As mídias sociais funcionam como uma porta aberta para muitos autores do cenário periférico, porque é a forma mais prática e acessível quanto aos custos para muitos escritores iniciantes. Com o avanço das tecnologias da comunicação, a internet ficou ao alcance de todos, o que favorece a disseminação de conteúdo com agilidade, além de favorecer a interação com os leitores de modo dinâmico, posto que os comentários, principalmente nas redes sociais, são uma espécie de termômetro de como tem sido receptividade da obra.

No caso do livro *Vila Sapos*, uma produção independente de 2019, Falero comenta como a obra chegou à periferia e foi aceita por ela. Com essa aceitação, “a literatura é percebida em termos funcionais e não em termos ontológicos, isto é, refere-se àquilo que se faz e não ao que é, como um estado fixo (Eagleton, 2006, p. 14)”. Entende-se que os termos funcionais podem estar ligados as fragilidades sociais que estão apresentadas na obra literária, ainda que teoricamente não estejamos fazendo sociologia.

Neste cenário, reafirma-se o fato de que “a obra literária não era um veículo de ideias, nem uma reflexão sobre a realidade social, nem a encarnação de uma verdade transcendental: era um fato material, cujo funcionamento poderia ser analisado mais ou menos como se examina uma máquina” (Eagleton, 2006, p. 4), a literatura tem sido o espelho de uma sociedade que pede socorro diante da marginalidade e negligenciamento do Estado. Quanto aos termos antológicos é possível tratarmos da visibilidade dos sujeitos

---

<sup>11</sup> Revista digital *Parêntese*: <https://www.matinaljornalismo.com.br/categoria/parentese/colunistas/jose-falero/>. Acesso em: março de 2023.

e suas necessidades básicas e recorrentes. Com isso, quando esses indivíduos surgem na mídia em um contexto fora dos enredos policiais, mas com uma abordagem real, não personificada, a representação é efetiva.

Acredita-se que o sentir-se representado foi o marco crucial para que a comunidade tivesse interesse crescente pelo discurso das personagens de Falero. “O trabalhador enxerga o local desprivilegiado que ocupa na sociedade. Por não ter uma perspectiva melhor em vista, acaba consentindo a dominação, pela influência do papel do intelectual tradicional que legitima e fortalece o sistema (Souza, 2019, p. 120)”. Ainda que a pessoa seja esforçada e se empenhe em conquistar novos espaços, os valores recebidos são irrisórios e não permitem que sejam alcançados os sonhos de conforto e qualidade de vida. Nas questões educacionais o privilégio também é pauta, pois os sujeitos periféricos em sua maioria, deixam a escola para trabalhar e contribuir nas despesas da casa. A possibilidade de ser um intelectual não é vista como possibilidade porque esses sempre foram sujeitos brancos e oriundos de classe socioeconômica alta.

Diante da visibilidade e sucesso das obras, surgiram homenagens e premiações. Falero foi homenageado na 35ª Feira do Livro de São Leopoldo e foi duas vezes finalista do Prêmio Jabuti (uma com o romance *Os Supridores*, em 2021, e outra com a coletânea de crônicas *Mas Em Que Mundo Tu Vive?*, em 2022). Ainda em 2021, *Os Supridores* foi um dos finalistas na quarta edição do Prêmio Minuano de Literatura na categoria “Ficção: Romance/Novela”, realizado pela Secretaria de Estado da Cultura, por meio do Instituto Estadual do Livro (IEL) e em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Além disso, ganhou os prêmios Ages de livro do ano de 2021 e o Prêmio Academia Rio-Grandense de Letras 120 Anos, com *Os supridores*.

Dadas as homenagens recentemente recebidas, o autor destaca que ser reconhecido por apresentar o cotidiano da periferia é uma conquista coletiva, dele que está representando e de todos os representados na sua obra: “não dá para centralizar as coisas em mim. É uma homenagem para uma comunidade, para toda uma galera, para uma família, para um povo, para uma nação” (Falero *apud* Marko e Reinholz, 2021). A comunidade representada na obra de Falero é uma das mais pobres e populosas de Porto Alegre e as pessoas estão lendo, prestigiando e reconhecendo seu trabalho. Em dezembro de 2023, Falero recebeu o título de Cidadão Emérito de Porto Alegre.

Com a explanação da ascensão do autor e de sua obra em um curto espaço de tempo, podemos recorrer às palavras de Edgar Morin para afirmar que, viver é situar-se

“concretamente em um tempo e um lugar. O tempo é o nosso e o lugar não é apenas nosso país, mas nossa civilização tipicamente ocidental, com sua economia, suas técnicas, seus hábitos, com seus problemas de vida cotidiana” (Morin, 2015, p. 31). Essas palavras reverberam na fala de Falero quando diz que a periferia “mais do que um ponto geográfico específico num mapa, é um lugar existencial, onde existimos da forma como existimos, e isso acontece em diversos lugares ao mesmo tempo” (Falero *apud* Marko e Reinholz, 2021). Cabe agora contextualizar a Lomba do Pinheiro, periferia de Porto Alegre, onde Falero vive ainda hoje.

## 1.2 Contextualizando a Lomba do Pinheiro – a periferia do Rio Grande do Sul

Os protagonistas do romance de José Falero são oriundos da periferia do Rio Grande do Sul: Pedro foi criado entre as vilas Viçosa e Nova São Carlos, atualmente chamada de Vila Sapo, e Marques, na Vila Lupicínio Rodrigues. São todas pequenas vilas da periferia de Porto Alegre e são marcadas pelas desigualdades sociais, falta de estrutura básica, como saneamento.

Ao mencionar o espaço da Vila Lupicínio Rodrigues, destaca-se a questão cultural, afirmando que o distanciamento entre a cultura e às pessoas não se restringe às questões físicas e estruturais, nem mesmo ao acesso, já que eventos culturais são disponibilizados de forma gratuita nas comunidades. A população não se interessava pelo que estava sendo apresentado, e isso gera uma reflexão sobre esse desinteresse e a finalidade de se construir um espaço cultural que não contempla a comunidade local. Deste modo, caracterizar esse espaço geográfico da produção literária de José Falero colabora para a compreensão acerca da formação desse sujeito. Conforme as palavras do narrador de *Os Supridores*:

A Vila Lupicínio Rodrigues era o indesejado quintal dum importante centro cultural do mesmo nome. E ali estavam os dois colados um no outro, vila e centro cultural, só para provar que a distância entre a cultura e as pessoas pobres não era física. Os moradores da vila preferiam ficar em casa sem fazer absolutamente nada a frequentar os eventos do centro cultural, mesmo que fossem de graça. Era como se soubessem, ou sentissem, que aquilo não estava ali para eles, como de fato não parecia mesmo estar; geralmente, quem frequentava os eventos era gente que vinha de outras partes da cidade – gente que vinha de outras partes da cidade dirigindo carros caros. E enquanto se representava de Shakespeare a Brecht no célebre teatro do centro cultural, o Renascimento, a vila ia servindo de palco para tragédias da vida real. Pois, como em qualquer aglomeração de pobres, na Lupicínio Rodrigues também havia pessoas com nervos de aço, sem sangue nas veias e sem coração (Falero, 2020, p. 32).

O contexto inicial de formação das periferias pode ser demarcado a partir da desruralização dos territórios e formação das cidades. Esse fato pode ser observado no desenvolvimento do município de Porto Alegre. A periferia é o resultado de um processo dual (centro/periferia) de construção do espaço. O crescimento urbano das cidades teve o centro como um nexos aglomerante de todas as benesses do eldorado urbano. Essa centralidade concentraria os empregos, os equipamentos urbanísticos mais modernos e as funções centrais de direção da vida urbana. Seria o resultado do crescimento do espaço metropolitano, gerado pela ação localizada de um amplo leque de agentes privados e pela ação deficitária do Estado (Guimarães 2015, p. 109). A região citada corresponde a mais de 10% do município e não recebe a assistência necessária para que a população tenha o mínimo de assistência quanto a saúde, educação, saneamento básico, as análises do governo tratam os aglomerados urbanos de modo irrisório diante das necessidades reais.

O termo “periferia” derivou dos debates econômicos ocorridos nas décadas de 1950 e 1960 que versavam sobre a relação dos países que ficavam na periferia do capitalismo em relação às economias centrais; mas também determinavam um território geográfico cujas principais características eram a pobreza, a precariedade e a distância em relação ao centro (Telles, 2012). Neste mesmo sentido, D’Andrea trata os termos “periferia”, “periférica” e “periférico” considerando-os dentro de um processo que os elevou a categoria da representação. Segundo o autor:

Periferia, periférica e periférico transformaram-se em categorias de representação que se combinam com outras. O conceito de periferia formulado como guarda-chuva nos anos 1990 segue válido se contraposto a outras regiões da cidade. No entanto, pensá-lo passa necessariamente por levar em conta experiências individuais e coletivas internas, às vezes dispare, às vezes comuns. Por isso é muito difícil afirmar a existência de uma única identidade periférica (D’Andrea, 2020, p. 4).

Cabe lembrar ainda que havia distintas posições nesse debate. O desenvolvimento desses grandes centros urbanos foi mais acentuado no início das décadas de 1980 e 1990 e continuam passando por um processo de movimentação de massa e mobilização popular, marcado pelo aumento da pobreza e da violência, fatores que viraram objeto de estudo para fomentar políticas públicas e teorias da e sobre a periferia. Teorizou-se assim sobre as novas formas de organização das classes populares. Naquele momento, foram

tratadas as especificidades dos movimentos populares como um todo e, após quarenta anos, observa-se a ascensão dos sujeitos dessa periferia (Telles, 2012; Kowarick, 1993). Conforme D'Andrea:

Periferia nos anos 1990 era denunciar a sociedade por meio de um conceito crítico: periferia. Era apresentar o conflito, quando o pensamento hegemônico só apresentava consenso. Era nomear a contradição. É por esse motivo que os ouvintes de rap justificavam suas escolhas musicais argumentando que o gênero falava a verdade e mostrava a realidade. Implícito a esse discurso, havia uma crítica a outros discursos, justamente aqueles que negavam a verdade e a realidade, atributos que, na construção periférica do conceito periferia, se expressavam no binômio pobreza e violência. Esse conceito passa por mutação englobando também cultura e potência (D'Andrea, 2020, p. 5).

D'Andrea discorre ainda sobre uma classificação tanto quantitativa quanto qualitativa da periferia. A dimensão quantitativa da periferia considera dois elementos: um social, denominado pobreza, e um geográfico, denominado distância. Levando-se em consideração a concentração de riqueza e as dificuldades de acessibilidade. Aqui, é necessário circunscrever os debates e os significados atribuídos a periferia no decorrer da história. A dimensão quantitativa de periferia pode se modificar de acordo com mudanças nos padrões de distância e acessibilidade, e de pobreza e vulnerabilidade social. Observa-se que as obras literárias que estão em pauta neste momento, classificadas enquanto literatura marginal ou periférica, representam as periferias com tom de denúncia diante das desigualdades que continuam a fazer parte da rotina dessa parcela da população.

Quanto a abordagem qualitativa cabe analisar que o teor de denúncia tem sido mantido nos enredos literários com discursos cada vez mais incisivos na voz das personagens. Contudo, não há vitimização nessas narrativas, a pauta é apresentar cenas do cotidiano, relatos de pontuais de situações corriqueiras com alto teor de violência, mas sem tratativas específicas que visem a humanização desses indivíduos computados nas estatísticas da marginalidade, porém sem resposta no que tange a políticas públicas que possam impactar em mudanças pontuais na vida dessas pessoas. Em outros termos, a periferia não se resume o binômio pobreza e violência, existe cultura na comunidade.

Com uma população estimada em 71,242 habitantes (segundo dados do IBGE de 2022), o bairro Lomba do Pinheiro é composto por mais de trinta vilas, apontado como

sendo uma das comunidades mais populosas da zona leste de Porto Alegre<sup>12</sup>. Além disso, faz limite com os bairros Agronomia, Belém Velho, Cascata, Lageado, Pitinga, Restinga, São Caetano, Vila São José e com o município de Viamão, que abriga 4,42% da população da capital gaúcha, com área de 50,65 km<sup>2</sup>, ou seja, representa 10,64% da extensão do município<sup>13</sup>. Nas palavras de Falero, Lomba do Pinheiro fica

afastada do Centro, fora do alcance dos tentáculos do poder público, abandonada à própria sorte, assim tinha construído em torno de si uma assustadora fama de terra sem lei, onde nem as mais abomináveis selvagerias eram motivo de surpresa [...]. Dúzias de vilas compunham o bairro, todas crescendo e crescendo sem qualquer planejamento às margens da estrada, todas derramando-se desordenadamente por encostas íngremes, todas fazendo fronteira com algum matagal (Falero, 2020, p. 18).

Por mais que os limites da periferia sempre fizessem fronteira com espaços que não favoreciam o desenvolvimento de grandes projetos, a família de Falero sempre buscou incentivá-lo. Destaca em suas entrevistas a questão da desigualdade social diante dos anseios e das limitações impostas para ele e tantos outros que estão à margem da sociedade. Segundo Valdez (2022), Falero tem um olhar de dentro, capaz de operar uma radiografia do conflito social contemporâneo. Corroborando essas percepções, Mathias (2023) anuncia que a pós-modernidade trouxe em seu bojo não só a fragilização dos grandes relatos, como também intensificou a revisão das formas de pertencimento.

Parte do território é considerado pelo IBGE como *aglomerados subnormais*, ou seja, um conjunto constituído por um mínimo de 51 domicílios, ocupando ou tendo ocupado até período recente, terreno de propriedade alheia – pública ou particular – dispostos, em geral, de forma desordenada e densa, e carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais (IBGE, 2010, p. 305). A região é caracterizada como violenta, tomada pelas drogas e pela exclusão social. A população da região tem buscado manter-se organizada com o intuito de reivindicar melhores condições sociais e econômicas, e por maior atenção aos problemas da comunidade por parte dos órgãos públicos e políticos (Moraes, 2017, p. 12; Freire, 2000). Ao falar sobre isso, o narrador do romance pontua:

---

<sup>12</sup> SILVEIRA, Jacira Cabral. Periferia como demarcação social. Porto Alegre: Jornal da Universidade. Ago. 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/periferia-como-demarcacao-existencial/>. Acesso em: 19 de agosto de 2023.

<sup>13</sup> Disponível em: [http://portoalegremanalise.procempa.com.br/?metas=5\\_8\\_127](http://portoalegremanalise.procempa.com.br/?metas=5_8_127). Acesso em: 19 de agosto de 2023.

Um território vasto, localizado no extremo leste de Porto Alegre; um território que, arrastando-se num moroso processo de urbanização, ainda apresentava muitos vestígios de seus remotos tempos rurais; um território onde ainda era possível ver, a olho nu, a Mata Atlântica virando fumaça de pouquinho em pouquinho, onde ainda era possível acompanhar, em tempo real, a ação corrosiva da metástase civilizatória trazida nas caravelas havia mais de meio milênio; um território repleto de colinas, pelas quais subia e descia e ziguezagueava, subia e descia e ziguezagueava, como uma montanha-russa gigante, a estrada João de Oliveira Remião (Falero, 2020, p. 18).

A estrada João de Oliveira Remião é o eixo viário central que corta o bairro de norte a sul e é a principal ligação entre o bairro e o centro da cidade, que fica bastante afastado: “[...] a espinha dorsal da Lomba, por onde se estruturam as vértebras correspondes às vilas que compõem o bairro, abriga ainda grande parte dos estabelecimentos comerciais, bancos, postos de saúde, centros comunitários e escolas” (PMPA, 2000, p. 13). O bairro é acometido por vários problemas, dentre eles está a insalubridade decorrente da falta de saneamento básico, uma problemática que vem sendo discutida há tempos, dada a falta de serviços públicos, ou precariedade dos serviços prestados, principalmente, na distribuição de água. Apresentar esse cenário na literatura é uma forma de prospectar a conscientização da sociedade diante dos menos favorecidos, e ao conquistar leitores das comunidades que se reconhecem nas obras com experiências, as semelhantes e as distintas, contribuem para o fazer literário e pela luta por uma literatura acessível (Oliveira, 2017). O narrador de *Os supridores* destaca, nesse sentido, a percepção de Pedro, afirmando que ele

já estava familiarizado com imperfeições, como todo pobre que se preza, ainda que não se considerasse merecedor delas, como todo pobre que se despreza. Às vezes, avaliando tudo quanto lhe girava em torno, apanhava-se espantado com a quantidade de coisas que, de uma forma ou de outra, causavam-lhe descontentamento: os ônibus lotados, as roupas surradas, os cigarros vagabundos, a insuficiência de cobertas no inverno, a falta de um ventilador no verão, o cheiro horrível de esgoto no quintal, a casa repleta de ratos, baratas, aranhas, cupins, pulgas, carrapatos e lagartixas. “Nada é perfeito”, diz o ditado; acontece que na vida de Pedro nada era sequer minimamente razoável. (Falero, 2020, p. 20).

O narrador de *Os Supridores* enfatiza, assim, a inconformidade de Pedro diante das condições estruturais da comunidade. A população local não possui acesso à água como outros bairros. A precariedade no atendimento de serviços públicos e políticas públicas tem como argumento da prefeitura o fato de ser uma área de grande ocupação irregular. A problemática da falta de acesso não deve ser vista pela ótica da escassez

hídrica, mas pela ótica da gestão precária, que abrange deficiências institucionais, práticas infrutíferas e desigualdades sociais. Atualmente, o bairro é formado por mais de trinta vilas, a grande maioria, constituída a partir de assentamentos irregulares ou clandestinos, conforme dados da FNS (Fundação Nacional de Saúde), de 2012 (Marques, 2022, p. 15).

Por mais que a região sofra com a desigualdades sociais e a vulnerabilidade, e que “muitos moradores se sintam desconfortáveis em informar seu local de residência, principalmente àqueles que residem em uma vila com situação fundiária irregular” (Minuzzo, 2011, p. 21), não é só isso. A Lomba do Pinheiro também “[...] destaca-se por sua diversidade cultural, sendo que associações comunitárias constituem um espaço político de construção da cidadania, com projetos e atividades que buscam a inclusão social de seus moradores” (Moraes, 2017, p. 19). Partindo desse pressuposto, podemos afirmar que com a evolução da literatura periférica seus representantes passaram a cumprir um papel político através da literatura.

Quando questionado sobre o que é a periferia ou como interpreta essa palavra, Falero responde de modo crítico afirmando que periferia está além de espaço territorial. Pontua em seguida que a concepção de cultura também precisa ser revista no cenário periférico considerando o interesse da população da área. Regina Dalcastagnè afirma que para além de todas as pautas que tratam do lugar de fala e do empoderamento do sujeito periférico, em alguma medida é necessário buscar entendimento sobre “o problema do lugar de onde se ouve. Afinal, é daí que a literatura recebe sua valoração” (Dalcastagnè, 2012, p. 43).

Com isso subentende-se que com a existência desse lugar fala, conseqüentemente tenha um lugar de escuta, porém na prática não existe muita empatia pelo espaço do outro, e pelo que ele tem a dizer. O sujeito periférico por muito tempo foi limitado, impedido de se posicionar, de apresentar suas concepções acerca de qualquer coisa porque não havia interesse por ele, tampouco pelas suas ideias. A literatura trouxe oportunidade e visibilidade, mas o interesse, reconhecimento e aceitação ainda é um problema a ser discutido, de modo que isso pode contribuir com a exclusão sistemática dessa população, “querendo ou não, pode servir para referendar essa prática, excluindo e marginalizando” (Dalcastagnè, 2002, p. 38).

Diante das reflexões de Dalcastagnè, cabe contextualizar também o lugar no qual o autor está inserido, visando analisar como a periferia representada na obra o constituiu. E mais, de que modo Falero construiu uma obra estruturada na “filosofia/cultura do

tráfico” em diálogo com a filosofia marxista. Acredita-se que a concepção de “filosofia/cultura do tráfico” parte da ideia de que os aspectos que levam o indivíduo a ingressar no tráfico são subjetivos pelo viés da busca por melhorias, e estruturais ao analisarmos as deficiências, as ausências, a fragilidade no cenário social periférico.

Porém, esses aspectos são alimentados por limitações socioeconômicas que mostram a alternativa associada às facções mais rentáveis. Além disso, falsamente se apresenta ao jovem uma perspectiva de futuro, de crescimento quantitativo quanto ao poder aquisitivo e qualitativo. Sem mencionar que a pessoa almeja o sucesso, também se percebe que há uma hierarquização dentro dos grupos e que o respeito, que muitas vezes ele não encontra nos locais de trabalho formal, encontra dentro das facções.

Faria e Barros (2011) discutem o tráfico de drogas como sendo uma opção entre escolhas escassas para os indivíduos à margem da sociedade. Dentre a escassez de opções, o tráfico torna-se uma escolha forçada pelas condições do ambiente socioeconômico, que se caracteriza pela precarização das relações de trabalho, pelo desemprego e pelo apelo consumista. Além disso, as premissas econômicas neoliberais criam uma situação de exclusão social e de subcidadania. É possível compreender o desejo de mudança, de poder e crescimento vislumbrado por essas pessoas ao adentrarem no tráfico. Sobre isso, Carreteiro pontua:

No que se refere às formas de sociabilidade locais que daí surgem podemos dizer que o “gerente da droga” tem, em certos aspectos, as mesmas características do chefe da horda mostrada por Freud (1912), em *Totem e Tabu*. Ele possui sobre os membros da comunidade um poder de vida ou morte (Carreteiro, 2001, p. 164).

Por mais que associemos a questão do tráfico a arbitrariedades e violência, a vontade de potência, o desejo de poder, a violência da favela, não é só isso. Dentro das subjetividades que se supõe compor a filosofia/cultura do tráfico, o sonho de melhoria quanto a qualidade de vida apresenta-se com ênfase na narrativa do romance. A violência como um todo sempre existiu, porém, na contemporaneidade, suas formas passaram a ser discutidas, considerando o viés sociopolítico e ancorando-se no espaço que as minorias estão ocupando de modo efetivo.

Pode parecer um apontamento vago, mas a sociedade sempre teve parcelas excluídas em todas as áreas. Essa multiplicidade das formas de violência no âmbito contemporâneo – violência ecológica, exclusão social, violência de gêneros, racismo,

violência na escola – configura-se como um processo de dilaceramento da cidadania (Tavares-dos-Santos, 2004, p. 5). A exposição constante à violência leva o sujeito a questionar sua própria existência, como acontece com o narrador de *Os Supridores*.

E a minha própria vida, que valor tem a minha vida? Nenhum. Por enquanto, nenhum. Por enquanto. Por enquanto, olha só! morrer não chega a ser um mau negócio para mim, porque, afinal de contas, eu tô só suportando a vida esses anos tudinho, e não desfrutando. Morrer só vai ser mau negócio para mim depois que eu tiver uma vida bala. Mas, pra eu poder ter uma vida bala algum dia, não tem jeito: eu vou ter que passar por cima da lei e arriscar essa vida fodida que tenho hoje (Falero, 2020, p. 27).

A partir desse excerto, compreende-se que a cultura do tráfico afirma que para sair da pobreza e ter poder vale tudo: subir onde quer que seja e de qualquer forma, sem respeitar as leis, regras, instituições, valores, corpos, éticas, vidas: uma mentalidade que nos diz que não vale a pena o esforço, nem o caminho longo, ou a legalidade, ou a democracia (Rincón, 2013, p. 196). Já segundo Faria e Barros,

apesar de seu caráter ilegal, o tráfico participa da atividade geradora de capital, detendo um forte e organizado esquema de produção e mercantilização de drogas, configurando-se, hoje, uma prática atrativa, tanto pela possibilidade de acúmulo de capital, quanto pelo reconhecimento social que proporciona aos traficantes, numa forma de sociabilidade extremamente peculiar (Faria e Barros, 2011, p. 3).

Diante das frustrações e limitações decorrentes da falta de dinheiro, mesmo com muito esforço e trabalho, em algum momento da vida conturbada pautada em obrigações legais, muitas pessoas devem ter levantado questionamentos sobre de que modo poderiam mudar sua realidade. Esses apontamentos não são apenas divagações, pois já houve quem questionasse a ilicitude e ainda afirmasse que,

não é necessário ser traficante de drogas para viver seus valores e desfrutar de sua mentalidade. A verdade do poder é da escrita e está nos jornais, na mídia e nos livros de história. A verdade popular não é celebrada como uma amostra de exibição intelectual na literatura (Rincón, 2013, p. 209).

Partindo destas percepções sobre a “filosofia/cultura do tráfico” é possível analisar o romance como sendo uma sátira social, além de uma representação humanizada de

personagens sobre os quais prestamos pouca atenção em nossas cidades. Esse movimento de produção, representação, reprodução da vida social nos conduz a categoria do trabalho de baixa remuneração e ao descontentamento diante das más condições de funcionários que precisam roubar do supermercado para completar a alimentação em suas casas, ou fazer um dinheiro por fora. Nas palavras do narrador: “a falcatura consistia em furtar produtos da loja, mas em grande quantidade, para levá-los embora e vendê-los em algum lugar, ou consumi-los depois” (Falero, 2020, p. 68). Para Pedro esses desvios para o investimento no empreendimento da maconha poderiam ser vistos como ressarcimento pelas horas trabalhadas e não pagas.

É necessário falar de questões sociais como é o caso da educação e da cultura, da falta de políticas públicas, das questões trabalhistas e porque todas estas questões impactam na formação do sujeito. Essa formação define a reação do indivíduo quando exposto a situações de exploração trabalhista, foco das discussões no romance. A periferia não se caracteriza apenas pelo espaço geográfico, ou seja, ela não se resume a um espaço descentralizado, mas sim por um contexto de desigualdades sociais que envolve a falta de acesso a serviços básicos, educação, saúde, segurança, cultura.

## 2. OS SUPRIDORES, DE JOSÉ FALERO – REPRESENTAÇÃO DA PERIFERIA

Neste capítulo, partindo das concepções acerca da periferia, busca-se contextualizar o enredo do romance *Os Supridores*. Parte-se da análise das personagens diante de circunstâncias que fomentam discursos de revolta e denúncia das desigualdades sociais. Da mesma forma, pretende-se analisar em que medida esses apontamentos podem ser discutidos com base na representação no contexto da literatura periférica.

Tratar da representação é pensar nas perspectivas palpáveis que são possíveis mensurar. Isto é, cabe delimitar o tempo particular que cada pessoa precisa para construir seus sonhos, delimitar suas metas, construir seus propósitos e autorrepresentatividade. Quanto ao espaço, é pertinente considerá-los diferentes: o interior, o social, o educacional, o familiar, todos em igual relevância constroem a identidade do ser humano e determinam seu lugar de fala. Tanto que, na obra, a todo momento observa-se vestígios da vida do escritor, conforme são descritos em entrevistas, mas que foram transfigurados por ele.

A ficção permite que muitas temáticas sejam discutidas. No âmbito da periferia, as discussões sobre a violência urbana, marginalidade e limitações quanto às condições de trabalho são recorrentes de modo que “a silenciosa posição de objeto para entrarem na cena literária utilizando a literatura enquanto veículo de um discurso político formado no desejo de autoafirmação” (Patrocínio, 2013, p. 12) tem sido um trampolim para que outras camadas da sociedade possam conhecer o cenário das comunidades além dos estereótipos e personificações. No contexto apresentado por *Os Supridores* têm-se uma descrição significativa das condições de trabalho do sujeito periférico e o desejo de melhores condições de vida. Assim, conforme as palavras de Leyla Perrone-Moisés:

A literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio – alguns dirão até mesmo o único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos (Perrone-Moisés, 2016, p. 79).

Com a visibilidade dada por seu romance, Falero discorre sobre a necessidade de se arrancar a literatura de um altar burguês, uma forma de quebrar paradigmas no que vem sendo tratado como ideal: “eu penso que a gente tem que arrancar a literatura do altar burguês em que ela foi metida. Eu acredito que a literatura deve pertencer ao povo”

(Falero *apud* Muniz, 2021). Tratar sobre uma sociedade opressora e excludente com propriedade e muita clareza é legitimar a cultura na periferia. Desta maneira, o detalhamento expressivo das ações leva ao questionamento sobre o teor autobiográfico da obra, o que, aparentemente, gera um desconforto no autor ao esclarecer que,

não há uma balança ou um termômetro pra medir o quanto um livro é autobiográfico. Mas algumas ideias me ajudam a refletir. Por exemplo, me parece que mesmo quando a gente conta histórias nossas, da nossa vida, em um livro ou mesmo oralmente, por vezes há coisas que não desejamos contar e omitimos, assim como há detalhes que preferimos minimizar ou valorizar, além dos aspectos que não nos lembramos muito bem e vamos preenchendo com a imaginação. Dessa perspectiva, mesmo uma autobiografia propriamente dita terá, forçosamente, algo de ficção. O inverso também me parece verdade, porque a matéria-prima daquela construção é a sua experiência de vida e a sua visão de mundo. Encarando a questão desse modo, consigo te responder com um pouco mais de tranquilidade: *Os Supridores* é um livro de ficção, não é um livro autobiográfico. Apesar de eu ter trabalhado como supridor em supermercados e de ter roubado tantos bombons quanto pude (Falero *apud* Moniz, 2021).

Quando os sujeitos se reconhecem nos discursos, acredita-se que a obra literária com representantes da periferia tem sua relevância, de modo que seus autores podem ser analisados como intelectuais. A caracterização do intelectual pode partir das concepções socioideológicas e políticas não atreladas ao viés partidário do sujeito. Cabe pensar em concepções socioideológicas porque ser um intelectual já esteve associado à posição e ao *status* social do indivíduo, e as tratativas mais atuais provam que isso não se sustenta mais devido as modificações nas interrelações entre as classes. Por intermédio de ações afirmativas no âmbito educacional, no campo literário tem ocorrido a valorização de histórias vindas da periferia. Falero destaca que essas mudanças colaboraram para a aceitação de *Os Supridores*:

As políticas afirmativas foram muito importantes nesse processo. A galera da periferia que passou a frequentar a universidade é responsável pela mudança de pauta no ambiente acadêmico. E isso passou a se refletir em toda a sociedade, que está discutindo agora racismo e machismo estrutural, por exemplo. Da mesma forma, o debate literário também se descentralizou um pouco (Falero *apud* Lucchese, 2021).

O narrador de *Os Supridores* enfatiza a frustração e o descontentamento quanto às desigualdades sociais: “Merda de vida! É melhor morrer do que ter uma vida que nem a minha. Eu, na real, nem posso dizer que vivo; eu sobrevivo. Só o que eu faço é suar e suar para me manter respirando e mais nada” (Falero, 2020, p. 24). Trata-se, portanto, de um

romance que parte do espaço periférico para apresentar uma crítica social acerca da exploração do trabalho assalariado e das perspectivas de futuro associada a desigualdade social, violência e marginalidade nesses espaços. Isso é possível na medida em que o processo de representação e legitimação dos sujeitos oriundos do subúrbio é efetivo.

A literatura potencializa discussões sobre essas temáticas e com seu caráter representativo favorece uma análise do cotidiano do sujeito periférico. Contudo, é preciso destacar que todo “estudo literário depende de um sistema de preferências, consciente ou não” (Compagnon, 2010, p. 222). Nessa obra, as pautas sociais do sujeito periférico são apresentadas com propriedade por José Falero.

O contexto histórico sobre a formação do gênero romance mostra que ele trazia a temática dos conflitos amorosos como foco, assim como a inadequação do ser ao seu destino, que ou está abaixo de sua grandeza ou em desalinho com suas ambições humanas, sendo um gênero típico da sociedade burguesa em que o teor crítico se pautava na caracterização das personagens (Bakhtin, 2014, p. 425).

Como foi mencionado, o romance mantém-se em construção e após o século XIX novas temáticas com questões sociais foram inseridas decorrentes do realismo e do naturalismo o que pode ter contribuído na capacidade representativa dos romances por um viés sociológico, pois serviram de base para teorias em diferentes áreas do conhecimento. O romance contemporâneo traz o indivíduo real e suas mazelas, aquilo que se vive efetivamente.

Na literatura as representações podem ser vistas com obras que apresentam questões sociais oriundas de bases ideológicas porque a representação social é ampla, contempla questões coletivas, uma realidade comum. Essas mudanças impactaram para estreitar as relações entre a literatura e a sociedade, posto que a dimensão social da obra se exprime em dois sentidos: a influência do meio sobre a obra e dela sobre o meio e os indivíduos (Candido, 2002 p.21). Cabe enfatizar aqui que os autores são produto do cenário, do momento e o contexto histórico é representado nas obras de modo que isso não pode ser analisado como algo autônomo e individual.

Neste mesmo sentido, Lukács afirma que há uma relação entre o romance e uma concepção de mundo burguês, e é o espaço de construção de um outro tipo de herói problemático, que se encontra em confronto com o mundo e com os valores burgueses (2000, p. 55). Inicialmente, o gênero romance não era muito valorizado, sendo ignorado

pelos estudiosos da literatura, que viam em sua nova forma uma espécie de degradação quando comparado ao drama. “O romance configura-se como expressão típica da consciência burguesa na literatura (Lukács 2009, p. 193)”. No cenário contemporâneo as novas temáticas podem contribuir para a expressão de novas perspectivas.

As primeiras discussões sobre o romance apontavam temáticas específicas e estruturas que foram sendo transformadas ao longo do tempo. Esse processo de inovação continua, ainda que os temas sejam diversificados e não permitem uma definição do gênero. No âmbito da diversidade, tem-se ainda a questão da narrativa com planos narrativos distintos, dinamicidade dos enredos, assim como a humanização de personagens complexas que impactam na representatividade por intermédio do texto literário (Bakhtin, 2014).

Na literatura contemporânea observa-se, em meio à sua diversidade, o romance de viés realista, marcado por uma narrativa de resistência, pautada na voz do sujeito periférico. Conforme Alfredo Bosi: “A escrita de resistência, a narrativa atravessada pela tensão crítica, mostra, sem retórica nem alarde ideológico, que essa ‘vida como ela é’ é quase sempre, o ramerrão de um mecanismo alienante [...]” (Bosi, 1996, p. 23). O relato pautado nas vivências impressas nas obras está arrebanhando um novo público, efetivando novos leitores, despertando uma compreensão de que o espaço geográfico é um fator limitante, mas passível de mudanças a todo instante.

Esses relatos favorecem uma reflexão sobre o modo como se dá a representação. Ainda segundo Bosi: “O romancista ‘imitaria’ a vida, sim, mas qual vida? Aquela cujo sentido dramático escapa a homens e mulheres entorpecidos ou automatizados por seus hábitos cotidianos. A vida como objeto de busca e construção [...]” (Bosi, 1996, p. 23). A partir disso, a obra literária tem sua função socioeducativa e pode colaborar para novas perspectivas para pessoas de origem periférica. Retomando a questão do romance enquanto gênero inacabado é possível pensar nas reflexões de Antonio Candido (1988) sobre a literatura e quando pontua:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação (Candido, 1988, p. 176).

Assim, na medida em que a literatura representa um determinado grupo social e favorece mudanças para esses sujeitos, ela funciona como uma forma de prática social. “A literatura, como prática social, ajuda a construir representações que extrapolam o texto e o próprio campo literário”, observa DaMatta (2011, p. 20). Com base na narrativa de resistência é possível considerar a formação de um novo homem em uma perspectiva que tem em si próprio o seu princípio e seu fim (Bosi, 2002). A fabulação construída por Falero ainda passa por discussão quanto à classificação de gênero.

O romance contemporâneo acompanha as mudanças do período. Nas palavras de Bosi, “a translação de sentido da esfera ética para a estética é possível, e já deu resultados notáveis, quando o narrador se põe a explorar uma força catalisadora da vida em sociedade: os seus valores” (Bosi 2002, p. 117). A proximidade com o real dá um novo sentido à literatura quando o sujeito se reconhece nas histórias, se sente pertencente ao enredo, resgata as suas memórias e constata que embora as condições socioestruturais não estejam nos padrões, em alguma medida o sujeito pode observar que não é e nem está sozinho. Essa ideia de coletividade sustenta a abordagem sociológica do romance contemporâneo.

(...) o romance com a concepção de mundo burguês, encarando essa forma narrativa como sendo o lugar de confronto entre o herói problemático e o mundo de conformismo e das convenções. O herói problemático está ao mesmo tempo em comunhão e em oposição ao mundo. (Brait, 1999, p. 39).

Como bem pontua Falero: “[...] tudo que tu olha ao redor, todas as pessoas que têm uma vida diferente, os atores, os escritores, são diferentes de ti, vêm de outro lugar da cidade. Geralmente a pessoa é branca, na maioria das vezes homem, na maioria das vezes hetero” (Falero *apud* Reinholz, 2021). Ou seja, são características muito distante das pessoas oriundas da periferia. *Os Supridores* alcançou sucesso e muitos leitores alegam a sensação de pertencimento no contexto do romance. Entretanto, o cânone não está interessado no lugar de fala na periferia.

É nesse sentido que é preciso problematizar o pertencimento que se transforma em conteúdo da percepção, ou seja, o momento que o sujeito se questiona pelos motivos que desencadeiam rejeição ou exclusão, de forma contínua (Mathias, 2023, p. 3). O romance de Falero é curioso desde o título, pois se analisarmos a origem do termo “supridor” é possível definir como sendo aquele que supre ou tem condições de suprir, de preencher, prover, completar ou substituir algo ou alguém (dicionário *online*). Na região

de Porto Alegre, supridor é o repositor de supermercado, indivíduo que garante o abastecimento de algo ou algum lugar; é um abastecedor.

Desse modo, em um primeiro momento, vale estabelecer uma analogia considerando que o título fala daquele que supre, enquanto a narrativa trata do quanto esses indivíduos necessitam ser supridos, preenchidos, providos de elementos básicos para uma vida digna, desejos banais como o de comer algo supérfluo, como os biscoitos recheados e chocolates que comem escondidos no estoque no supermercado. Já no primeiro dia de trabalho de Marques no supermercado, ele e Pedro “subtraíram uma caixa de bombons do depósito e foram comê-los, escondidos no vestiário” (Falero, 2020, p. 44).

Depois, cabe associar o termo “supridores” ao fornecimento de drogas na comunidade – “Operação Bruxaria”, como é chamada –, que é um novo modo de suprir: “– Ah, mas vá! Supridor por supridor, na real todo o mundo aqui é supridor, Marques. Metade da maconha fumada em Porto é a gente que arranja, é a gente que supre” (Falero, 2020, p. 198). Essa nova forma de suprir consistia em uma empreitada de negócio, na qual cada membro do grupo era responsável por distribuir a maconha no entorno de suas casas.

Nessa abordagem da falta de alimentos, Michaelson (2023) ressalta que o ambiente em que parte da história se desenvolve é um supermercado em que os funcionários roubam alimentos que não fazem parte das compras de suas casas: “Mano, se tu soubesse o ódio que me dá ter que mocoçar aqui, feito um rato, pra poder comer minhas coisa em paz... Porra, a gente também é dono dessa merda toda, na real” (Falero, 2020, p. 44).

Nesse mesmo sentido, observa-se o retrato estampado na capa que apresenta o estacionamento com onze carrinhos vazios, um deles com uma cadeirinha de bebê. De modo que, os carrinhos vazios remetem à falta de alimentos, enquanto a cadeira de bebê vazia em um carrinho vazio remete à gravidez de Angélica (Michaelson, 2023, p. 9).

Na contracapa do livro Bernardo Carvalho descreve que Pedro e Marques trabalham em um supermercado e cansados de ganhar uma merreca, armam um plano infalível: vender maconha de qualidade. O plano dá certo. Mas serão capazes de vender um bocado de droga e ainda assim, saírem ilesos? Narrado com mão segura, posto que, o enredo exige consciência crítica do leitor diante das diferentes formas de violência representadas sem o clichê de vitimismo.

Jeferson Tenório na orelha do livro pontuou a justiça e a ética na obra, salientando que essas partes da integridade humana, no direito a existir com dignidade, custe o que custar. A tensão que se estabelece na construção de diálogos duros, inteligentes e irônicos põe o leitor num estado de alerta e cumplicidade diante dessa empreitada (Tenório, 2020). Ilustremos com um excerto do romance o modo como Pedro trata da oportunidade do empreendimento: “E é por isso que a gente vai vender só maconha. Ninguém faz guerra por causa de maconha, mano. Lá na minha quebrada, por exemplo, ninguém nem vende maconha, apesar de ter um montão de nego querendo comprar” (Falero, 2020, p. 66). A maconha foi vista como um nicho de mercado por Pedro porque os traficantes da região priorizavam outras drogas mais rentáveis, mesmo que houvesse interessados em algo mais acessível como a maconha.

É um romance com 22 capítulos narrados em terceira pessoa, por um narrador onisciente, narrativa marcada pela oralidade, a linguagem formal e culta, e o tom coloquial dos personagens, com gírias e expressões regionais: “Caralho, Marques, não é só ideologia, sangue bom. Quando tu disse que queria vender maconha comigo, o que tu ia achar se eu quisesse mais dinheiro que tu? Porra, mano, eu tô tentando melhorar a minha vida” (Falero, 2020, p. 130). Falero explica que buscou estudar a gramática para melhorar a escrita, mas no transcorrer do desenvolvimento da primeira edição do romance, a linguagem não ficou muito adequada ao contexto, de modo que optou por incluir a oralidade na obra, tornando-a algo mais interessante.

A linguagem formal do narrador e a marca da oralidade das personagens com muitas gírias também é uma forma de caracterizar o espaço por intermédio da linguagem, segundo Bakhtin “no romance toda a linguagem é um ponto de vista, uma perspectiva socioideológica dos grupos sociais reais e dos seus representantes personificados” (Bakhtin 2014, p.201). Quanto à questão da linguagem cabe observar aqui a intencionalidade da narrativa, assim como essa perspectiva muda na voz do narrador e das personagens.

Quer as personagens sejam tiradas de sua vivência real ou imaginária, dos sonhos, dos pesadelos ou das mesquinhas do cotidiano, a materialidade desses seres só pode ser atingida através de um jogo de linguagem que torne tangível a sua presença e sensíveis seus movimentos (Brait, 1999, p. 52).

Em *Os Supridores* o teor de denúncia caracteriza o ponto de vista de um narrador crítico no cenário capitalista que tenta justificar o modo adequado em um sistema de produção igualitário, imagético e utópico. Na linguagem das personagens mantém-se as percepções de exploração, desigualdade, descontentamento, mas embora os fatos sejam extremamente detalhados, a personificação e as marcas da oralidade matam o herói do romance contemporâneo.

“A consciência da posição de onde se fala e a clareza do que se está falando constituem condições fundamentais para a escolha e o desenvolvimento de uma pesquisa e de seus caminhos” (Marques, 2018, p.19). Ainda que o intuito seja mostrar a realidade de uma determinada região (local de fala), a forma como as questões ideológicas são demonstradas impactam na aceitação de outros grupos (local de escuta).

Segundo Dalcastagnè, “o domínio da norma culta serve como fator de exclusão e há quem se beneficie com isso. Aqueles que valorizam a si próprios por saberem usar a norma culta da língua não têm interesse em desvalorizar essa vantagem, conquistada, às vezes, com muito esforço” (Delcastagnè 2012, p. 14). Nesse sentido, cabe salientar o que Bakhtin afirmou sobre o gênero romance. Segundo ele, “[...] o romance encabeçou o processo de desenvolvimento e renovação da literatura no plano linguístico e estilístico” (Bakhtin, 2014, p. 405).

Além de apresentar um ritmo narrativo muito semelhante a um filme de ação, a descrição apresentada no início de cada capítulo também carrega características de enredo cinematográfico que favorece uma interação com o leitor, que pode imaginar a sequência da narrativa baseada no detalhamento da descrição. Gimenes (2022, p. 69) corrobora essa ideia ao afirmar que há um fluxo contínuo entre o narrador e os personagens a um ponto em que aparece a ambos essa fala narrativa, ou seja, há um narrar de autoficção semelhante à narrativa de Pedro Almodóvar, o cineasta espanhol, em seu filme *Dor e Glória*, de 2019. Essas sensações provocativas causadas pela narrativa é que a tornam peculiar, representativa e questionadora. Conforme Coelho e Sparemberger:

A boa literatura é incômoda e, neste caso, é possível afirmar que Falero foi incômodo. Ele produziu um romance que se empenha em discutir relações de trabalho e o que essas relações refletem dentro de um contexto globalizado, que estimula o consumo desenfreado e não permite o acesso de todos a esses bens. Este claro desequilíbrio é capaz de gerar consequências desastrosas e, na maioria das vezes, irreparáveis (Coelho e Sparemberger, 2021, p. 7).

Com a leitura do romance é possível fabular, assim como o autor explica a construção literária. E também pode-se retomar as palavras de Antonio Candido, ao fazer que “assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado” (Candido, 2011, p. 174). Dessa forma, o romance com um enredo baseado na rotina da favela, com as caracterizações do ambiente e de seus habitantes, além de situações corriqueiras da comunidade, é um relato que pode ser discutido enquanto literatura.

A desigualdade social e a falta de acesso à cultura e educação, assim como o contexto das violências que moldam as periferias, geram os estranhos e formam a construção da identidade. De modo geral, a identidade é um processo, ou seja, é “algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, [...] ela [a identidade] está sempre incompleta, está sempre em processo, sempre sendo formada” (Hall, 2000, p. 30). A estruturação dessa identidade base com o desenvolvimento da identidade cultural, do local da cultura com as inter-relações com o lugar podem ser a base da obra a ser analisada.

A narrativa se inicia em fevereiro de 2009 e termina em 2011. É possível observar a marcação do tempo em várias passagens, como neste excerto: “na terça-feira que se seguiu, 3 de fevereiro de 2009, a primeira coisa que Marques e Pedro fizeram, quando se encontraram no supermercado, foi procurar alguém que ainda possuísse créditos em seu celular” (Falero, 2020, p. 84). E neste também:

Quarta-feira, 6 de julho de 2011. Frio pesado. Nuvens duras na escuridão do céu. Ventos fortes uivando agourentos nas entranhas da noite. Folhas de papel e sacolas plásticas rodopiando no ar. Algo maligno vagava pelas ruas de Porto Alegre, fluuava nas águas do Guaíba, espreitava por detrás das árvores do Parque Farroupilha. Era possível sentir. Demônios do inferno tinham vindo à capital gaúcha, para ver de perto e aplaudir de pé o que estava para acontecer (Falero, 2020, p. 260).

Ambientada inicialmente na rede de supermercados Fênix, localizado na zona central da cidade de Porto Alegre, espaço em que os protagonistas do romance Pedro e Marques trabalham como supridores. Na linguagem da região, eles são repositores de mercadorias no comércio em que se sentem oprimidos e explorados pelo patrão.

A delimitação da função de supridor é teórica porque na prática são funcionários que desempenham múltiplas funções dentro do estabelecimento, mesmo sendo

registrados formalmente como supridores, e ganhando apenas por essa função. Fato que caracteriza os desvios de função e exploração do trabalhador pode ser observado no excerto: “Isto é, entre as diversas funções que desempenhavam – como descarregar caminhões, organizar o depósito e limpar o chão da loja –, a principal era suprir as prateleiras, de modo que convinha dizer que eram supridores, ou repositores, como alguns preferiam falar” (Falero, 2020, p. 40). A diversidade de funções associadas a um único cargo, supridor, é um exemplo da exploração do trabalhador assalariado.

As origens sociais e os círculos de socialização da pessoa que escreve, assim como a profissão que exerce, para além da literatura, acabam, frequentemente, por mediar a atribuição de “mérito” à obra. Dentro das abordagens propostas para o que tem sido intitulado literatura periférica, os apontamentos de Kahmann provocam reflexões pautadas na desigualdade, nos impactos da (crescente) desigualdade social brasileira na constituição do próprio conceito de escritor/a e escritura, para além da formação de um gosto literário elitista e de temas essencialmente representativos das camadas sociais dominantes.

Para além do jogo literário, Lima (2022) em seu artigo intitulado “Os ‘crias’ do nosso Brasil: a relação entre ficção literária e realidade social em ‘Os Supridores’ de José Falero” discute o romance tratando da dimensão social e política da literatura, enfatizando que é fundamental para compreender a sociedade na qual vivemos, as correlações de força, a história do nosso país e nosso lugar dentro dela. Posto isto, cabe atrelar às concepções de Michaelsen (2023) nas quais discute a literatura a partir dos espaços. Com isso, é pertinente enxergar a pessoa a partir do ponto com o qual ela se identifica e, conseqüentemente, configura sua existência. O narrador de *Os Supridores* esclarece de modo bem detalhado a função das personagens Pedro e Marques no supermercado:

Ambos eram supridores. Isto é, entre as diversas funções que desempenhavam - como descarregar caminhões, organizar o depósito e limpar o chão da loja -, a principal era suprir as prateleiras [...] Em suas carteiras profissionais, porém, achava-se uma definição de cargo que não poderia ser mais indistinta: “auxiliar de operações”. Se, no lugar disso, estivesse escrito “pau pra toda obra” ou simplesmente “curinga”, daria no mesmo: o supermercado podia sujeitá-los a incumbências de toda sorte, sem lhes dar margem para moverem uma ação trabalhista sob alegação de desvio de função (Falero, 2020, p. 40).

Conseqüentemente, essas memórias, discutidas no cenário ficcional, são traços da identidade desse escritor. Essa identidade vem sendo moldada com a ascensão de suas

publicações que buscam dar continuidade às discussões acerca da rotina na comunidade. Se observarmos mais atentamente, veremos que as produções que se seguiram ao romance *Os supridores* também apresentam a comunidade, como nas crônicas que publicou e nas quais percebemos uma representatividade direta do cotidiano. O cotidiano enfrentado por Falero é o retrato de muitas famílias que residem na periferia. Essa ideia de pertencimento à família nacional é associada, no romance, à comunidade que o narrador descreve:

A gente sempre viveu onde a vida parece improvável. Sério, pensa bem: é um milagre a gente tá aqui, conversando. É ou não é? Quantos amigo tu já viu ir pro saco, Marques? Às vez, é bala perdida; às vez, confundem o cara com alguém e metem bala no cara; tem maluco que aparece morto a facada num beco qualquer, e ninguém nunca nem descobre o que é que aconteceu; vários vira mendigo, e tu nunca mais ouve falar deles. Uns não aguenta a pressão quando percebe que, por mais que trabalhem, vão ter sempre essa vida de cachorro, sendo chutado aqui e ali, tendo que ouvir desaforo e ficar quieto, às vez tendo que ir pedir um pão na casa do vizinho, enfim, tendo que sobreviver no inferno; não aguenta a pressão e aí se atira no crack, toca a vida dentro da porra dum cachimbo, e derrete tudo, até a alma, sem dó, até morrer, atirado por aí. Quanta gente tu já viu fazer isso, Marques? Uma pá de mano que se criou contigo, que jogou bolita no barro contigo, que foi no baile a primeira vez contigo. Tudo mortinho da silva. Mas a gente tá aqui. Eu nem sei como, mas a gente tá aqui (Falero, 2020, p. 181).

O enredo apresenta todo o descontentamento desses dois personagens. A persuasão de Pedro sobre Marques com toda sua articulação e o argumento sobre as questões vinculadas à exploração no trabalho e às más condições de vida em um todo, já que trabalham muito e não conseguem viver com algum conforto, apenas suprem o mínimo em suas casas, e sempre surge um novo problema, como o enfrentado por Marques que tem um filho pequeno, e a esposa está grávida, vivendo em uma situação precária. Isso fica evidente quando lemos o excerto abaixo:

[...] Pedro já estava familiarizado com imperfeições, como todo pobre que se preza, ainda que não se considerasse merecedor delas, como todo pobre que se despreza. Às vezes, avaliando tudo o que lhe girava em torno, apanhava-se espantado com a quantidade de coisas que, de uma forma ou outra, causavam-lhe descontentamento: os ônibus lotados, as roupas surradas, os cigarros vagabundos, a insuficiência de cobertas no inverno, a falta de um ventilador no verão, o cheiro horrível de esgoto no quintal, a casa repleta de ratos, baratas, aranhas, cupins, pulgas, carrapatos e lagartixas (Falero, 2020, p. 20).

Com o descontentamento diante das condições de trabalho no supermercado, Pedro propõe a comercialização de maconha. Além disso, opina que vender maconha vai ser sossegado: “A gente vai evitar conflito, Marques. Tendeu? E é por isso que a gente

vai vender só maconha. Ninguém faz guerra por causa de maconha, mano” (Falero, 2020 p. 66). A ideia de vender maconha aparece como uma forma de proporcionar dignidade a família.

Considerando as relações de trabalho e a existência social que fomenta todo o enredo, as relações materiais de produção, como o descrito na obra, representa o descontentamento nas relações de trabalho. Esse descontentamento gera frustração nos colaboradores, sobretudo quando analisam a sua relevância e valor. Nas palavras do narrador, tratava-se de “Definir de alguma forma a aura radioativa que envolve uma criatura frustrada” (Falero, 2020, p. 31).

No quarto capítulo da obra contextualizando a luta de classes, Pedro começa a explicar para Marques como seria a implementação do tráfico de maconha. Com a vivência na comunidade, Pedro passa a observar a movimentação do tráfico de drogas, constatando que os traficantes deixaram a venda da maconha para privilegiar outros tipos de drogas mais rentáveis. Porém, ainda existiam pessoas com baixa renda interessadas pela maconha. Com isso, Pedro deduziu que poderia aproveitar essa lacuna no tráfico e passar a comercializar o produto sem se indispor com ninguém e, assim que juntassem uma boa quantia, abandonariam a empreitada.

Com o sucesso do plano que em um período de um ano já apresentava rendimentos significativos, o empreendimento dos dois amigos cresceu e precisou de novos componentes para fortalecer a nova quadrilha da região visando conquistar novos territórios. “E assim foram agregados: Marques, Pedro, Roberto, Angélica e Luan que estavam faturando mais de três mil reais mensais, cada um, com a venda de maconha” (Falero, 2020, p.151). O faturamento expressivo em curto espaço de tempo, impulsiona Pedro a pensar em novas ações para manter a qualidade de vida, mas de uma forma menos arriscada que o tráfico.

Mantendo os empregos no supermercado, Pedro e o amigo implementaram o empreendimento fazendo desvios no supermercado para economizar no consumo em casa, como também vender as mercadorias para arrecadar dinheiro que serviria para comprar a primeira remessa de maconha. A essas manobras “Pedro deu o nome de ‘Operação Bruxaria’ era o codinome de um esquema secreto que a dupla tinha bolado e já vinha praticando havia algum tempo, em conjunto com outros empregados do supermercado” (Falero, 2020, p. 67). E assim iniciaram as atividades no empreendimento vendendo a maconha nas dependências do supermercado.

Inicialmente, de modo tranquilo, e a curto prazo, a rentabilidade do empreendimento foi muito boa. Tudo o que eles precisaram a partir de então foi recrutar novas pessoas para ampliar o comércio da maconha. Os novos integrantes do grupo eram Angélica, esposa de Marques, Roberto, esposo da prima de Pedro e Lucas, ex-empacotador do supermercado Fênix.

Na obra ressalta-se a busca por melhores condições de vida. Isso faz do romance um relato sobre a violência urbana e a desigualdade social, além de uma discussão acerca de valores morais pré-estabelecidos por determinadas parcelas da sociedade. Essa mesma parcela não faz parte da realidade cotidiana da periferia, logo, há uma sátira da desgraça, mas sem banalizar a tragédia. Tanto que durante o período de comercialização das drogas, o grupo buscou implementar negócios lícitos em paralelo para que pudessem ter uma vida mais confortável fora do tráfico. Na fala do narrador:

O direito de abrir a boca e dizer que alguma coisa te pertence, ou seja, o tal do direito à propriedade privada, esse direito devia andar de mão dada com o merecimento, e merecimento é sinônimo de trabalho. Merecimento é rosto suado e mão calejada. Não existe outro tipo de merecimento. O fiel da balança mais justa é o trabalho. E a balança mais justa mostra pra quem quiser ver que o dono desta rede de supermercado tá ganhando bem mais dinheiro do que merece, enquanto os funcionários, incluindo eu e tu, tamo ganhando bem menos dinheiro do que a gente merece (Falero, 2020, p.48).

O enredo desenvolve-se em três fases: a interação entre Pedro e Marques; a junção de outras pessoas ao grupo e implementação do empreendedorismo da venda da maconha e, por fim, as várias divergências no negócio até a prisão de Pedro. O autor pontua as tragédias urbanas com um humor áspero, dando voz a um trabalhador que desempenha múltiplas funções para sobreviver e diz não ter direito as coisas que a vida oferece de melhor, e que aos poucos vai descrevendo enquanto convence nos discursos de Pedro persuadindo Marques a mudar de vida, tornando-se um empreendedor do tráfico na favela.

Isso inclui os apontamentos do autor sobre as diferenças socioeconômicas da comunidade e o centro da cidade, demarcados pelas observações que o narrador faz sobre o trajeto: “dúzias de vilas compunham o bairro, todas crescendo e crescendo sem qualquer planejamento às margens da estrada, todas derramando-se desordenadamente por encostas íngremes, todas fazendo fronteira com algum matagal” (Falero, 2020, p. 18). Ao descrever a rotina da comunidade, discutindo a desigualdade em relação a outras regiões

da cidade e o fato de que a falta de oportunidade fatalmente direciona o indivíduo a criminalidade, é uma forma de humanizar essas pessoas<sup>14</sup>.

Conforme afirma o escritor, *Os Supridores* foi um romance escrito nos intervalos do trabalho como pedreiro. Segundo ele, “escrever era, assim como empilhar blocos em uma parede ou recolher carrinhos de compras, sua profissão – embora ainda não remunerada” (Falero *apud* Mendes, 2021). E ainda, escrever era motivo de chacota entre os companheiros, mas era compreensível a estranheza daquelas pessoas: “mas eu entendia. Não ficava com raiva deles. Escritor não é um lugar destinado para a gente mesmo. Nós somos historicamente lixeiros, faxineiros, pedreiros, não escritores. Nem eu me considerava escritor” (Falero *apud* Mendes, 2021).

Por conseguinte, observa-se a questão da justiça e da ética na partilha nos ganhos: “porque eu preciso melhorar a minha vida, mas tu também precisa melhorar a tua, então, tipo, cumé que eu ia te oferecer menos grana? Com que cara eu ia te propor uma coisa dessa?” (Falero, 2020, p. 130). Falero apresenta um sistema de sobrevivência ilícito, mas que traria contentamento diante da possibilidade de poder. Com tramas absurdamente sinceras e mudanças vertiginosas nas narrativas, Falero nos leva a pensar na instabilidade da vida. Afinal, estar bem é a grande meta de todos, mas as formas de alcançar esse objetivo é que variam, eis o mote para os conflitos que se desenrolam de forma tensa, mas divertida (Gonçalves, 2019, p. 10)

Ainda que as personagens busquem um crescimento tanto qualitativo quanto quantitativo sem sair da sua comunidade, é possível observar que o sucesso da empreitada está em aproveitar a oportunidade de um nicho do mercado do tráfico, já que a maconha não é o foco dos traficantes da área, mas tem um público local interessado que pode favorecer o crescimento do comércio sem comprometer a hierarquia dos contraventores.

Conforme Gimenes, “*Os supridores*, em rápida sinopse, é a teoria marxista exemplificada de maneira bem simples e esclarecedora, além de colocada em prática por Pedro ao propor aos amigos um negócio em que ninguém seria dono, mas que todo o lucro seria de todos” (Gimenes, 2022, p. 70). O empreendimento de Pedro não visava apenas a lucratividade, mas prospectar uma divisão igualitária como forma de encerrar o ciclo de explorada, ainda que mantivessem os empregos.

---

<sup>14</sup> DECLERCQ, Marie. “Humanizar o desumanizado”: escritor retrata parte ignorada de Porto Alegre. TAB UOL, 2022. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2022/02/17/anime--vilas-jose-falero-traz-retrato-de-parte-ignorada-de-porto-alegre.htm>. Acesso em: 14 de novembro de 2023.

Contudo, o enredo encerra-se com a prisão de Pedro. Assim, o protagonista que representou a voz da periferia no contexto da literatura contemporânea, enfatiza que a população da periferia é “pobre demais para ser lembrada, preta demais para ser levada em consideração” (Falero, 2020, p. 246). Pontuando a representatividade em algumas incursões é possível afirmar que, a “atividade artística do escritor não se descola da sua influência política; a influência política sobre o cidadão não se descola da sua atividade artística” (Santiago, 2004, p. 66). Todavia, cabe salientar que toda ficção vem de um foco de realidade.

O discurso das personagens apresenta um tom de denúncia quando representa o cotidiano do sujeito periférico reforçado com ideias sociopolíticas que caracterizam a literatura contemporânea, marginal, periférica. Esses apontamentos reforçam e a utilização da literatura enquanto “veículo de um discurso que almeja uma representatividade política para um grupo silenciado [...], resultantes de um esforço em produzir uma imagem própria sobre a vivência marginalizada” (Patrocínio, 2013, p. 17). O romance contemporâneo tem a representação da realidade como uma característica marcante. Ainda nessa perspectiva, Claudio Magris destaca que:

Somente um romance que assumisse os problemas científicos, mostrando como os homens vivem o mundo desagregado, poderia e pode alcançar o sentido da realidade e de sua dissolução, imitada mas também obtida e dominada por intermédio das mesmas formas experimentais do narrar, da desagregação e recriação das estruturas narrativas (Magris, 2009, p. 1026).

Embora sejam tratadas as desigualdades da população menos favorecida em toda a obra, o ápice das discussões parte da ideia de meritocracia na teoria e que precisa ser mais explorado. Na fala de um dos protagonistas: “Porra, a gente também é dono dessa merda toda, na real. A gente também é dono dos produtos da loja” (Falero, 2020, p.44). Contudo, se pensarmos o merecimento atrelado sobre qual é o lugar do indivíduo na sociedade de forma crítica, já se têm um grande avanço sobre o saber ocupar espaços, sendo eles desiguais ou não. O narrador discorre sobre como deveria ser esse lugar:

O lugar de uma pessoa na sociedade, pensava Pedro, correspondia diretamente à quantidade de dinheiro que essa pessoa possuía, e não era preciso ser um vidente para prever o futuro daqueles três meninos que nem para comprar chinelos tinham: avizinhava-se silenciosamente o dia infeliz em que teriam de escolher entre ser bandido ou ser escravo, se quisessem continuar vivendo. E não seria o ensino público mais sucateado de que se tinha notícia a livrá-los desse destino cruel (Falero, 2020, p. 25).

Aqui, todas as concepções que contextualizaram a escassez e o desejo de potência no romance são amenizadas com uma metáfora sobre a vida e a sopa para concluir a saga de Pedro: “a verdade é que tu passa a vida inteira em volta da sopa. A porra da vida é a própria sopa! E assim tu vai preparando e experimentando, preparando e experimentando, preparando e experimentando” (Falero, 2020, p. 298). Ainda que estejamos sujeitos às circunstâncias e que em muitos momentos da vida as possibilidades não sejam as melhores, temos o poder de escolha. No romance a calmaria segue até no penúltimo capítulo, intitulado “A tragédia”.

No âmbito das comunidades a falta de assistencialismo restringe as possibilidades e a população acaba por ver no tráfico a oportunidade de conquistar um espaço na sociedade, ainda que de modo ilícito. Ao comparar a vida com uma sopa, Pedro arquitetou a empreitada da venda da maconha, foi temperando acrescentando pessoas e aumentando o movimento de vendas, e escolheu por assumir toda a culpa pelo empreendimento do tráfico, e agora, cumpre pena pelo crime. Temperou mal a sopa e o cumprimento da pena é consumir a sopa ruim.

Já no último capítulo, Pedro surge como sendo o narrador do romance, escrito na prisão enquanto cumpria a pena de setenta e dois anos em regime fechado. Neste momento, Pedro aparece com um sentimento de culpa por ter orquestrado toda a dinâmica do empreendimento da venda da maconha e, com isso, não ter atingido seu objetivo de uma vida melhor, mas ter perdido amigos durante os conflitos pelo domínio do tráfico na região do bairro Planetário em que a mãe de Luan foi assassinada.

A narrativa parte de duas personagens, Pedro e Marques, e o caráter efetivo da representatividade do romance é ainda mais evidente durante a análise das personagens. Conforme afirma Antonio Candido, “a autenticidade externa do relato, a existência de modelos comprováveis ou de fatos transpostos, garante o sentimento de realidade” (Candido 2014, p. 24). Esse sentimento impacta na leitura inicial do romance de Falero, deixando transparecer a ideia de um narrador onisciente que é desbancada ao final. A autenticidade do relato é reforçada pelos traços da oralidade no discurso das personagens, marcado por gírias, em relação ao narrador.

Com a abordagem social trazida pela literatura periférica, há reconhecimento dessas personagens na representação literária e elas deixam de ser vistas como estranhas. Nas reflexões ideológicas quanto às injustiças sociais, observa-se que Falero não analisa

a periferia como geradora de violência, mas sim como vítima do sistema, ou seja, vítimas de uma forma de violência por parte do Estado.

As publicações literárias que denunciam a violência pelo olhar das vítimas é uma forma de “assumir uma posição subversiva perante o Estado, produzir seu próprio discurso literário, artístico, é, sobretudo, uma forma de resistência aos séculos de exclusão social a que foram submetidos” (Oliveira, 2017, p. 47). As denúncias implícitas nas narrativas funcionam como uma forma de protesto e estimulam outras pessoas a serem reativas diante das desigualdades.

Teoricamente, o Estado deveria zelar pelo bem-estar da população como um todo. No entanto, a violência ocorre devido ao negligenciamento de condições de vida digna e pela falta de efetivação de garantias legais. Essa violência pode ser percebida quando o poder de mando do Estado configura-se nas ações policiais. A violência policial é recorrente nos subúrbios e não ameniza a fragilidade do sistema diante das demandas sociais. Notamos isso na fala do narrador:

– Pra início de conversa, eu nunca quis ser um traficante. Querer uma coisa dessa é até estranho, se tu parar pra pensar. Quem é que vai querer correr o risco de ser preso e passar um tempão lá dentro do presídio? Isso sem falar que o que mais tem é porco ruim: te espanca até não querer mais, antes de te levar preso. Ou até te mata, se não tiver ninguém olhando. Mas te mata assim, na crocodilagem mesmo: te pega de bobeira, dormindo em casa, te manda pro inferno e depois diz que tu reagiu à prisão: é a palavra dum homem da lei contra palavra nenhuma, porque tu tá morto e ninguém viu o que aconteceu. Aí eu te pergunto: quem é que quer uma vida dessa? Quem é que quer desafiar o perigo desse jeito? Não, mano, eu nunca quis ser um traficante. Mas eu também não queria o que tavam me enfiando goela abaixo: a vida fodida que eu tinha. Eu queria era dinheiro, tu sabe. Eu queria era viver como a gente tá vivendo hoje. O problema, sangue bom, é que esse padrão de vida que a gente tem hoje, hum!, esse padrão de vida não é pra gente que nem a gente. A gente quebrou as regra da brincadeira, Marques. A gente foi lá e pegou pra gente o que decidiro que não devia ser nosso nunca. Tramando nesses trampo fodido que tão aí pra gente, a gente nunca que ia ter a vida que a gente tem agora, mano (Falero, 2020, p. 178).

O romance de Falero trata a violência policial associada à violência patrimonial, ao merecimento e ao desejo de melhoria de vida. Com todas as tipificações possíveis, cada uma delas aparece de forma detalhada na caracterização e personificação das personagens do romance apresentadas a seguir.

## 2.1 Caracterização das personagens periféricas de *Os Supridores*

Tratar da caracterização da personagem periférica de *Os Supridores* em um contexto geral não é pensar que todos são iguais, mas que as condições estruturais, espaciais, sociais colocam muitos indivíduos em condição de personificação, ainda que cada pessoa tenha suas particularidades, sua essência. De qualquer modo, na análise literária é necessário observar as questões ideológicas da narrativa, partindo do pressuposto de que as personagens “representam pessoas, segundo modalidades próprias da ficção” (Brait, 1999, p. 11).

Segundo Beth Brait (1999) em sua obra intitulada *A personagem*, essas são seres criados pelos homens, movimentam o jogo artístico – literário e entrelaçam criador, criatura, e todos aqueles que se envolvem com eles, com isso não param de se multiplicar. Um exemplo claro disso é o fato dessa obra em questão ter mais de trinta anos, manter-se atual e estar sendo reformulada em alguns aspectos pela autora e ser base de análise no cenário contemporâneo.

Brait (1999) discute a teoria dialógica proposta por Mikail Bakhtin pontuando as questões autor/criador e personagem/herói apresentando a compreensão de que esses são fundamentais à ética e a estética tanto na literatura quanto em outras artes. Contudo, na análise literária é imprescindível que estejamos atentos para que a ingenuidade não comprometa nossas concepções diante da obra de ficção. De um modo geral, é imprescindível se atentar a construção das obras para tentar compreender como os autores estruturaram a ponte entre a arte e a vida por intermédio de sua personagem, assim como a reprodução ou a invenção, posto que a personagem é um habitante da realidade ficcional.

Em *Os Supridores* Pedro é o narrador-protagonista que no desenvolvimento da narrativa acrescenta as personagens contextualizando-as no tempo e no espaço, “a soma de recursos nela empregados, como um sistema de signos organizados de modo a imprimir a conformação e a significação dessa obra”(Brait, 1999, p. 43). Nesse mesmo sentido, é preciso considerar que a literatura contemporânea tende a explorar o fato de que a personagem literária é um produto meramente verbal, um ser de papel a quem o narrador pode brincar de conceber autonomia (Brandão, Oliveira, 2019, p. 30). Ao falarmos em narrador, podemos recorrer às palavras de Gancho:

Narrador-protagonista é o narrador que é também a personagem central. Podem-se citar inúmeros exemplos deste tipo de narrador e apresentarmos alguns bastante célebres: Paulo Honório, narrador do romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos e Bentinho, de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Nos dois casos, temos um narrador que está distante dos fatos narrados e que, portanto, pode ser mais crítico de si mesmo (Gancho, 2006, p. 33).

Pedro é o protagonista e grande articulador de toda a narrativa. Sujeito oriundo da periferia de Porto Alegre, foi criado entre as vilas Viçosa e Nova São Carlos, atualmente chamado de Vila Sapo. Além disso, trabalha como supridor em um supermercado localizado na área central do município e aproveita o tempo de deslocamento de casa até o trabalho para a leitura. Com o conhecimento que foi acumulando tornou-se um sujeito crítico, desenvolvendo muitos questionamentos, principalmente quanto às questões socioeconômicas da sociedade como um todo.

Nesse sentido, Pedro era um indivíduo totalmente inconformado com as suas condições de vida. Essa revolta aparece em sua fala: “Eu, na real, nem posso dizer que eu vivo: eu sobrevivo” (Falero, 2020, p. 24). O descontentamento de Pedro partia desde o longo deslocamento de sua casa até o ambiente de trabalho, e se agravava com a exploração do trabalho com o acúmulo de múltiplas funções, baixa remuneração, e a falta de perspectiva diante da rotina de inúmeras limitações e estruturais.

Ele estabelece algumas relações entre produção e rentabilidade, compreendendo como funciona o capitalismo com as condições de trabalho e exploração da mão de obra. Durante todo o período que Pedro passou preso, ele continua a ler muitos livros e acaba escrevendo um livro, que também se chama *Os supridores*. Inconformado, pessimista, amargurado, ele se apresenta como narrador protagonista ao final do livro, um livro que está sendo escrito na cadeia: “E se tu, leitor, estiveres lendo isto, très bien. É porque Pedro conseguiu escrever tudo o que desejava” (Falero, 2020, p. 301).

O desassossego de Pedro pode ser observado desde o início da narrativa em que o capítulo é intitulado “ Assunto Desagradável” até ao final do enredo com o pão que o diabo amassou, e essa tensão alimentada a cada parágrafo talvez seja o segredo para manter o interesse do leitor. Essa ênfase no sentimento de frustração de Pedro se enquadra nas inserções analisadas no desenvolvimento do romance enquanto gênero que agregou questões psicológicas “que entende personagem como a representação do universo psicológico de seu criador (...) O romance entrega-se à análise das paixões e dos sentimentos humanos”. (Brait, 1999, p. 37).

Pedro é um leitor ávido que, por intermédio dos livros se desloca para outros mundos, tornando-se um sujeito mais crítico e questionador. Transforma-se em um crítico das condições de trabalho. Ele faz uma análise mais profunda da condição do trabalho quando conhece a obra de Karl Marx.

Pautando-se no materialismo histórico-dialético e no conceito de *mais valia*<sup>15</sup>, Pedro vai absorvendo as análises feitas por Marx e questionando o poder do capitalismo e a falta de direitos dos subalternos. O materialismo histórico-dialético é um método criado pelo pensador Karl Marx de interpretação da História, contrapondo outros métodos, quando a sociedade se transforma através de nossas ações, o ser humano é um sujeito histórico que cria, mantém e transforma vidas. Ao tempo em que se espera lançar argumentos que possam servir de fundamentos e de parâmetros de análises para as investigações em vários campos, inclusive literária, norteadas pela premissa científica da busca pela inteligibilidade da realidade social.

Pedro explica de uma maneira bem pedagógica o conceito de *mais valia* de Marx, estruturação capitalista, exploração do trabalho, exemplificando com atividades básicas com o intuito de mostrar para Marques o que é ser explorado e como eles estão inseridos neste sistema. Em suas palavras: “o problema [...] é que entre o certo e a lei, tem um abismo”, e que o lucro daquele que detém os “fornos de assar pão” (Falero, 2020, p. 52), a materialização da exploração do trabalho no contexto capitalista quando percebida é sufocada pela necessidade de manter-se empregado. Falero justifica que seu entendimento acerca das teorias marxistas não ocorre de forma acadêmica, e se diz surpreso com essa análise do romance. O narrador do romance também toca no tema:

– Olha, eu tô tentando te explicar é que existe um limite até onde a gente pode fazer as coisa sozinho, Marques. Existe um limite. E esse limite, que varia de pessoa pra pessoa, esse limite é que devia definir o melhor padrão de vida possível pra cada pessoa. [...] Se o nosso trabalho é fazer camisa, por exemplo,

---

<sup>15</sup> A teoria de Mais-valia foi desenvolvida pelo sociólogo Karl Marx no século XIX tratando do lucro obtido pelos empregadores em relação às horas trabalhadas pelo empregado. A Mais-valia, segundo Marx, é o principal mecanismo de exploração do trabalho assalariado, pois além da vantagem do próprio trabalho do empregado, principalmente do trabalho não pago que pode ser horas extras ou excedentes de mercadorias transformadas além do que se paga o salário do trabalhador, anteriormente a isso, há a utilização da propriedade, do território que já é domínio ou posse do capitalista, em resumo, Marx chama a mais valia de lucro. Enfatiza a disparidade entre a produção de cada indivíduo e o quanto este recebe, a maximização dos lucros do capitalista, materialização do tempo de trabalho não pago (exploração do trabalho assalariado). Marx divide a Mais – valia em dois tipos: absoluta e relativa. Para melhor compreensão da teoria é imprescindível aprofunda-se na obra, MARX, K. Teorias da Mais-valia: história crítica do pensamento econômico – Livro 4 de O Capital, Volume II. Tradução: Reginaldo Sant’anna. São Paulo: DIFEL, 1980.

talvez eu consiga fazer umas cinco camisa por dia, mas pode ser que tu seja capaz de fazer seis, não é verdade? E se tu faz mais camisa do que eu, o teu padrão de vida tem que ser melhor que o meu. - Tá, e não é isso que acontece? - O quê? Meu Deus, em que mundo tu vive? Claro que não é isso que acontece! (Falero, 2020, p. 46).

Ilusoriamente, toda pessoa traça uma meta de conquista na vida, assim como, o que é necessário para que esses objetivos sejam conquistados, quais são os investimentos possíveis e o tempo que as ações trarão retorno. Na prática, enquanto trabalhador assalariado, as possibilidades de conquistar o mínimo de qualidade de vida, conforto e estabilidade é utópico para a grande maioria que apenas sobrevive. Pedro busca compreender as abordagens filosóficas de Karl Marx e influencia seu companheiro Marques, ou seja, transmite conhecimento e persuade seu amigo: “Sei lá, eu acho que o cara que mais influenciou o meu pensamento foi um filósofo alemão. O nome dele era Marx [...]. – O nome do cara era Marques, que nem o meu? – Não. Era Marx, com xis” (Falero, 2020, p. 59). Karl Marx tratou da fragilidade do trabalho assalariado discutindo a maximização dos lucros do capitalista com base no tempo de trabalho não pago.

A maneira incisiva como Pedro aborda a temática e contextualiza os conceitos teóricos implícitos na narrativa faz com que ele seja analisado como um mentor intelectual de seu companheiro e, por conseguinte, do grupo que empreende a comercialização da maconha na comunidade. Sobre esse conhecimento acerca de Marx, Falero é incisivo em afirmar que seu livro não tem o objetivo de explicar o marxismo: “Eu não domino a linguagem do Marx para querer traduzir à linguagem coloquial seus conceitos. Só que aquilo que o Marx viu na sociedade, outras pessoas conseguem ver também, ele só sistematizou” (Falero *apud* Alvarenga, 2021). Em linguagem comum, o trabalhador explorado é capaz de discutir o processo de produção, e como funciona as concepções do capitalismo que comportam a *mais valia* de Marx. No trecho abaixo, Falero exemplifica e levanta questionamentos com a situação de um padeiro.

O problema mano é que entre o certo e a lei tem um abismo. Pela lei existe o tal do salário-mínimo. E tá aí como nasce um grande filho da puta: tu vai pagar um salário mínimo para cada padeiro, mas quem foi que disse que esse salário mínimo é o justo, levando em conta o quanto trabalho dos padeiros tem influência no dinheiro que está entrando? Quem é que calcula essa porra? Qualquer idiota logo percebe que tem coisa errada aí. O salário é sempre muito, muito, muito abaixo do que vale o trabalho de fato. E tu, como fica nessa história (Falero, 2020, p.52).

A personagem não fala apenas de exploração, de miséria, violência e desumanização, mas discorre sobre a relevância de buscar melhorias para uma grande parcela da população brasileira que se encontra à margem da sociedade e que sonha com a perspectiva de uma vida digna. As situações de desigualdades e exploração a que Pedro esteve exposto fez com que ele tivesse consciência de classe. Contudo, se o intuito é modificar a visão que as pessoas em situação de privilégio analisam essas questões, os autores poderiam construir personagens menos estereotipadas. Entretanto, Falero declarou em entrevista a Fabiana Reinholz (2021) de modo enfático e extremamente crítico que,

Nem na literatura, novelas e filmes essas pessoas ganham direito de serem representadas como seres humanos com angústias, com anseios, com esperanças. Não é uma pessoa do ponto de vista do Estado, pode parecer absurdo, mas não tem direito a ser tratado com dignidade, não tem direito a ter sua vida respeitada (Falero *apud* Reinholz, 2021).

Nesse sentido, uma das formas de delimitar o direito do outro e estabelecer respeito ainda que as ações fossem ilícitas, Pedro buscou estabelecer a igualdade entre todos os envolvidos na comercialização da maconha. Na implementação de seu empreendimento de comercialização de maconha na favela, Pedro buscou instaurar um modelo de cooperativismo em que todos os envolvidos recebessem partes iguais nos lucros da empresa: “as duas pessoa que a gente chamar pra vender a maconha pra gente têm que ganhar a mesma coisa que nós, mano. A gente vai dividir todo o lucro sempre em quatro parte igual” (Falero, 2020, p. 129). Igualar os ganhos no empreendimento da maconha é a forma de Pedro capitalizar estimulando seus pares a produzirem e prospectarem sonhos que ele mesmo já tinha deixado pelo caminho. E ainda salienta que,

uma criança de família pobre, pensava, tinha tantos sonhos quanto uma criança de família rica, mas, ao contrário desta, ia sepultando-os um a um ao longo dos anos, conforme ia amadurecendo [...]. Não tinha podido dar um sítio para a mãe, como o prometido, nem viajar para a China, como o planejado, e assim muitas outras coisas tinham ficado apenas na vontade. Depois, até mesmo a vontade se fora: vendo que não realizava sonho algum, Pedro abandonara o hábito de sonhar (Falero, 2020, p. 84).

Embora a alternativa encontrada por Pedro para transformar a vida seja ilícita, o modo como ele tenta organizar as ações e demonstrar as mudanças e a possibilidade de contentamento é algo justo e democrático, rompendo com as concepções capitalistas que

foram observadas no início do romance. Como estrategista do grupo, Pedro começou por persuadir Marques sobre a importância de manter a igualdade dentro do grupo: “quando tu disse que queria vender maconha comigo, o que tu ia achar se eu quisesse ganhar mais dinheiro que tu? Porra, mano, eu tô tentando melhorar a minha vida, porque eu preciso melhorar a minha vida, mas tu também precisa melhorar a tua” (Falero, 2020, p. 129). Também fica evidente a percepção das condições desumanas de trabalho no mercado, de como o recebimento era muito inferior a quantidade e variedade de trabalho realizado. Por conseguinte, buscou mostrar como poderia ser a vida caso tivessem um pouco mais de dinheiro.

A maneira incisiva como Pedro aborda a temática e contextualiza os conceitos teóricos implícitos na narrativa faz com que ele seja analisado como um mentor intelectual de seu companheiro. Por conseguinte, torna-se também líder do grupo que empreende a comercialização da maconha na comunidade. Toda a ação de explicar detalhadamente as situações que valorizam o argumento sobre a desigualdade social abre um leque de reflexões no leitor, que se desloca para aquela situação, de modo que ele também seja impactado e se interesse em conhecer um pouco mais não apenas sobre o autor José Falero, mas quanto às suas influências literárias.

Em suas palavras: “qualquer um pode ser mestre de qualquer um, Marques. Cada pessoa é um poço de conhecimento, tá ligado? [...] O que faz uma pessoa virar mestre da outra é quando, de algum jeito, o que uma pessoa tem pra ensinar é importante pra outra aprender” (Falero, 2020). O ensino-aprendizagem é analisado como processo porque exige interação, e interagir nem sempre é sinal de bons resultados. O que fica claro é que todos temos algum conhecimento para transmitir, mas o que é relevante no processo é o modo como o outro absorve e reproduz o que assimilou. Na obra a efetividade dos ensinamentos de Pedro faz sentido quando Marques compreende a partilha igualitária como base do empreendimento da maconha.

Para Kahmann (2021), embora o protagonista de *Os Supridores* não tenha um final feliz, pode-se dizer que o é para a literatura brasileira, pois a obra preenche, sob a ótica da periferia, um problema social que a literatura contemporânea tende a registrar apenas sob a experiência da classe média. Mas ainda existe resistência para a publicação dessas temáticas. Falero comentou como foi difícil publicar *Os Supridores* e de como depreciou sua obra e fez ajustes até que ela pudesse ser aceita muito tempo depois das suas primeiras tentativas (Falero *apud* Reinholz, 2021).

Discorreu longamente acerca do modo como as pessoas desprivilegiadas refletem sobre a estrutura de poder injustamente pré-estabelecida pela sociedade, e que interfere no subconsciente desses indivíduos com tanta intensidade que no imaginário eles não conseguem vislumbrar nenhum tipo de melhoria. O círculo imaginário da falta de pertencimento que essa parcela da população estabelece em suas mentes é difícil de ser quebrado. A falta de representatividade é preponderante nas limitações dos grupos minoritários (Falero *apud* Reinholz, 2021). As personagens de *Os Supridores* refletem isso quando são determinados os espaços que esses ocupam como é o caso de Marques.

Marques foi criado na Vila Lupicínio Rodrigues, periferia de Porto Alegre. Casado com Angélica, pai de um filho de três anos. Recebe a notícia da chegada de mais um filho com desespero diante das dificuldades que vem enfrentando para sustentar uma criança, e do agravamento da vinda de uma outra. A casa também precisava de reparos no assoalho e não havia dinheiro: “naquela conjuntura a lastimável verdade era que ou bem socorria-se o piso, ou bem alimentava-se a criança, já que, para as duas coisas, o dinheiro não dava” (Falero, 2020, p. 31). Brait pontua a relevância dos recursos como a determinação dos espaços na construção das personagens.

A composição do espaço, o desenho do ambiente, a caracterização da postura física da personagem e a utilização do discurso indireto livre para expressar pensamentos e emoções dessa criatura combinam-se de forma harmônica, construindo progressivamente o saber da personagem e do leitor (Brait 1999, p. 55).

Apresentar os espaços físicos ocupados por essas personagens, pontuando as suas atividades diárias com todas as mazelas têm aproximado o leitor a obra, Marques era mais um prestador de serviços explorado, mas não tinha consciência dos seus direitos, apenas desempenhava as funções cumulativas para disponibilizar o básico a sua família. Trabalha como supridor na rede de supermercado Fénix e apresenta certa conformidade até conhecer Pedro. O desespero de Marques com chegada do filho o faz aderir à ideia de Pedro. Pedro parabeniza o amigo pela gravidez de Angélica, embora não tenha certeza se “devia felicitar o amigo ou prestar-lhe condolências” (Falero, 2020, p. 64). A personagem é construída a partir do espaço em que vive, e isso está presente na caracterização das criações de Falero.

(...) na vida estabelecemos uma interpretação de cada pessoa, a fim de podermos conferir certa unidade à sua diversificação essencial, à sucessão dos seus modos de ser. No romance, o escritor estabelece algo mais coeso, menos variável, que é a lógica da personagem. A nossa interpretação dos seres vivos é mais fluída, variando de acordo com o tempo ou as condições da conduta. No romance, podemos variar relativamente a nossa interpretação da personagem; mas o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva da sua existência e a natureza do seu modo de ser. (Candido, 2002, p.58-59)

Essa abordagem acerca dos espaços na construção das personagens é um ponto recorrente em *Os Surrupidores* como pode ser observado na contextualização de Angélica, Lucas, Geraldo e Luan. Pedro foi criado entre as vilas, Vila Viçosa e a Vila Nova São Carlos, atualmente chamado de Vila Sapó; e Marques, na Vila Lupicínio Rodrigues, todas pequenas vilas da periferia de Porto Alegre marcadas por desigualdades sociais, falta de estrutura básica como saneamento, como é possível observar na descrição da Lomba do Pinheiro, região em que José Falero ainda reside.

Angélica - a esposa grávida de Marques, que trabalha em uma pizzaria, de onde surrupia uma balança de precisão para pesar a maconha (Falero, 2020): “Marques teria a ajuda de Angélica, que já estava a par de tudo e apoiava a decisão do marido de começar a vender maconha. A moça até surrupiara, da pizzaria onde trabalhava, uma balança de precisão, para empenhar na tarefa daquela noite” (Falero, 2020, p. 123).

Lucas – ex-empacotador do supermercado Fênix. É o integrante mais novo do grupo e se empolga com a venda da maconha, buscando ampliar as vendas na sua comunidade, o que acaba criando um atrito com os traficantes que comandam a região. Foge da comunidade e como forma de punição tem a mãe assassinada pela facção concorrente. Lucas se organiza e busca vingança pela morte da mãe e pela perda do comércio na região. Também perde a namorada. Por fim, acaba assassinado, impactando mudanças na vida dos outros integrantes do grupo.

[...] esse meu mano primeiro perdeu a coroa do jeito que perdeu, pra depois descobrir que a mina que ele curtia também morreu do jeito que morreu, pra, só depois de sofrer isso tudo, ele morrer também. Tá bom pro senhor, ou não? Tudo isso é o resultado dessa ideia maluquinha que saiu da minha cabeça. E, e, e, e sabe, eu vou ter que conviver com isso pro resto da minha vida! Não dá pra apagar! (Falero, 2020, p. 297)

Geraldo – é o gerente do supermercado Fênix, “um ex-pobre que havia subido na vida com a mais penosa honestidade. Sua preocupação o fazia perceber, agora, tudo o que aquela sala representava, por menor e mais parecida com um almoxarifado que fosse: um bom emprego, uma vida estável, uma posição duramente conquistada. Perguntava-se se aquela salinha ainda seria sua por muito mais tempo, e nisso suspirou” (Falero, 2020, p. 9.)

Luan – Foi agregado ao grupo de Pedro e Marques com o intuito de ampliar os negócios em mais uma vila. Porém, Luan era um jovem de dezoito anos recém completados, esperto, ganancioso e destemido. Desafiou os traficantes da sua região ao tentar vender a maconha em atacado, incomodando as quadrilhas já consolidadas naquele espaço. Morre com um tiro na nuca depois de seu grupo estar prestes a conseguir matar os últimos integrantes da quadrilha que assassinou sua mãe e sua amada como represália por não conseguir capturá-lo e nem impedir o crescimento das ações dele no bairro: “os cara judiaro da minha coroa lá, mano, enchero ela de tiro, mano, na frente de todo o mundo, tá ligado, na frente de todo o mundo...”. (Falero, 2020, p. 245). Reside da Vila Planetário, mais um espaço marcado por desigualdades e abandono do poder público.

As ruas dali eram tranquilas, aristocráticas. E limpas: percebia-se nelas todo o esmero do serviço público de limpeza, que, verdade seja dita, não passava suas vassouras em qualquer chão. É que, de público, o serviço só tinha o “venha a nós”; o “vosso reino” era para poucos. [...] na hora de varrer, varriase apenas regiões como aquela, onde a maioria das pessoas era rosada, onde falava-se o mais anasalado portoalegrês, onde os animais de estimação tinham pedigree. Mas um susto estava reservado a quem não conhecesse o bairro e, de passeio por ali, decidisse ir até o fim da Luís Manoel. Essa rua terminava de súbito, sem saída, desembocando na inesperada imundície de um pequeno largo de formato arredondado. Ali, claro, já não havia qualquer vestígio do serviço público de limpeza, já não havia prédios altos, já não havia gente rosada, já não havia pedigree, já não havia sotaque anasalado; o que havia eram casas humildes, muros pichados, lixo espalhado por toda parte, cães sarnentos, gatos pestilentos, cavalos esfalfados de puxar carroça, gente de pele curtida no sol, gente malvestida, gente de rosto abatido pela vida dura, gente de linguajar inculto e incauto. E só a pé era possível seguir em frente, indo pelos becos estreitos que conduziam para dentro daquele pedaço de inferno. Assim a Vila Planetário brotava, feia e indesejável, no interior daquela área nobre de Porto Alegre, como uma espinha solitária no rosto de uma bela mulher (Falero, 2020, p.163).

A morte da mãe de Luan marca e encerra o período das conquistas da cooperativa de tráfico criada por Pedro e que podia ser vista como pacífica. A partir desse acontecimento, o grupo sofre uma mudança brusca, exigindo que o restante do grupo se

posicione na vingança e na tentativa de conquista do território. Deste modo, acredita-se que a literatura periférica parte da contextualização dos espaços físico e social nos quais seus autores estão inseridos. No trecho abaixo é possível observar a questão da violência na literatura ressaltando que a morte na periferia pode ser vista como sendo algo banal que acontece frequentemente e que ninguém se importa. Ainda que a personagem tenha sido fuzilada em público, para a sociedade ela é apenas mais um número da estatística.

Sua mãe, nunca mais! Morrera. Não só morrera: fora fuzilada em público! E nada seria feito a respeito. Nada! Era inútil esperar que houvesse comoção: ninguém se importava. Deus, ninguém se importava! Era o tipo de coisa que acontecia todo dia — todo santo dia! Pobre demais para ser lembrada, preta demais para ser levada em consideração, eis que aquela mulher era expulsa da existência, e mesmo exterminada de maneira tão brutal, mesmo assassinada à luz do dia, mesmo estraçalhada a céu aberto, mesmo aniquilada diante de quem quisesse ver, mesmo assim, nada: ninguém se importava, nada seria feito, ficaria tudo por isso mesmo! Um ser que absolutamente invisível viera ao mundo, absolutamente invisível o habitara e absolutamente invisível desaparecia dele! Um ser produzido e destruído na lama da indiferença plena: era como se nunca tivesse existido! Um ser cuja vida e morte confundiam-se nos matizes do descaso total (Falero, 2020, p. 246).

A narrativa que apresenta um ser invisível na sociedade até mesmo na hora da morte gera um impacto no leitor. Walty e Guimarães (2018) em sua obra *Literatura Marginal e sua Crítica* abordam narrativas com essa abordagem como sendo “o desencadear de vidas descartáveis, em que o leitor acaba integrado no espaço da narrativa (leitor/espectador) que reconstrói sentimentos, posto que o espaço da rua revela-se em viva voz, portanto, como um espaço penetrante e violento” (Walty e Guimarães, 2018, p.130,131). A convivência no cenário do tráfico de drogas é um agravante da violência urbana, e a morte nessas ocasiões é um extermínio social.

Deste modo, os autores tratam a temática da violência urbana com seus personagens (vítimas do sistema, vidas fragmentadas e em fluxo) sobreviventes (ou não) à margem da sociedade, compõem narrativas ficcionais polifônicas e pluridimensionais que colocam em evidência uma estrutura ilimitada e inacabável” (Walty e Guimarães, 2018, p.135), a escrita que detalha o espaço físico e social da favela. Nesse sentido, cabe considerar a articulação do real e ficcional que remetem aos princípios criativos do realismo naturalismo em suas formas de direcionar o olhar para condições físicas das periferias urbanas, os espaços marginais das favelas (Walty e Guimarães, 2018, p.200). A obra de Falero como um todo tem a periferia e a representatividade como foco.

## 2.2 A Literatura Periférica na Literatura Brasileira contemporânea

No âmbito da Literatura Brasileira Contemporânea a Literatura Periférica tem a representatividade e, acima de tudo, a autorrepresentação com teor de denúncia social como pauta das discussões propostas nas obras. Ela “surge como uma tentativa de representação de si através de um olhar que foge ao que não é escrito por ela mesma, é um olhar interno” (Oliveira, 2017). Os cenários apresentados abordam uma rotina de situações de desigualdade que atingem uma parcela considerável da população.

O relato pautado nas vivências impressas nas obras está arrebanhando um novo público, efetivando novos leitores, despertando uma compreensão de que o espaço geográfico é um fator limitante, mas passível de mudanças a todo instante. A obra literária tem sua função socioeducativa e pode colaborar para novas perspectivas para essas pessoas.

Conforme Tavares-dos-Santos: “A obra literária é a consciência de um sujeito enquanto individualização de uma complexa rede de relações entre vários indivíduos” (Tavares-dos-Santos, 2020). O que está acontecendo agora é que as manifestações das classes minoritárias estão ganhando visibilidade. Partindo desse pressuposto, a ideia de pertencimento social, ainda que deficitário diante de tantas mazelas e de representatividade, tem construído a identidade de muitos indivíduos contemporâneos.

No romance, estes espaços são bem delimitados e descritos pelas personagens. Ainda que a literatura seja uma forma de manifestação universal de todos os homens em todos os tempos, no contexto contemporâneo o homem periférico tem ganhado espaço e visibilidade com o avanço das tecnologias midiáticas nas quais o acesso é dinâmico e abrangente.

Entretanto, a fabulação construída por Falero ainda passa por discussão quanto a classificação de gênero, pois “a relação entre romance e sociedade, romance policial e poder, romance e a violência investiga, expõe e explica várias dimensões da sociedade contemporânea” (Tavares-dos-Santos; Teixeira, 2013, p. 22). Assim, o romance com um enredo baseado na rotina violenta da favela, com as caracterizações do ambiente e de seus habitantes, além de situações corriqueiras da comunidade, é um relato que pode ser discutido enquanto literatura.

Segundo Falero, “não dá pra centralizar as coisas em mim. É uma homenagem para uma comunidade, para toda uma galera, para uma família, para um povo, para uma nação” (Falero *apud* Reinholz, 2021). A multiplicidade e a liquidez contemporânea permitem que variadas vertentes sejam discutidas. A periferia segue as mesmas observações quanto à diversidade e à formação dos seus representantes, a linha tênue entre o real e o ficcional que Falero associa a sua obra.

No contexto da história da Literatura Brasileira, a inserção da Literatura Periférica apresenta como característica produções de sujeitos oriundos da periferia, ou seja, quem fala são os moradores das favelas e não mais autores do centro, que olham para a margem. Embora pareça que a Literatura Periférica tenha surgido recentemente, algumas discussões defendem que a publicação de *O cortiço* (1890), por Aluísio Azevedo, seria um marco de lançamento da primeira obra que coloca como centro um espaço habitado por personagens periféricos em relação à sociedade. Nesse sentido, deixa-se de lado os casarões para focar as habitações pobres da periferia da cidade do Rio de Janeiro. Conforme alguns críticos, Aluísio Azevedo plantou a primeira “semente de literatura periférica” (Botton; Amodeo, 2019, p. 591). Ainda sobre a literatura periférica, Botton e Amodeo destacam também:

Longe das grandes editoras, os autores são pessoas que vieram do rap, do hip hop, pessoas que escrevem poemas nas horas vagas, que possuem um trabalho formal, como motoristas, donas de casa, estudantes, donos de bares e a lista continua extensa... e que enveredaram pelo mundo da literatura, para apresentar o seu lugar e mostrar que tem voz, além disso, que a sua voz tem força! (Botton; Amodeo, 2019, p. 591).

As publicações que estão buscando mostrar a realidade de comunidades inseridas na periferia, assim como as ações que acometem as pessoas oriundas destes espaços vem sendo chamada de Literatura Periférica. Essas publicações com temática voltada para a população da periferia têm conquistado espaço e vem crescendo de forma gradativa, mas ainda é muito pequena se comparada a outras temáticas. De acordo com a região em que os textos são publicados estão recebendo uma classificação quanto a ser periférica, marginal ou panfletária, mas que na prática diferem muito pouco quanto às características apontadas pelos teóricos. Segundo Ferréz, essas classificações definem uma Literatura de rua com sentido, mas também com um princípio e um ideal de

trazer melhoras para o povo que constrói esse país, mas não recebe sua parte. [...] não precisamos de sua legitimação, porque não batemos na porta para alguém abrir, nós arrombamos a porta e entramos. Sua negação não é novidade, você não entendeu? Não é o quanto vendemos, é o que falamos, não é por onde nem como publicamos, é que sobrevivemos (Ferréz, 2005, p. 10).

Falero afirma que ainda são poucos os escritores oriundos da periferia que alcançaram algum espaço e, embora tenham conquistado algum espaço, este acaba sendo insignificante se analisar a produção literária no Brasil como um todo. O fato de ser panfletário fica dentro da problemática do lugar de fala, do que querer e poder falar e ter quem se interesse por esse discurso. Conforme Dalcastagnè:

O silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepoem a ele, vozes que buscam falar em nome deles, mas também, por vezes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes. Mesmo no último caso, tensões significativas se estabelecem: entre a “autenticidade” do depoimento e a legitimidade (socialmente construída) da obra de arte literária, entre a voz autoral e a representatividade de grupo (Dalcastagnè, 2008, p. 32).

Ainda segundo Dalcastagnè, “a literatura circunscreve um espaço privilegiado de expressão, que corresponde aos modos de manifestação de alguns grupos, não de outros”. E destaca em seguida que, “aqueles que estão objetivamente excluídos do universo do fazer literário, pelo domínio precário de determinadas formas de expressão, acreditam que seriam também incapazes de produzir literatura” (Dalcastagnè, 2008, p. 81).

De qualquer forma, é preciso que a produção das comunidades seja valorizada e difundida para que a visibilidade desperte nos sujeitos o desejo de produzir, se expressar no mundo das artes, vislumbrando oportunidade, pois “tanto a leitura quanto a escrita, dentro de espaços sociais marginalizados, adquirem um valor que excede o aspecto artístico e se apresenta como ferramenta de resistência, instaurando uma verdadeira ‘disputa’ por território” (Coelho; Sparemerger, 2021, p. 2). Nas palavras de Ferréz:

A Literatura Marginal sempre é bom frisar é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita a margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja os de grande poder aquisitivo. Mas alguns dizem que sua principal característica é a linguagem, é o jeito que falamos, que contamos a história, bom isso fica para os estudiosos, o que a gente faz é tentar explicar, mas a gente fica na tentativa, pois aqui não reina nem o começo da verdade absoluta (Ferréz, 2005, p. 12-13).

Enquanto minoria, Falero coloca na sua escrita muitos detalhes da sua rotina pobre e cheia de limitações, principalmente econômicas, que não permitiam que ele tivesse acesso à cultura, aos livros que de fato fossem de seu gosto e interesse. Aos poucos, foi buscando estudar sozinho visando melhorar a linguagem em seus textos e, atualmente, traça um caminho muito interessante na oralidade apresentada no romance. O escritor faz uma analogia considerando os tempos que trabalhou como pedreiro e ressalta as questões de poder que também fazem parte da produção literária contemporânea. Segundo ele:

Por mais importantes que sejam, esses progressos são apenas farelinhos que se desprenderam da estrutura de poder, tal como se configurou historicamente no nosso país. E aqui vai uma analogia do auxiliar de pedreiro que eu sou: estamos tentando desfazer essa sólida estrutura de poder que se ergue diante de nós, mas temos a pachorra de usar uma lixa, e assim levaremos séculos para desfazê-la completamente. O melhor seria desfazê-la a marretadas, ou então derrubá-la com um trator. Como fazer para abrir espaço para a chamada “literatura periférica”? Bem, repare que, se é necessário “abrir espaço”, é porque não há espaço. Praticamente todo o espaço disponível está ocupado por outra literatura que não a chamada “literatura periférica” (Falero *apud* Moniz, 2021).

Ainda segundo Falero, a ideia inicial para construir a obra considerou em primeiro lugar a necessidade de escrever algo que tivesse mais a ver com o mundo real de um modo geral, e com a nossa experiência social em particular; em segundo lugar, o momento da minha vida em que começou a ter contato com o pensamento marxista que coincidiu com sua entrada no primeiro supermercado onde trabalhou como supridor (Falero *apud* Moniz, 2021). Em outra ocasião disse:

Talvez eu seja presunçoso, mas acho que eles conseguem perceber que as histórias deles também são dignas de ser contadas. Essa história é parecida com a do meu primo, a do meu pai, da minha mãe, dos meus tios, e isso é digno de estar num livro. Não precisa ter um carro, ser um cara que é um grande empresário. Não, minha história é digna de ser contada; meu perrengue com o ônibus é digno de ser contado; as minhas preocupações financeiras são dignas de ser contadas. E o efeito disso nessa galera é uma coisa fantástica (Falero *apud* Silveira, 2020).

O autor observou a reação das crianças em escolas públicas ao terem contato com sua obra, que vem sendo trabalhada pelos professores, e o impacto da realidade na ficção tem reforçado a ideia da representatividade, trazendo o contexto da periferia como uma forma de demarcação social. Para buscar compreender a questão da representatividade da cultura no contexto literário que contempla a periferia, parte-se das concepções que os leitores apontam quanto o impacto da obra.

Segundo Cristiano Fretta (2023), a Porto Alegre representada na obra é magnífica justamente porque aborda de forma extremamente verossímil camadas da sociedade que sempre estiveram à margem do horizonte de boa parte da produção canônica gaúcha. Diante dessas observações, Fretta (2023) trata ainda da essencialidade do romance à literatura produzida em Porto Alegre, na medida em que, esquivando-se o máximo que pôde do já usual recurso da metanarrativa tão comum em parte dos nossos escritores contemporâneos, entrega-nos um soco de realidade na boca de nossos estômagos cheios.

*Os Supridores* cumpre o papel social da literatura quanto à representatividade considerando o alcance do romance em diferentes áreas do conhecimento, de modo que a representação tem sido efetiva. No caso da Literatura Periférica, representar sujeitos excluídos permite vislumbrar outros espaços, antes vistos como inatingíveis. Assim, quando seus pares alcançam sucesso, tornando-se algo palpável, é também um modo de confirmar que a literatura não se limita mais a um altar burguês. Nesse sentido, pode-se afirmar que houve uma quebra de paradigmas diante daquilo que era visto como ideal. O sujeito periférico sempre teve voz, local de fala, porém nunca houve interesse de que ele fosse ouvido, compreendido e atendido em suas necessidades básicas.

A narrativa com sua movimentação cinematográfica apresenta o cotidiano do sujeito periférico associado a diversas formas de violência, mas com um olhar crítico e humanizador. Ainda que o foco deste estudo seja a literatura periférica na contemporaneidade, Falero conseguiu construir um romance social de grande visibilidade, com discussões em várias áreas do conhecimento em que a obra foi objeto de discussão. O que justifica sua relevância social e necessidade de se ampliar os debates por um viés sociopolítico para que as periferias sejam pauta recorrente das políticas públicas.

A representatividade a partir da periferia é uma construção identitária que vem sendo bem alicerçada por autores da vida real, pessoas oriundas desses espaços que divulgam expressões culturais como ferramenta de ressignificação. Ter ideia de construção é também manter implícito o fato de mudanças, inferências que colaboram para a formação de novos sujeitos quando tratamos da construção da identidade no campo literário. É possível tratarmos como um processo em constante transformação, sendo o resultado provisório da intersecção entre a história do sujeito, seu contexto histórico e social e seus projetos, ou seja, uma metamorfose em constante movimento (Ciampa,

1987). Essa abordagem não é recente, mas mantém-se significativa e pertinente na perspectiva de formação de um cidadão que tem voz e vez.

À vista disso, é possível conceber a identidade também como um processo, mas de socialização, compreendendo processos relacionais do sujeito em seus sistemas de ação, meios sociais e biográficos (Dubar, 1997). A princípio, ampliar as discussões sobre a construção da identidade na produção literária dos sujeitos periféricos, observando-se toda a temática das obras, é um ponto tão sociológico quanto literário. No romance, além da questão do tráfico que permeia o enredo, e que impacta já no primeiro momento, o leitor precisa analisar as entrelinhas e o porquê do tráfico ainda ser uma alternativa. É preciso falar de desigualdade social, qualidade de vida, subalternidade e não focar na legalização da maconha como uma forma de amenizar a criminalidade na periferia.

A discussão proposta por Falero tem gerado reflexões além do cenário literário. Isso é uma confirmação da força da representatividade do sujeito periférico contemporâneo, cuja voz é potencializada pela literatura. Ações afirmativas vinculadas à educação estão dando visibilidade a novos espaços de poder para sujeitos oriundo das classes menos favorecidas, e quando essa parcela da população passa a compor o espaço acadêmico, também busca reforçar essa conquista com o discurso de representação alinhado a sua realidade.

Na coleta básica de dados foram encontrados estudos na área de história com uma abordagem social. História e literatura andam juntas e abordar a classe operária como sendo o que mantém o país em movimento é fortalecer o caráter representativo da literatura. Diante do exposto, conclui-se que José Falero pode ser considerado um intelectual periférico. Ainda que seja um representante direto da periferia, sua obra tem conquistado público de diferentes níveis sociais e tem sido objeto de pesquisa de variadas áreas do conhecimento. Desse modo, o sujeito periférico de quebra conquistou seu espaço social de visibilidade e tem fortalecido a voz de muitos outros indivíduos que estão sendo representados sem que haja uma visão depreciativa de suas comunidades.

Nesse sentido, Coelho e Sparemberger (2021) apresentam uma resenha intitulada “*Os Supridores*, de José Falero: a periferia do Rio Grande do Sul em foco”, publicada na Revista Uniletras, Revista científica vinculada ao Departamento de Estudos da Linguagem (DEEL), da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), em 2021, para apresentar o romance e destacar que no RS a periferia ocupa um grande espaço e requer atenção do poder público.

Guimarães (2022) apresenta um estudo na área do direito sob a perspectiva da obra literária *Os Supridores* e na contextualização de seu trabalho de conclusão de curso. Guimarães aborda a expressividade cultural das obras literárias que traduzem características econômicas, sociais, políticas, morais, ideológicas entre outros elementos que condicionam a consciência da sociedade.

O texto discorre sobre as origens do conceito de Dignidade Humana, situando também como ele se apresenta na Constituição Federal Brasileira para ato contínuo, pensar o impactante texto do jovem autor gaúcho investigando como a anulação da dignidade humana afeta a existência e o modo de pensar de cada indivíduo em um contexto de pobreza e de opressão nas relações de trabalho (Brasil, 1988). Conclui que, não se trata apenas do direito formal aos bens materiais e imateriais, mas de se assegurar uma perspectiva real de acesso de todos os indivíduos a estes bens, a partir de políticas públicas orientadas pelos objetivos da justiça social (Guimarães, 2022, p. 17).

Além da área do Direito, *Os Supridores* passou por uma análise no âmbito histórico. Dias (2022) em seu trabalho intitulado “Era uma vez a ‘Classe Social que Mantinha a Merda do País Funcionando’: História e literatura em *Os supridores*, de José Falero”, trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de São Paulo, em 2022. Nesse trabalho, o autor conclui que é possível ver nessa obra a periferia como parte fundamental de um todo, mas também como um lugar existencial, com subjetividades específicas. O que fica claro tanto na figura dos personagens, quanto nas pessoas que permeiam a trajetória do autor, é a relação ativa na construção dessa periferia (Dias, 2022, p. 81).

Mesmo a Editora Todavia tendo a intenção de publicar autoras e autores de fora do circuito, seus movimentos para revelar estes autores ainda parecem tímidos. Isso mostra que a exclusão de escritores de periferia também se encontra dentro de um panorama estrutural, que relaciona questões socioeconômicas, raciais e de gênero. Além disso, o caso de Falero nos mostra que ser um autor de periferia significa ter uma dupla jornada de trabalho, pois num primeiro momento é impossível se manter economicamente apenas com sua escrita (Dias, 2022, p. 82).

Dentre as percepções de Dias (2022) quanto à narrativa de Falero, um questionamento corrobora as propostas discutidas por essa pesquisadora: a produção de uma literatura que exclui pessoas de periferia não seria uma forma de reprimir a busca pela leitura? É uma tarefa muito difícil não emitir juízo de valor em determinadas

circunstâncias, e no caso de *Os Supridores* observa-se que a chave do sucesso é promover a representatividade de modo que, os indivíduos ao se enxergarem na obra, isto é, ao reconhecerem seus espaços descritos ali, sem críticas pejorativas, sem discriminação, apenas um relato do que é real, passa a ler, discutir, difundir um conteúdo que perpassa o romance literário.

O caso de Falero ressalta que a periferia é produtora de cultura, e tal produção é deliberadamente rejeitada e excluída. Esta rejeição se insere num movimento mais amplo e estruturado, que tem o racismo como eixo central, e que remonta ao final do século XIX, com a formação de periferias em torno de centros urbanos após a abolição da escravidão. A produção literária tem relação direta com a cultura produzida por estes sujeitos periféricos antes mesmo da construção das periferias (Dias, 2022, p. 82). Periférico ou não, todo sujeito é social e está inserido em contextos que o fazem diferenciado quando não se enquadra nos moldes pré-estabelecidos pela sociedade.

Segundo Dias, “a escrita de Falero, altamente procurada, parece apontar para o fato de que existe uma demanda reprimida por este tipo de literatura. Isso poderia ajudar a explicar o afastamento entre a maioria dos brasileiros e os livros” (2022, p. 81). De um modo geral, a demanda reprimida é composta por aqueles indivíduos que ficaram a margem do ideal estabelecido pela sociedade.

A publicação da *Brasil de fato* de 22 de dezembro de 2021<sup>16</sup> apresenta José Falero no artigo “De onde venho nada é sozinho, tudo é sempre coletivo”, que traz uma discussão na qual o autor pontua as questões que envolvem seu local de origem além dos espaços geográficos e a relevância de se sentir representado. Em suas palavras: “mais do que um ponto geográfico específico num mapa, é um lugar existencial, onde existimos da forma como existimos, e isso acontece em diversos lugares ao mesmo tempo” (Falero, 2021). A comunidade representada na obra de Falero é uma das mais pobres e populosas de Porto Alegre e as pessoas estão lendo, prestigiando, reconhecendo o trabalho.

Oliveira em seu trabalho de conclusão de curso, intitulado *O cinema como geografia semântica de narrativas do trabalho: uma análise do filme Você não estava aqui*, apresentado na Faculdade de Direito de Brasília, faz um recorte sobre as peculiaridades de um Brasil periférico. Com isso, menciona e discute o romance *Os*

---

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/12/22/jose-falero-de-onde-venho-nada-e-sozinho-tudo-e-sempre-coletivo>. Acesso em: 01 de outubro de 2022.

*Supridores* com base na subalternidade social e a questão da busca por novas oportunidades. Segundo ele, “muitos desses brasileiros se deixam seduzir por ideais trabalhistas que prometem um caminho de oportunidades sem especializações, mais atrativo por falaciosamente serem menos árduos e mais promissores, no qual o trabalhador passa a ser o seu próprio chefe” (Oliveira, 2023, p. 38).

Em seu artigo intitulado “*Os Supridores* (2020), de José Falero: uma radiografia das violências no Brasil contemporâneo”, publicado na *Revista Contraponto* em 2022, Ramiro Valdez propõe uma reflexão sociológica para descobrir em que medida o romance pode ser analisado no gênero literário romance da violência segundo concepções Tavares-dos-Santos (2020). Tavares-dos-Santos pontua que o romance da violência surge na América Latina, na modernidade tardia, e sua emergência se relaciona intimamente com a “histórica social marcada pela violência” no continente (Tavares-dos-Santos, 2020).

Contudo, Valdez corrobora a discussão de que *Os Supridores* desvela o conflito social do Brasil contemporâneo. Segundo ele, numa primeira leitura o romance apresenta-se como um texto autobiográfico, com a fragilização das relações de trabalho, a degradação das condições de vida da classe trabalhadora, apresentando o avanço da agenda neoliberal de modelo latino-americano (Valdez, 2022). O autor comenta ainda que, o romance de Falero pode ser entendido como expoente de uma nova fase do romance da violência, na medida em que a violência, sendo além de difusa e polissêmica, é difundida a partir das estruturas políticas e econômicas que criam e mantêm as desigualdades sociais.

Produzir uma literatura excludente é uma forma de reprimir a busca pela leitura, haja vista que, ao sentir-se representado na obra literária o leitor anseia por novas histórias. Posto isto, um romance escrito na favela e sobre a favela é também literatura. Por fim, o romance pode ser classificado como sendo Literatura periférica, pois representa sujeitos oriundos dessa parcela excluída da sociedade. Para tanto, Falero gerou pertencimento nos seus leitores, e isso tem contribuído diariamente para que ele continue influenciando seus pares a conquistarem novos espaços, demarcando o seu local de fala. A ideia de Falero de derrubar a literatura do altar burguês tem se efetivado a cada nova publicação.

### 3. O ESPAÇO PERIFÉRICO – TERRITÓRIO EXISTENCIAL NO ROMANCE

No transcorrer deste estudo foi possível observar a relevância do espaço geográfico/cenário no desenvolvimento das ações que formam o romance. Como foi mencionado, a descrição dos ambientes é detalhada e impacta na imaginação do leitor de modo que esse pode se envolver e transportar como componente da narrativa (Cronotopo do ouvinte ou leitor). Com isso, na história dos espaços urbanos, a periferia (espaço existencial) tem se destacado e conquistado novas perspectivas quanto ao desenvolvimento urbano, embora as questões estruturais e socioeconômicas exijam tratativas pontuais que estão sendo destacadas na obra literária e continuam limitadas a políticas públicas assistencialistas.

Enquanto se arrastava de má vontade para o ponto de ônibus, subindo a Nova São Carlos, Pedro pensou consigo mesmo, mais uma vez, que tinha que dar um jeito de ficar rico. Essa ideia andava atormentando-o muito ultimamente, e ele já estava achando que jamais ficaria em paz se não realizasse o sonho. Seus bisavós tinham sido pobres a vida inteira, seus avós tinham sido pobres a vida inteira, seus pais tinham sido pobres a vida inteira: até onde iria isso? Se era verdade que a riqueza, ou pelo menos uma vida digna, poderia ser alcançada com muito trabalho e dedicação, então o que estava acontecendo? Ele tinha dado o azar de nascer numa família de grande tradição na vadiagem? Era essa a explicação para a pobreza em que vinha derramando-se seu sangue através dos tempos? Gerações e gerações de preguiçosos que mereceram as condições humilhantes em que nasceram e viveram? Não, claro que não. Todos os seus ancestrais tinham trabalhado muito ao longo da vida, tinham pertencido à classe social que mantinha a merda do país funcionando, e se sempre foram pobres, era porque devia haver alguma coisa errada. O erro deles talvez tivesse sido respeitar demais a lei. (Falero, 2020, p. 23).

Em *Os Supridores* a relação entre a violência urbana e a desigualdade social é traçada com profundidade, até mesmo nos contrapontos como na partilha dos rendimentos da maconha em partes iguais. Pedro tenta vislumbrar a ocupação de novos espaços que ele nunca teria sido um trabalhador assalariado honesto. Na Teoria da Literatura o espaço é analisado como sendo uma categoria que apresenta variações conceituais. Assim, partindo da historiografia epistemológica do espaço, Brandão (2013) afirma que

depende, naturalmente, de se reconhecer que o conceito de espaço atua como elemento importante em vários campos do conhecimento. É mais adequado, pois se falar que o espaço possui distintas histórias, dependendo do campo que se enfoca, mesmo que frequentemente, haja cruzamento entre campos e, como consequência, intercessões das histórias, o que demanda uma abordagem transdisciplinar (Brandão 2013, p.20).

O espaço torna-se cenário nas ações, assim a narrativa focada no território existencial provoca uma reflexão sobre as demandas sociais do espaço periférico. O romance *Os Supridores* tem sido classificado como Literatura Periférica por estudiosos da literatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como professor Luís Augusto Fischer que intermediou a inserção de Falero no campo literário com vínculo editorial e analisou a produção de Falero como sendo não apenas a busca por uma validação da língua falada naquele mundo das periferias do país, que já vimos em escritores como Ferréz e Paulo Lins, mas também um domínio absoluto da chamada norma culta (Henrique; Mendes, 2021), direcionada a arte produzida nas periferias, por apresentar uma abordagem sociocultural e política acerca da desumanização do trabalho assalariado.

Em outras palavras, trata-se de uma obra feita na periferia, sobre a periferia, e por um escritor de origem periférica, cidadão, crítico, consciente, contemporâneo ao momento de fala dos excluídos. Nessa abordagem observa-se que “o espaço passa a ser tratado não apenas como categoria identificável em obras, mas como sistema interpretativo, modelo de leitura, orientação epistemológica” como discorre Brandão (2013, p.20). A literatura contemporânea tem sido marcada pela abertura a diversidade de temáticas, cenários e questões ideológicas, sociais e políticas ao contemplar o teor de denúncia dos enredos descritos nesses territórios, dentre eles o espaço periférico. Esse espaço é caracterizado e marcado pelo discurso da fragilidade das relações de trabalho, como é o caso de *Os Supridores*. Além disso, há também o impacto dos relatos de lutas por direitos sociais apresentados pela perspectiva de indivíduos marginalizados, excluídos, pessoas oriundas da periferia.

A literatura - o pensamento - exprime-se apenas em termos de distância, de horizonte, de universo, de paisagem, de lugar, de sítio, de caminhos e de morada: figuras ingênuas, mas características, figuras por excelência, onde a linguagem se especializa a fim de que o espaço, nela, transformado em linguagem, fale-se e escreva - se " (Genette 1972, p. 106 *apud* Brandão 2005, p.121)

Para uma compreensão mais profunda, foram definidos quatro modos de abordagem do espaço na literatura considerando os Estudos Literários ocidentais do século XX, partindo da representação do espaço; espaço como forma de estruturação textual; espaço como focalização; espaço da linguagem (Brandão, 2013, p. 58). Esses

modos foram observados na construção do romance de Falero e pontuados no desenvolvimento desse estudo. A questão da representação do espaço é recorrente e significativa tanto na questão da reprodução do espaço geográfico (periferia de Porto Alegre como cenário das ações ficcionais) quanto no espaço social com foco nas mazelas que acometem a periferia, conseqüentemente, seus sujeitos. Brandão ressalta que as adjetivações do espaço na construção do texto literário criam várias tipologias.

A tendência é comum na crítica literária, que costuma enfrentar a questão do espaço com uma série de expressões derivadas: “espaço social”, “espaço psicológico”, “espaço mítico”, “espaço da linguagem”, “espaço imaginário”. Na proliferação terminológica o atributo costuma elidir, ou deixar em suspenso, o significado do vocábulo principal. (Brandão, 2013, p. 51).

Partindo destes pressupostos, cabe pensar no espaço periférico/existencial no romance para analisar apenas a literatura sem adjetivá-la como periférica, haja vista que isso pode ser tão excludente quanto os sujeitos descritos nas narrativas desse momento. Por outro viés, é possível pensar na questão identitária prospectada pelo espaço geográfico e na representação observada na obra literária, afinal, " todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos" (Hall, 1999, p.71). Sendo assim, neste capítulo o território existencial no romance será discutido pelo viés da teoria do cronotopo formulada por Mikhail Bakhtin que para Brandão, melhor apresenta o problema do espaço na literatura” (Brandão, 2013, p. 93).

Nos estudos de Bakhtin o tempo e o espaço são apresentados como sendo categorias representadas no romance, com isso, na construção do conceito de cronotopo a interpeção de tempo e espaço determinam a imagem do homem na literatura. O romance é um gênero inacabado e em constante movimento e evolução, de modo que o seu estudo pode apresentar dificuldades (Bakhtin, 2010, p. 397), sobretudo diante da questão do espaço existencial que pode apresentar conceitos subjetivos que ganham sentido enquanto recurso na construção do texto literário.

É de natureza espacial o recurso que, no texto literário, é responsável pelo ponto de vista, focalização ou perspectiva, noções derivadas da ideia-chave de que a literatura veicula um tipo de visão. [...] O espaço se desdobra, assim, em espaço observado e espaço que torna possível a observação. [...] Por essa via é que se afirma que o narrador é um espaço, ou que se narra sempre de algum lugar. (Brandão, 2013, p. 62)

No atual cenário evolutivo do romance, as abordagens provocam reflexões que podem fazer com que o leitor possa visualizar as novas temáticas apresentadas nos enredos partindo do território existencial e “[...] mais profundamente, mais substancialmente, mais sensivelmente e mais rapidamente a evolução da própria realidade [...]” (Bakhtin, 2010, p. 400). E, nesse aspecto, um ponto de contato entre o literário e o real, assim como o princípio condutor do cronotopo, é o tempo” (Bakhtin, 2002, p. 212), o cenário, espaço geográfico funciona como pano de fundo na narrativa, favorecendo a compreensão das ações.

### **3.1 O Cronotopo de Mikhail Bakhtin no Romance**

“O cronotopo é uma categoria conteudística - formal, que mostra a interligação fundamental das relações espaciais e temporais representadas nos textos, principalmente literários (Bakhtin, 2006, p. 13)”. Essas categorias contribuem para a formação do romance, de modo que as personagens são apresentadas em uma estrutura que as mantém em constante construção, pois com inferências do leitor elas podem adquirir novas formas diante do momento em que as categorias cronotópicas são analisadas, ou seja, um processo evolutivo inacabado (Bakhtin, 1993; 2014). Dessa forma, uma das principais características do cronotopo é a indissociabilidade entre tempo e espaço.

No cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto. Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. Os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico. (Bakhtin, 2014, p. 211).

Segundo Amorim, o cronotopo “trata de uma produção da história. Designa um lugar coletivo, espécie de matriz espaço-temporal de onde várias histórias se contam ou se escrevem (Amorim 2006, p.105)”. Na obra literária é preciso compreender como essa imagem individual do homem se desenvolve no tempo e no espaço que ele representa, posto que o cronotopo tem como função “determinar a unidade artística de uma obra literária em sua relação com a autêntica realidade” (Bakhtin, 2014 p.217). Para tanto, na construção dos espaços é preciso separar o autor da personagem.

A grande forma épica (a grande epopeia), que abrange também o romance, deve proporcionar uma imagem de conjunto do mundo e da vida, deve refletir o mundo e a vida por inteiro. O romance deve apresentar a imagem global do mundo e da vida pelo ângulo de uma época considerada em sua integridade. Os acontecimentos representados, no romance, devem, de um modo ou de outro, substituir toda a vida de uma época. É nessa aptidão para fornecer um substituto ao todo da realidade que reside sua substancialidade artística (Bakhtin, 2006, p. 263).

Sobre a questão do cronotopo, Fiorin observa que:

As pessoas organizam o universo de sua experiência imediata com imagens do mundo, criadas a partir das categorias de tempo e espaço, que são inseparáveis. [...] Para estudar a natureza das categorias de tempo e espaço representados nos textos, Bakhtin cria o conceito de cronotopo, formado das palavras gregas *crónos* (= tempo) e *tópos* (= espaço). Os textos literários revelam-nos os cronotopos de épocas passadas e, por conseguinte, a representação do mundo da sociedade em que eles surgiram. Figura-se o mundo por meio de cronotopos, que são, pois, uma ligação entre o mundo real e o mundo representado, que estão em interação mútua. O cronotopo brota de uma cosmovisão e determina a imagem do homem na literatura. A relação entre espaço e tempo é indissolúvel (Fiorin, 2006, p. 133).

A teoria do cronotopo de Bakhtin contribui com a análise porque é uma forma de estruturação do tempo e do espaço que se configura no romance. Contudo, a função da teoria não se limita ao enquadramento da narrativa, pois a diversidade da construção literária sofre influência do momento histórico, assim como do espaço geográfico no qual a narrativa foi construída. Nesse mesmo sentido, Fiorin analisa o cronotopo como sendo “uma categoria conteudístico-formal que mostra a interligação fundamental das relações espaciais e temporais representadas nos textos, principalmente literários” (Fiorin, 2006, p.134), ou seja, categorias primárias da percepção enquanto determinante da imagem do homem na literatura. Segundo as concepções de Amorim (2018)

O conceito de cronotopo trata de uma produção da história. Designa um lugar coletivo, espécie de matriz espaço-temporal de onde várias histórias se contam ou se escrevem está ligado aos gêneros e a sua trajetória. Os gêneros são formas coletivas típicas, que encerram temporalidades típicas e assim, conseqüentemente, visões típicas do homem [...] podemos então concluir que, no trabalho de análise dos discursos e da cultura, quando conseguimos identificar o cronotopo pode uma determinada produção discursiva, podemos dele inferir uma determinada visão de homem (Amorim, 2018; p. 105).

Bakhtin trata da existência de vários tipos de cronotopo e trabalha essa proposta no romance grego, no romance aventuresco de costume, no romance biográfico, no romance de cavalaria; os quais possuem, dentro de sua composição, diferentes formas de relação do homem com o espaço-tempo, “os cronotopos podem se incorporar um ao outro, coexistir, se entrelaçar, permutar, confrontar-se, se opor ou se encontrar nas inter-relações mais complexas” (Bakhtin, 2014, p. 357). Com base nessas concepções é possível destacar três tipos de cronotopo observados em *Os Supridores*.

**Cronotopo representador do autor:** “o autor ocupa uma posição responsável no acontecimento do existir, opera com elementos desse acontecimento, e, por isso, a sua obra é também um momento desse acontecimento (Bakhtin 2006, p.176)”. O contexto dialógico entre autor e leitor pode ocorrer em qualquer tempo.

**Cronotopo do mundo real e do mundo representado:** pode ser analisado considerando o mundo da vida fora da literatura, pois se apresenta em todos os aspectos da vida, já que a linguagem é essencialmente cronotópica, contudo não trata de uma abordagem biográfica, mas da representação de momentos excepcionais da vida, torna os enredos possíveis. Dessa forma, o espaço tanto o mundo do autor que reflete seus juízos oriundos das questões sociais na obra, quanto do leitor são cronotópicos. Cabe considerar que os elementos da narrativa partem do espaço e fazem referência direta à realidade, ou seja, o leitor faz alusão a lugares que comumente são encontrados no cotidiano social (Brandão, 2013, p. 59). No romance contemporâneo os espaços urbanos ganharam destaque e funcionam bem nesse contexto do mundo representado.

O sujeito que fala no romance é sempre, em certo grau, um ideólogo e suas palavras são sempre um ideologema. Uma linguagem particular no romance representa sempre um ponto de vista particular sobre o mundo, que aspira a uma significação social (Bakhtin, 1998, p. 135).

A literatura de José Falero materializa um cronotopo do mundo real e do mundo representado quando constrói um espaço ficcional que parte do seu eu e acaba por representar uma grande parcela da população brasileira que se encontrada abandonada nas periferias. “O caráter paradoxal da experiência literária se explica pelo fato de esta tornar possível o questionamento da oposição entre real e ficcional (Brandão, 2013, p. 32)”. O romance tem sua narrativa construída no espaço periférico, o cenário das ações é construído com riqueza de detalhes, em medida que permite ao leitor analisar cada personagem a partir do detalhamento dos ambientes que provoca transformações nesses

indivíduos. A descrição da avenida que liga o centro ao bairro e fazendo fronteira com algum matagal é um exemplo de território que se interrelaciona com os sentimentos das personagens.

Despontando da avenida Bento Gonçalves, perto da divisa entre Porto Alegre e Viamão, a estrada João de Oliveira Remião apresentava, logo de cara, a primeira de suas muitas ladeiras, já ali ameaçando oferecer o céu como destino. Não que a Lomba do Pinheiro fosse um paraíso. Antes pelo contrário, inclusive: afastada do Centro, fora do alcance dos tentáculos do poder público, abandonada à própria sorte, assim tinha construído em torno de si uma assustadora fama de terra sem lei, onde nem as mais abomináveis selvagerias eram motivo de surpresa; e essa fama, infelizmente, não estava tão longe da realidade. Dúzias de vilas compunham o bairro, todas crescendo e crescendo sem qualquer planejamento às margens da estrada, todas derramando-se desordenadamente por encostas íngremes, todas fazendo fronteira com algum matagal. (Falero, 2020, p. 18).

Essa abordagem que parte dos espaços para a construção da narrativa contempla uma análise sociológica mais marcante que o contexto literário. Todavia, interessa-nos a obra literária considerando a narrativa pautada nas denúncias, deste modo, essa produção do “ponto de vista literário, oferece novos desafios no contexto da história da literatura brasileira: pelo conteúdo, pela forma, pela linguagem e, sobretudo, pelo lugar de enunciação” (Reyes 2013: 15). Contudo, a periferia não é apenas o cenário das ações, o contexto apresentado faz com que vejamos o espaço existencial do autor.

[...] o início e o fim do acontecimento narrado (representado) e o início e o fim da narração (representação) desse acontecimento são acontecimentos completamente diversos, situados em diferentes universos e, antes de tudo, em diferentes cronotopos: no cronotopo das personagens, no cronotopo do autor (narrador) e no cronotopo do ouvinte (ou leitor). É muito complexa a interrelação desses três cronotopos (no cronotopo do autor entre o cronotopo do ouvinte, que o autor procura antecipar e a quem se dirige a sua narrativa. (Bakhtin 2018, p. 238)

Com representação na obra literária, o incômodo do autor impulsiona a voz de outros sujeitos que estão na mesma situação, e o desconforto torna-se algo coletivo, “o silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a eles, vozes que buscam falar em nome deles, mas também, por vezes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes (Dalcastagné, 2002, p.34)”. Ainda observando a situação de três garotos abandonados à própria sorte, o narrador pontua: “avizinhava-se silenciosamente o dia infeliz em que teriam de escolher entre ser bandido ou ser escravo, se quisessem continuar vivendo (Falero, 2020 p.24)”.

Alejandro Reyes (2013) em sua obra *Vozes dos porões* trata do contexto que engloba as discussões sobre a representação da violência, do crime organizado e da brutalidade policial, assim como os debates sobre a autoridade da enunciação a partir do lugar do enunciador, em questão o escritor periférico. Compreende ainda que a humanização tenta evitar o apelo fácil da dicotomia entre o bem e o mal, da justificativa da violência pela vitimização do criminoso. Destaca que nas obras periféricas a crítica é ao sistema. Assim, cabe ao leitor analisar os extremos entre a ficção e a violência sistematizada presente nas comunidades representada na obra. Essas interpretações poderiam ser vistas como uma guerra discursiva (Reyes, 2013, p.92,93).

Tratando das concepções de espaço, Menezes (2022) discute a obra contextualizando o que ela chamou de geografia da violência urbana, considerando Falero como um escritor e pensador. A autora afirma ainda que Falero utiliza-se da sua escrita para dar voz a seus incômodos, às suas reflexões e à forma com que enxerga o mundo. Sendo assim, Falero estaria pensando a si e pensando o mundo a partir de suas próprias produções. Kahmann (2021) entende a obra de Falero como sendo uma literatura trânsfuga, ou seja, uma literatura que rompe barreiras de expectativas no jogo literário.

O cronotopo do mundo real e do mundo representado é o mais significativo na análise desse romance, pois no decorrer na narrativa é possível observar a periferia como ponto de partida de todas as personagens, conseqüentemente suas histórias, representação de muitos sujeitos reais, com isso “o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história” (Bakhtin, 2014, p. 211). A movimentação das personagens reforça a dinamização das relações do sujeito com espaço que ocupa. Ser proveniente do espaço ocupado pelas personagens faz com que o autor descreva com propriedade os espaços e o sentimento de descontentamento apresentado no romance. Como afirma Reyes (2013) o intelectual periférico é um sujeito entre dois mundos.

O caminho percorrido pelos escritores periféricos é um percurso que nasce na própria fala periférica e volta para ela, enriquecida, depois de uma longa e acidentada viagem pelos meandros da língua. Uma viagem que parte da riqueza gingada do próprio vernáculo, subseqüentemente engaiolado pelo ensino obrigatório de uma linguagem engravatada que pouco ou nada tem a ver com a própria realidade, e massacrado pelo preconceito (Reyes, 2013, p.124).

Na narrativa o cronotopo real está nas pessoas, nos espaços descritos, assim como os conflitos que formam o enredo. Em alguma medida, observou-se ainda “o autor fora de sua obra como um homem que vive sua vida biográfica, mas dentro dela o encontramos como criador” (Bakhtin, 2014, p.359), devido os relatos do autor e a proximidade com o enredo de suas personagens. Em *Os Supridores* é possível pensar em dois níveis de enunciação: há o nível ficcional de enunciação, cujo sujeito é o Pedro – narrador/personagem; e um nível não – ficcional de enunciação, cujo sujeito é José Falero. As vozes das personagens são veiculadas pela voz do narrador, mas o narrador também pode ser personagem, pois pode parecer representado, figurado em sua própria narrativa (Brandão, Oliveira 2019, p.3).

**Cronotopo do ouvinte ou leitor:** O lugar que o ouvinte ocupa em relação ao discurso é relevante pois por intermédio dessa ação, o receptor apresenta uma nova concepção acerca do que lhe foi apresentado, ou seja, sua posição é responsiva no processo. Na relação o leitor e discurso literário, há a possibilidade de o leitor concordar, discordar do narrador (total ou parcialmente), completá-lo, aplicá-lo, e ainda preparar-se para usar o discurso literário na vida (Bakhtin 2006, p.271).

Em um trecho do romance é descrita a situação de garotos em uma viela da comunidade, “os garotos lhe inspiravam dó. O mesmo dó que tinha de si próprio. Ali estavam os três, descalços, vestidos de trapos, sentados no fundo dum beco, falando bobagem e se espreguiçando, se espreguiçando e falando bobagem, abandonados pela “mãe gentil” (Falero 2020 p.24)”. Nota-se a ironia nos moldes machadianos diante do negligenciamento do Estado, “mãe gentil”, com esses garotos, uma ironia fina “evocando as noções de ponta aguda e penetrante, de delicadeza e força juntamente. (Candido 1977, p.18)”.

O conflito moral entre o que é correto, trabalhar e receber por isso, ainda que não seja o suficiente para atender suas necessidades básicas, suas perspectivas de futuro, o desejo de consumo/conforto, e aquilo que embora seja subjetivo parte da ideia de merecimento, diante de tudo que se produz e quanto é recompensado. Além disso, no caso do empreendimento da venda da maconha fica o empasse do ilícito e tudo o que os ganhos da comercialização podem proporcionar. Quando na verdade a discussão deveria partir das situações que levam o sujeito a escolher o crime, como o espaço social em que ele está inserido contribui para isso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação buscou apresentar a obra *Os Supridores*, assim como seu autor, José Falero, considerando as linhas temáticas do romance brasileiro contemporâneo com base em uma revisão bibliográfica sobre a literatura periférica e o modo como as temáticas podem contribuir para uma melhor compreensão do sujeito periférico. O estudo justificou-se diante da representatividade e empoderamento popular alcançados por obras e autores que foram publicados recentemente e que trazem o sujeito e suas frustrações diante das limitações socioeconômicas como objeto principal na construção do romance.

Ao término da análise do romance observou-se que a representação e a marginalidade como pauta das temáticas do romance brasileiro contemporâneo estão além do contexto literário. A obra alcançou visibilidade significativa em pouco tempo após sua publicação. Assim, foi possível constatar que a dignidade do sujeito periférico exposto a situações de violência, como é o caso da exploração trabalhista, faz com que essas pessoas enxerguem o crime como única alternativa de poder e crescimento, o desejo de potência.

A abordagem dessas temáticas esbarra em questões sociais que exigem discussões mais profundas em diversas áreas do conhecimento, haja vista que a desigualdade social é um fator que interfere na formação do sujeito como um todo. No âmbito dos estudos literários, discorrer acerca da representatividade e da marginalidade é efetivar o papel social e político da literatura. Textos críticos e dotados de denúncias despertam reflexões profundas sobre como a arte da palavra pode empoderar pessoas e favorecer a conquista de novos espaços.

Não basta pensar em lugar de fala, é imprescindível ter em mente que o outro deve ser ouvido e compreendido. A literatura enquanto representação da sociedade deve prospectar mudanças nesses cenários de desigualdade. Desse modo, no cenário contemporâneo a proposta de análise partiu da representatividade da Literatura Periférica, contudo, constatou-se que a multiplicidade do período, a movimentação cinematográfica da narrativa, fazem com que a obra seja significativa e relevante no cenário acadêmico na medida em que não se esgotam aqui as possibilidades de discussão acerca do sujeito periférico e o seu desejo de pertencimento.

Retoma-se a premissa de que, “o indivíduo depende da sociedade, mas ela também depende do indivíduo” (Mariotti, 2010, p. 146). O sujeito influencia e é influenciado,

independentemente de suas origens. Um ponto relevante desse contexto é o fato de que o romance construído atualmente conta com histórias reais e comum a muitas pessoas, o que não ocorria em outros períodos literários, são histórias oriundas de sujeitos e cenários reais que reforçam o viés representativo. A periferia sempre produziu conteúdo, mas nem sempre houve interesse em conhecer um pouco mais sobre isso. Os indivíduos sempre expuseram seus desejos com expressões populares como o *happ* e *Funk*, mas o alcance representativo ainda era limitado. O texto literário tem o apoio da internet e toda a agilidade que as mídias sociais prospectam.

José Falero conquistou espaço com o auxílio da internet no período pandêmico em que participou de entrevistas, encontros literários, *podcasts* e ampliou suas publicações de crônicas conquistando sujeitos que não se viam representados no cenário literário, e que passaram a se reconhecer nas ações apresentadas por Falero e tornaram-se leitores. Enxergar-se potencializa a leitura, com isso, nas interrelações do tempo (contemporâneo) e do espaço (periferia) coube propor uma análise baseada nas concepções de Bakhtin e sua teoria do cronotopo, a imagem do homem na literatura.

Esse tempo e espaço podem ser vistos como algo subjetivo diante da compreensão de cada leitor. Contudo, se observarmos a partir do espaço existencial do sujeito, base da narrativa, tem-se muitos outros espaços descritos no romance que se assemelham como cenário pautado na busca por melhores condições de vida. Nota-se essa abordagem no espaço do supermercado Fênix, na descrição das casas e vielas da comunidade, e até no presídio território em que o narrador/protagonista apresenta sua reflexão da vida como sendo uma sopa que depende do modo como preparamos.

Posto isto, “ainda hoje, é a metáfora da sopa que ajuda Pedro a engolir o pão que o diabo amassou, quase uma década após ter sido jogado atrás das grades (Falero. 2020, p.235). E essa reflexão pode ser assimilada por todos nós, afinal cada um tem sua essência, suas perspectivas e propósitos independentemente dos espaços que estejamos ocupando. O tempero da nossa vida pode ser comprometido várias intercorrências, mas teremos que consumir de qualquer forma.

É imprescindível salientar a questão da representatividade, buscar uma compreensão acerca do lugar de fala que tanto tem sido pontuado. Mas mais que isso, o lugar de quem ouve deve ser tratado com o mesmo cuidado.

**REFERÊNCIAS**

ALTMAN, Breno. José Falero: um tapa na literatura chique. *Programa SUB 40*, 22 set. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Sh9Fad-K7Dg>. Acesso em: 30 de novembro de 2022.

ALVARENGA, Camila. José Falero: Quando literatura questiona privilégios, é chamada de panfletária. *Revista Opera Mundi*, 17 de set. de 2021. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/sub40/71327/josefaleroquandoliteraturaquestionaprivilegiose-chamada-de-panfletaria>. Acesso em: 10 janeiro de 2023.

AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth. Bakhtin: outros conceitos chave. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões da literatura e da estética: a teoria do romance*. São Paulo: UNESP, 1988.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e estética*. São Paulo: Hucitec, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética (a teoria do romance)*. Trad. Aurora Bernardini et al. São Paulo: HUCITEC, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário, Homero Freitas de Andrade. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5865055/mod\\_resource/content/1/Bakhtin.Epos%20e%20Romance.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5865055/mod_resource/content/1/Bakhtin.Epos%20e%20Romance.pdf). Acesso em: 20 de janeiro de 2024.

BRAIT, Beth. *A personagem*. 7 ed.. São Paulo: Ática, 1999.

BRANDÃO, Luis Alberto. *Teorias do espaço literário*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte, MG: FAPEMIG, 2013.

BRANDÃO, Luis Alberto; OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. *Sujeito, tempo e espaços ficcionais: introdução a teoria da literatura*. 2ª. Ed. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2019.

BOTTON, A. N. M.. Uma entrevista com o escritor José Falero. *Navegações*, 15(1). 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1983-4276.2022.1.42101>. Acesso em: 30 de novembro de 2022.

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. *Itinerários* – Revista de Literatura. Araraquara, n. 10, 1996. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2577/2207>. Acesso em: 12 de dezembro de 2023.

BOSI, Alfredo. A escrita e os excluídos. In: *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CANDIDO, Antonio. Introdução. In: *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. 1750-1880*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul; São Paulo: FAPESP, 2009.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio. ROSENFELD, Anatol. PRADO, Décio de Almeida. GOMES, Paulo Emílio Salles. A personagem de ficção. 10ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CANDIDO, Antonio. A personagem de ficção. São Paulo: Perspectiva, 2014.

CARRETEIRO, T. C. Perspectivas da cidadania brasileira: entre as lógicas do direito, do favor e da violência. In J. N. G. Araújo & T. C. Carreteiro (Orgs). *Cenários sociais e abordagem clínica*. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec. 2001, p. 154-168.

CIAMPA, A. C. *A estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo: Editora Brasiliense. 1987.

COELHO, Lisiani. SPAREMBERGER, Alfeu. *Os Supridores*, de José Falero: a periferia do Rio Grande do Sul em foco. *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 43, p. 1-9, 2021. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras>. Acesso em: 02 de novembro de 2022.

COMPAGNON, Antonie. *O demônio da teoria*. Belo Horizonte, Editora: UFMG, 1999.

DALCASTAGNÉ, Regina. Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. Brasília, v. 20, p. 33-77, 2002. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/viewFile/2214/1773>. Acesso em: 02 de novembro de 2022.

DALCASTAGNÉ, Regina. Vozes nas sombras: representação e legitimidade na narrativa contemporânea. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea*. Vinhedo: Horizonte, 2008.

DALCASTAGNÉ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

D'ANDREA, Tiaraju. Contribuições para a Definição dos Conceitos Periferia e Sujeitas e Sujeitos Periféricos. *Novos Estudos CEBRAP* 39 (1), Jan-Abr., 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/whJqBpqmD6Zx6BY54mMjq>. Acesso em: 14 de setembro de 2023.

DAMATA, Anderson Luís Nunes. Representações e responsabilidade na narrativa brasileira contemporânea. In: DALCASTAGNÉ, Regina; THOMAZ, Paulo C. (org.). *Pelas margens: representação na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Editora Horizonte, 2011.

DIAS, Santiago. Era uma vez a “classe social que mantinha a merda do país funcionando”: História e literatura em *Os supridores*, de José Falero. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/65365/Monografia%20final%20%20San%20tiago%20Dias.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 05 de dezembro de 2022.

EAGLETON, T. Introdução: o que é literatura? In: *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FAEDRICH, Anna. O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea. *Revista Itinerários*, Araraquara, 2015.

FALERO, José. *Vila Sapo*. Belo Horizonte: Venas Abiertas. 2019.

FALERO, José. *Os supridores*. São Paulo: Todavia, 2020.

FALERO, José. Sobre o direito à cidade. *Matinal Jornalismo*, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://www.matinaljornalismo.com.br/parentese/sobre-o-direito-a-cidade>. Acesso em: 20 set. 2022.

FALERO, José. *Mas em que mundo tu vive?* São Paulo: Todavia. 2021.

FALERO, José. De onde eu venho nada é sozinho, tudo é coletivo. [Entrevista concedida a] Katia Marko e Fabiana Reinholz. *Brasil de Fato*, 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/12/22/josefalerodeondevenhonadaesozihotudooesempre-coletivo>. Acesso em: 20 de março de 2023.

FARIA, Ana Amélia Cypreste; BARROS, Vanessa de Andrade. Tráfico de drogas: uma opção entre escolhas escassas. *Psicol. Soc.* 23 (3), dez., 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/jF9zDHHrLm6pgbXhcXtZYXf/#>. Acesso em: 11 de setembro de 2023.

FERRÉZ. Terrorismo literário. In: FERRÉZ (org.). *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*. São Paulo: Agir, 2005.

FRANCOEUR, Lolita. Supermarché de José Falero: le roman venu tout droit des favelas. le roman venu tout droit des favelas. 2022. Disponível em: <https://actualitte.com/article/106458/avantparutions/supermarchedejosefaleroleromanvenutout-droit-des-favelas>. Acesso em: 03 out. 2022

FREIRE, Eduardo Duarte, et al. Lomba do Pinheiro. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, Memória dos Bairros. Porto Alegre, 2000. Disponível em: [https://rgp1poa.files.wordpress.com/2011/10/historia\\_dos\\_bairros\\_de\\_porto\\_alegre.pdf](https://rgp1poa.files.wordpress.com/2011/10/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf). Acesso em: 14 de agosto de 2023.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Editora Ática, 2006.

FRETTA, Cristiano. *Os Supridores*, de José Falero. *Revista Sepé online*. Ano 04, nº 10, Abril/julho de 2023. Disponível em: <https://revistasepe.art.br/2020/12/15/os-supridores-dejose-falero/>. Acesso em: 15 de outubro de 2023.

GANCHO, C. V. *Como analisar narrativas*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006.

GENETTE, Gérard. *Figuras*. São Paulo: Perspectiv a, 1972. **In.**

GIMENES, Roseli. Um lugar de fala: narrativas de vida afrodescendentes. In: ROLON, Renata Beatriz B. *Literaturas em diálogos: africanidades. afrodescendências, trânsitos*. Rio Branco: Nepan Editora, 2022. Disponível em: <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/bitstream/riuea/4396/1/Literaturas%20em%20di%C3%A1logo%20%20africanidades%2C%20afrodescend%20%20Ancias%2C%20tr%C3%A2nsitos%20ebook.pdf>. Acesso em: 12 de setembro de 2023.

GLORIA, Rafael. José Falero: O que é tido como a “verdadeira literatura” é totalmente descolado da realidade do povo brasileiro. Porto Alegre: Nonada, 23 jun. 2020. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2020/06/jose-falero-o-que-e-tido-como-averdadeiraliteratura-e-totalmente-descolado-darealidedo-povo-brasileiro/>. Acesso em: 7 de setembro de 2022.

GONÇALVES, Evanilton. Prefácio. In: FALERO, José. *Vila Sapo*. Porto Alegre: Venas Abiertas, 2019.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 3. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 1999.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

HALL, Stuart. Que negro é esse na cultura negra. In: SOVIK, Liv (Org.). *Da Diáspora – Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

HENRIQUE, Guilherme. *et al.* José Falero, de *Os supridores*: Um escritor em busca da fórmula mágica da paz. *El País*, 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-08-09/um-escritor-em-busca-da-formula-magica-da-paz.html>. Acesso em: 10 abril de 2022.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Metodologia do censo demográfico 2010. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2ª Ed., n. 41, 2016, 711 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95987.pdf>. Acesso em: 21 de agosto de 2023.

JACOBI, Leonardo dos Santos. *Os Supridores*: O espaço do outro e a identidade marginal. In: ANGELINI, Paulo Ricardo Kralik; ROQUE, Márcia Cristina; CIBOTARI, Teresa Beatriz Azambuya (Orgs). *O outro, esse estranho: identidade e alteridade na literatura e em outras manifestações artísticas*. Caxias do Sul/RS: Educs, 2022. Disponível em: <https://www.ucs.br/educs/arquivo/ebook/o-outro-esse-estranho/>. Acesso em: 16 de outubro de 2023.

KAHMANN, Andrea Cristiane. A literatura trãnsfuga de José Falero. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 31, n. 3, 2021, p. 97-118. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/29268/28570>. Acesso em: 20 de junho de 2022.

LUCCHESI, Alexandre. De servente de pedreiro a escritor: gaúcho José Falero conquista mercado editorial do centro do país. *GZH – LIVROS*, 2021. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/culturaelazer/livros/noticia/2020/08/deserventedepedreir>

[oescritorgauchosjosefaleroconquistamercadoeditorialdocentrodopaisckdywbjs4003m013gsq56bgkx.html](https://oescritorgauchosjosefaleroconquistamercadoeditorialdocentrodopaisckdywbjs4003m013gsq56bgkx.html). Acesso em: 18 de fevereiro de 2022.

LUKÁCS, Georg. *Arte e sociedade: escritos estéticos – 1932-1967*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

LUKÁCS, Georg. O romance como epopeia burguesa. In: *Arte e sociedade – Escritos estéticos 1932-1967*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

LUKÁCS, Georg. *Marxismo e teoria da literatura*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MAGRIS, C. O romance é concebível sem o mundo moderno? In: MORETTI, F. (Org.). *A cultura do romance*. São Paulo: Casac Naify, 2009.

MARQUES, Ariane dos Santos. Abastecimento de Água: Estudo de caso do racionamento de água no bairro Lomba do Pinheiro - Porto Alegre/RS. Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/30396/1/Ariane%20Marques.pdf>. Acesso em: 19 de agosto de 2023.

MATHIAS, Dionei. Pertencimento: Discussão Teórica. *AEA*, Rio de Janeiro, vol. 25/1, jan-abr., 2023, p. 166-187. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/5j8SHLFb5zy65tR5s5fjpSy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 de junho de 2023.

MELO, Jorge. A nova literatura brasileira é das periferias e favelas; conheça escritor José Falero. [S. l.]: *Maré Online*, 12 set. 2021. Disponível em: <https://mareonline.com.br/anovaliteratura-brasileira-e-das-favelas-e-periferias-conheca-escritor-josefalero/>. Acesso em: 02 de novembro de 2022.

MELLO BOTTON, A. N.; AMODEO, M. T. Literatura periférica: uma análise da história da Literatura Brasileira como caminho para sua inserção na Literatura Brasileira contemporânea. *Muitas Vozes*, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 587–603, 2019. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/12488>. Acesso em: 22 out. 2023.

MENEZES, Cynara. TV Fórum. Papo-Cabeça com o ex-servente de pedreiro e escritor gaúcho José Falero. *YouTube*, publicado em 28/05/2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=e6Id4ha4BIo&ab\\_channel=TVF%C3%B3rum](https://www.youtube.com/watch?v=e6Id4ha4BIo&ab_channel=TVF%C3%B3rum). Acesso em: 21 de agosto de 2023.

MICHAELSEN, Mariana Vogt. Da fome à letra: deslocamentos íntimos e geográficos em direção à comida. *Opiniões*, São Paulo, n. 22, pp. 374-397, 2023. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/208172>. Acesso em: 15 de setembro de 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social*. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINUZZO, David Kura. *Lomba do Pinheiro, Memória, Informação e Cidadania: Vozes, olhares e expectativas dos seus agentes e atores sociais*. Trabalho de Conclusão do Curso em Museologia. Porto Alegre, UFRGS/FABICO, 2011.

MONIZ, Renata. José Falero: a literatura deve pertencer ao povo. *Revista Trip*. São Paulo, fev. 2021. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/jose-falero-a-literatura-devepertencerao-povo>. Acesso em: 02 de novembro de 2022.

MORAES, Manuela Garcia. Era uma vez a Fazenda do Boqueirão: Memória, território e imaginário em torno da Fazenda do Boqueirão, Lomba do Pinheiro, Porto Alegre, RS. Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/169439/001048532.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 de agosto de 2023.

NOGUEIRA, Paulo. José Falero conquista crítica e público com *Os supridores*. *Estado de Minas*, 2021. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2021/02/26/interna\\_pensar,1241051/jose-falero-conquistacritica-e-publico-com-os-supridores.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2021/02/26/interna_pensar,1241051/jose-falero-conquistacritica-e-publico-com-os-supridores.shtml). Acesso em: 20 de agosto de 2023.

OLIVEIRA, Cleber José de. Literatura modernista e literatura periférica: engajamentos intelectuais de representação e autorrepresentação. *ArReDia*, Dourados, v. 6, n. 10, p. 43-57, jun. 2017. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/arredia/article/view/6121>. Acesso em: 20 de agosto de 2023.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. *Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras; FAPERJ, 2013.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PMPA. *Memória dos Bairros: Lomba do Pinheiro*. Porto Alegre: Unidade Editorial, 2000.

RACIONAIS MC'S. *Sobrevivendo no inferno*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

REINHOLZ, Fabiana. “A linha que separa o autobiográfico do ficcional é muito tênue”, afirma Falero. *Brasil de Fato*. Porto Alegre, 07 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/05/07/alinhaqueseparaoautobiograficodoficcional-muito-tenue-afirma-falero>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2022.

REYES, Alejandro. *Vozes dos porões: a literatura periférica/marginal do Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

RIBEIRO, Bruno. José Falero, o ex-supridor de supermercado que se tornou o escritor mais discutido do Brasil. [S. l.]: *Revista Opera*, 23 ago. de 2021. Disponível em: <https://revistaopera.com.br/2021/08/23/jose-falero-o-ex-supridor-desupermercado-que-setornou-o-es-criptor-mais-discutido-do-brasil/>. Acesso em 01/05/2022.

SILVEIRA, Jacira Cabral. Periferia como demarcação social. *Jornal da Universidade*. Porto Alegre, Ago. 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/periferia-comodemarcacao-existencial/>. Acesso em: 21 de agosto de 2023.

SOUZA, Juliana Lima Catinin de. O rapper como intelectual orgânico: um estudo etnomusicológico sobre Nyl MC e a emancipação na sociedade brasileira. Dissertação de Mestrado em Ciências Musicais – Etnomusicologia. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, 2019. Disponível em: [https://run.unl.pt/bitstream/10362/98381/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20mestrado%20%20O%20rapper%20como%20intelectual%20org%C3%A2nico%20%20JULIANA%20CATININ\\_vers%C3%A3o%20paginada\\_alterada.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/98381/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20mestrado%20%20O%20rapper%20como%20intelectual%20org%C3%A2nico%20%20JULIANA%20CATININ_vers%C3%A3o%20paginada_alterada.pdf). Acesso em 01/05/2022.

TAVARES-DOS-SANTOS, José Vicente. *O romance da violência* (sociologia das metamorfoses do romance policial). Porto Alegre: TOMO, 2020.

TAVARES-DOS-SANTOS, José Vicente; TEIXEIRA, Alex N. Figurações da Violência: uma apresentação enigmática. In: *Sociologias*, Porto Alegre, ano 15, nº 34, set./dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/twqNr8K8NmV9vLc4t4sG6wL/?lang=pt>. Acesso em: 20 de janeiro de 2024.

TENÓRIO, Jeferson. Orelha à obra *Os Supridores*. In: FALERO, José. *Os supridores*. São Paulo: Todavia, 2020.

TERTO, Ricardo. Podcast Quarta Capa Todavia #19 - Os supridores. Entrevistado: José Falero. Entrevistador Ricardo Terto. São Paulo: Editora Todavia, jul. 2021. *Podcast*.

Disponível em:  
<https://open.spotify.com/episode/12K6a7hSmAiNrDk7w2we5T?si=6c44146733e44e4c>.  
Acesso em: 12 de maio de 2022.

VALDEZ, Ramiro. *Os Supridores*, de José Falero: uma radiografia das violências no Brasil contemporâneo. *Revista Contraponto*, v. 9, n. 2, 2022.

WALTY, Ivete; GUIMARÃES, Raquel (Org.). *Literatura marginal e sua crítica*. São Paulo: Hucitec, 2018.

WEBER, Jéssica Rebeca. Da Vila Sapo para as livrarias do Brasil: conheça a história de José Falero. Porto Alegre: *GZH*, 7 out. de 2021. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/portoalegre/noticia/2021/10/davilasapoparaaslivrariasdo-brasil-conheca-a-historia-de-josefalero-kuh1hgbd0032019mg1aao3w.html>. Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

YOSHIKAWA, Eiji. *Musashi*. Tradução: Leiko Gotoda. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.